COMO NASCERAM AS CIDADES DO BRASIL

PLÍNIO SALGADO

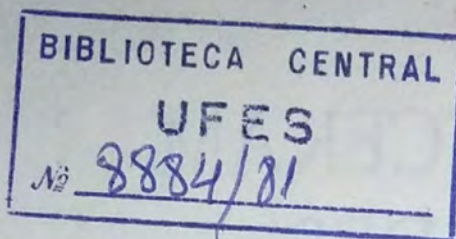
COMO NASCERAM AS CIDADES DO BRASIL

5.ª Edição

Editora Voz do Oeste
São Paulo
em convênio com o
Instituto Nacional do Livro/MEC
1978

Os originais que foram usados para as reproduções das páginas 12 - 29 - 38 - 68 - 76 - 79 - 95 - 107 - 120 - 132 - 136 - 159 - 164 foram cedidos para esta edição, por gentileza de Edições Melhoramentos. O mapa das páginas 140 - 141 foi reproduzido de original do arquivo de Plínio Salgado.

Capa: mapa do Brasil reproduzido do Atlas dos Reinel, por sugestão de C.P.S.

Projeto editorial e supervisão técnica: G.R.D.

Salgado, Plínio, 1895-1975.
S159c Como nasceram as cidades do Brasil / Plínio Salgado. — 5. ed. — São Paulo : Voz do Oeste ; [Brasília] : INL, 1978.
5.ed. Bibliografia.

Conteúdo parcial: Biobibliografia de Plínio Salgado. — Como nasceram as cidades do Brasil. — Plínio Salgado ou A nova luta por Cristo / de João Ameal. — Um livro de Plínio Salgado / de Tasso da Silveira.

1. Cidades — Brasil — História 2. Salgado, Plínio, 1895-1975 I. Ameal, João, 1902- II. Silveira, Tasso da, 1895-1968. III. Instituto Nacional do Livro. IV. Título.

17. CDD:301.3640981
18. :301.3630981
CCF/CBL/SP-78-0411 CDU:711.42(81) (091)

Índice para catálogo sistemático (CDD):
1. Brasil : Cidades : História : Sociologia
301.3640981 (17.) 301.3630981 (18.)

ÍNDICE

COMO NASCERAM AS CIDADES DO BRASIL

DOIS ARTIGOS SOBRE O PRESENTE VOLUME

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

PREFÁCIO

A reedição deste livro notável vem em boa hora, no panorama cultural brasileiro, por feliz iniciativa do Instituto Nacional do Livro. Num momento em que se reforça a difusão da nossa cultura, em que se proclama a necessidade de garantir a permanência da índole nacional, é muito necessário que se revigore nosso sentimento de brasilidade ao ler e degustar e apreciar e meditar nas páginas de um escritor privilegiado.

O vigoroso sentimento nacional, que se desdobra neste livro, está bem longe de ser o nacionalismo execrado por um Toynbee, aquela atitude tomada como espada de combate contra os outros povos do universo, ou ainda como visão deformada do resto do mundo. Não. É, isso sim, um conhecer-se do Brasil a si mesmo. É um fortalecer-se na maneira de ser nacional, no cultivo da feição própria de uma Nação com caráter peculiar, feição essa que, se a diferencia, lhe dá também a possibilidade de contribuir com aspectos originais no universal intercâmbio de ideais, soluções e atitudes. Cultivar sua história, seus vultos, seus feitos, fortalecendo a consciência de sua peculiaridade como Nação, e, assim, atuar beneficamente no âmbito internacional, é, como conceito, tão importante como a pessoa que cultiva as virtudes de sua personalidade e as reforça, não para sua própria exaltação, mas para ser mais útil no exercício do bem comum.

É nesse sentido que esta obra é preciosa. Em pinceladas de verdadeiro artista, se desdobram não só as histórias da fundação de cidades, mas um vitral de fla-

grantes motivadores, que, na ênfase e reforço dos contornos, faz rutilar a beleza das epopéias.

Aos jovens, a História não deve e não pode ser apenas um maçante compulsar de documentos fragmentários de realidades menores, mas sim o grande mural que permita identificar as linhas mestras da destinação nacional.

Este livro ensina a amar o Brasil, leva-nos a entendê-lo como uma síntese do próprio mundo, pela multiplicidade das fisionomias da terra e do homem. Por isso mesmo tantos aqui vieram e neles adormeceu a nostalgia das origens.

Ao perfilhar estas páginas, encontramos, não raro, expressões de pura poesia:

> "...os cursos dos rios,
> vestidos de prata do sol e do luar,
> vestidos de verde do reflexo das imagens da mata,
> dormindo nos remansos,
> despertando nas "corredeiras",
> desatando mil vozes no clamor das catadupas".

Mais adiante levantam-se as figuras assinaladas de João Ramalho, Tibiriçá, Anchieta, Caramuru, Raposo Tavares, Aleijadinho, Anhangüera: desfilam os pioneiros, os desbravadores, os fundadores da Nação.

> "É a canção nupcial do homem com a natureza...
> Cidades nascerão como filhos desse casamento cósmico".

São palavras que prosseguem, candentes, sejam a valorizar o simples, a verberar o conforto comodatício:

> "a pobreza é democrática e igualitária; e porque não divide os homens em castas, eles se entendem melhor, realizando um conjunto psicológico homogêneo, condição essencial no êxito das empresas que exigem a colaboração de todos";

sejam a enriquecer a ação do homem na História, como instrumento da Providência, como assevera o Autor, referindo-se a Fernão Dias:

> "a missão que Deus confia a cada um é executada, muitas vezes as pessoas julgando desempenhar outra".

Mas este livro é sobretudo um livro de Patriotismo e de Fé:

> "os velhos canhões estendem seus pescoços de ferro, que os séculos patinaram... guardam as lembranças dos heróis do sertão, ensinando aos brasileiros de hoje a lição a seus maiores, quando afirmaram no Continente a soberania da Pátria".

Sem dúvida o maior patrimônio que o Brasil recebeu de Portugal é a religião de Cristo: "o supremo instrumento de expressão de nossa alma de Povo".

Na época em que vivemos, em que se apresenta como que uma encruzilhada nos rumos da Humanidade, onde os feitos da tecnologia, e a preocupação de ordem econômica, mais do que nunca preocupam os homens, percebe-se claramente como que a autodestruição das nações pela decadência moral e desestímulo e preservação dos grandes valores espirituais do Homem.

Por isso tem sentido, e tem importância transcendente, uma obra que nos reacende o amor às cousas que realmente "valem a pena quando a alma não é pequena".

Brasília, 28 de dezembro de 1977.

EURO BRANDÃO

BIOBIBLIOGRAFIA DE PLÍNIO SALGADO
(Organizada por G.R.D.)

I
Síntese cronológica

1895 — Nascimento, a 22 de janeiro, na cidade paulista de São Bento do Sapucaí, filho do farmacêutico Francisco das Chagas Esteves Salgado e da professora dona Ana Francisca Rennó Cortez.
Quando criança, juntamente com seus irmãos, ouvia preleções de seu progenitor, chefe político do município, em torno de Caxias e outros grandes vultos da história pátria. Lia muito, principalmente os clássicos da língua.

1911 — Aos 16 anos, com o falecimento de seu pai, e estudando no Ginásio São José, em Pouso Alegre (Estado de Minas), teve de voltar para São Bento do Sapucaí a fim de cuidar de sua progenitora e dos quatro irmãos mais novos.

1913 — Aos 18 anos, cria o Partido Municipalista, juntamente com alguns líderes regionais, "para combater a ditadura do governo estadual". Esta foi a primeira organização política brasileira a se voltar para a defesa do município. Aplica-se em sua cidade a diversas atividades: dirige um clube de futebol, um grupo teatral, pronuncia conferências, é orador oficial em todas as solenidades, é defensor de réus quando faltava advogados, funciona como topógrafo judicial e ocupa o cargo de inspetor escolar no município. Lança o semanário local "Correio de São Bento".

1918 — Casa-se com a senhorita Maria Amélia Pereira, descendente de tradicional família sãobentista, a qual veio a falecer após um ano, deixando uma filha, Maria Amélia, com apenas 15 dias, que passou a ser zelada pela avó e tios.

1919 — Muda-se para São Paulo onde ingressa como suplente de revisor, ascendendo logo a redator, no "Correio Paulistano", porta-voz do governo estadual na época. Aí trava conhecimento com inúmeros intelectuais e políticos, a muitos ligando-se por sólida e profunda amizade.

1922 — Realização da Semana de Arte Moderna, cujos principais participantes "apontaram novos caminhos, libertações integrais, nacionalismo espontâneo". Leitura absorvente de Marinetti, Soffici, Govoni, Apollinaire, Cocteau, Max Jacob, Cendrars.

1926 — Publicação de "O Estrangeiro". Preocupação com problemas políticos: leituras de Marx, Sorel, Lênin, Trotski, Riazanov, Plekanov, Fuerbach.
Falecimento de sua progenitora.

1928 — Insistentemente convidado pelo Presidente Júlio Prestes, candidatou-se a deputado estadual e é eleito com grande votação.

1930 — Viagem à Europa e Oriente, como preceptor de um jovem paulistano. Vê as transformações políticas da Turquia, da Itália, da Alemanha, "lê uma vasta literatura comunista que circulava em Paris", examina a pequena Bélgica, medita no Egito (sobre o imperialismo inglês), observa a anarquia dos espíritos na Espanha e a nova ordem em Portugal: "tudo me mostrava a morte de uma civilização, o advento de uma nova etapa humana". Deflagrada no Brasil, a revolução contra Washington Luís e o sistema político que representava.

1931 — Fundação e direção de "A Razão". Artigos diários de doutrinação política e análise da situação brasileira e internacional.

1932 — Revolução Constitucionalista. Incêndio de "A Razão". Fundação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP). Lançamento do Manifesto de Outubro, com que se iniciaram as atividades independentes da Ação Integralista Brasileira, antes um setor de orientação política da SEP.

1935 — Intentona comunista no quartel da Praia Vermelha, ocasião em que foram assassinados covardemente pelos comunistas, na calada da noite, quando dormiam, indefesos, inúmeros oficiais do Exército Brasileiro que eram adeptos do Integralismo. Por telegrama ao Presidente da República é oferecida a ajuda dos Integralistas.

1936 — Casa-se em segundas núpcias com a senhorita Carmela Patti, pertencente a conceituada família radicada em Taquaritinga, Estado de São Paulo, não havendo filhos deste consórcio.

1937 — Candidatura a Presidente da República, concorrendo com José Américo de Almeida e Armando de Salles de Oliveira. Fechamento de todas as organizações políticas. Implantação do Estado Novo.

1938 — Revolta (denominada "integralista" — V. *Dicionário de História do Brasil*, Melhoramentos, São Paulo, 1976, 4.ª edição, pg. 469) objetivando a restauração democrática do Brasil, e que ocasionou inúmeras prisões e fuzilamentos de membros da Ação Integralista Brasileira, e exílio dos principais líderes. Prisão na Fortaleza de Santa Cruz. Exílio para Portugal.

1939-1946 — Intensa atividade cultural e religiosa em Portugal.

1942 — Publicação da *Vida de Jesus*, cuja primeira edição, lançada em São Paulo, é apreendida e logo após liberada.

1945 — Retorno ao Brasil, com a deposição de Getúlio Vargas. Fundação, por um grupo de brasileiros, do Partido de Representação Popular.

1946 — É eleito Presidente do Partido de Representação Popular (extinto, juntamente com todos os outros organismos políticos, em 1964).

1948 — É convidado a comparecer às Conversações Católicas Internacionais, realizadas em San Sebastian, na Espanha, diretamente pelo Arcebispo de Santiago de Compostela, D. Bellester Nietto, para colaborar na redação de uma "Carta dos Direitos e Deveres do Homem", tendo a sua orientação sido a vencedora, e o primeiro artigo ficado assim redigido: "O Homem é um ser feito à imagem semelhança de Deus, seu Criador, possuindo uma alma imortal, dotada de inteligência e de vontade livre. Ele deve encontrar na sociedade civil os meios de cumprir seus deveres e de exercer seus direitos correlativos, conforme as finalidades da sua natureza e sua vocação divina".

1952 — Fundação da Confederação de Centros Culturais da Juventude e sua eleição como Presidente de Honra da mesma, que reuniu, inicialmente, dezenove entidades de jovens, oriundas de todo o Brasil, e que chegou a atingir para mais de quinhentas em todo o território nacional.

1953 — Fundação do semanário "A Marcha", de que foi colaborador até o encerramento de suas atividades.

1955 — Candidatura à Presidência da República, disputando com Juscelino Kubitschek de Oliveira, Juarez Távora e Ademar de Barros.

1956 — Eleito Deputado Federal pelo Estado do Paraná.

1960-1964-1970-1974 — Eleito Deputado Federal pelo Estado de São Paulo, integrando sempre a Comissão de Educação, onde produziu inúmeros pareceres. Instala-se, definitivamente, em Brasília, a partir de 1960.

1975 — Falecimento, a 7 de dezembro, em São Paulo, sendo enterrado no cemitério do Morumbi.

II

Bibliografia

1919 — *Thabor* (poemas), ed. do autor

1921 — *A boa nova* (assuntos bíblicos), ed. do autor

1926 — *O estrangeiro* (romance), ed. Helios Ltda.
(in OBRAS COMPLETAS, ed. das Américas, 1954, São Paulo, vol. X e 8.ª ed., José Olympio, 1972)

1927 — *Literatura e política*, ed. Helios Ltda.
(2.ª ed. in OBRAS COMPLETAS, vol. XIX)
— *A anta e o curupira* (manifesto modernista), ed. do autor
(in *Despertemos a Nação,* in OBRAS COMPLETAS, vol. X)

1927 — *Discurso às estrelas* (contos e crônicas), ed. Helios Ltda.
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XX)

1927 — *O curupira e o carão* (em colaboração com Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo), ed. Helios Ltda.

1927 — *A Literatura gaúcha* — Conferencia literária realizada no "Centro Gaucho" de S. Paulo

1931 — *Oriente* (viagem), ed. do autor
(4.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII)

1931 — *O esperado* (romance), Comp. Editora Nacional
(5.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XII)

1933 — *O cavaleiro de Itararé* (romance), ed. Unitas
(4.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vols. XIII e XIV)
— *O que é o Integralismo* (política), Schmidt ed.
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IX)

1934 — *A voz do oeste* (romance histórico), ed. José Olympio
(4.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XIV)
— *O sofrimento universal* (filosofia e sociologia), ed. José Olympio
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol.)
— *Psicologia da revolução* (filosofia e política), ed. Civilização Brasileira
(5.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII)

1935 — *A quarta humanidade* (temas filosóficos), ed. José Olympio
(4.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. V)

1935 — *Despertemos a nação* (política), ed. José Olympio
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. X)

1935 — *A doutrina do Sigma* (política), Editora Verde-Amarelo SP.

1936 — *Palavra nova dos tempos novos* (temas literários e políticos), ed. José Olympio
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII)

1937 — *Nosso Brasil* (brasilidade), ed. Coelho Branco
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV)

— *Geografia sentimental* (brasilidade), ed. José Olympio
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV)

— *Páginas de combate* (política), ed. Livraria Antunes

1942 — *Vida de Jesus* (biografia), ed. Panorama, (in OBRAS COMPLETAS, vols. I, II, III e em 20ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, S.P., 1977

1943 — *A aliança do Sim e do Não* (ensaio histórico, sociológico e religioso), ed. Ultramar, Lisboa
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI)

1946 — *A mulher no século XX* (sociologia), ed. Tavares Lisboa, Porto
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII)

— *O Rei dos reis* (história e religião), ed. Pro Domo, Lisboa
(4.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI)

— *Conceito cristão da democracia* (ensaio político-filosófico), ed. Estudo, Coimbra
(4.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII)

— *Primeiro, Cristo!* (religião), ed. Figueirinhas, Porto
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI)

— *A tua cruz, Senhor* (religião), ed. Ática, Lisboa
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVII)

— *Como nasceram as cidades do Brasil* (história), Ática, Lisboa
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII)

— *Madrugada do espírito* (antologia filosófica-política), ed. Ática, Lisboa
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII)

— *O Integralismo brasileiro perante a Nação* (política), s/ed., Lisboa
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IX)

1947 — *A imagem daquela noite* (teatro religioso), ed. Gama, Lisboa
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII)

1947 — *Mensagem às pedras do deserto* (ensaios políticos), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XV)

1948 — *Direitos e deveres do homem* (trabalho apresentado nas Conversações Católicas de San Sebastian, Espanha), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. V)

— *O poema da fortaleza de Santa Cruz* (poesia), ed. de luxo, Guanumbi, São Paulo
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV)

— *Extremismo e democracia* (política), ed. Guanambi, São Paulo

— *Pio IX e o seu tempo,* prefácio à obra de Villebranche, *Pio IX*, ed. Panorama, S. Paulo, 1948, (in OBRAS COMPLETAS, vol. XI)

1949 — *O ritmo da história* (ensaios políticos), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI)
— *Discursos* (seleção), ed. Panorama, São Paulo
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. X)

1950 — *São Judas Tadeu e São Simão Cananita* (hagiografia), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII)

1951 — *Sete noites de Joãozinho* (literatura infantil), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
— *Espírito da burguesia* (ensaio sociológico), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XV)

1953 — *O Integralismo na vida brasileira* (política), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro

1953 — As qualidades e as virtudes de Euclides da Cunha — Síntese de uma conferência proferida em São José do Rio Pardo — na V Semana Euclidiana, em 1953

1954 — *Atualidades brasileiras* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI)
— *Roteiro e crônica de mil viagens* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII)
— *Críticas e prefácios* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XIX)
— *Contos e fantasias* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XX)
— *Sentimentais* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XX)
— *A inquietação espiritual na atualidade brasileira* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVII)
— *Páginas de ontem* (excertos de "A doutrina do Sigma" "Páginas de combate" e "Cartas aos Camisas-verde", in OBRAS COMPLETAS, vol. X)
— *Viagens pelo Brasil* (in OBRAS COMPLETAS, vol. IV)

1955 — *Mensagem ao povo brasileiro*, ed. do autor, Rio de Janeiro

1956 — *Livro verde da minha campanha*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro

1957 — *Reconstrução do homem* (filosofia educacional), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro

1957-1958 — *Palestras com o povo* — Irradiações na Rádio Globo

1961 — *Discursos na Câmara dos Deputados* (seleção), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
— *Poemas do século tenebroso*, (como o pseudônimo de Ezequiel), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro

1962 — *A crise parlamentar* (cinco discursos), ed. do autor, Brasília
— *Como se prepara uma China*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro

1963 — *Imitação de Cristo* (tradução e introdução à obra de Kempis), ed. Verbo, Lisboa

1964 — *Instrução Moral e Cívica*, ed. FTD, Rio de Janeiro

1969 — *História do Brasil*, 2 vols., ed. FTD, Rio de Janeiro
(2.ª ed., 1972, ed. FTD)

1972 — *Trepandé* (romance), ed. José Olympio, Rio de Janeiro

1973 — *13 anos em Brasília* (recordações), ed. do autor, Brasília

OPÚSCULOS EDITADOS PELO CONGRESSO NACIONAL

1965 — *A batalha do Riachuelo* (como orador oficial do Parlamento Brasileiro nas comemorações de centenário)
1967 — *Sol do Oriente, sol do Ocidente* (sobre as relações Brasil/Japão, como orador oficial do Parlamento Brasileiro)
1972 — *40.º aniversário de lançamento do Manifesto da Ação Integralista Brasileira*
— *O grito do Ipiranga* (por ocasião do Sesquicentenário da Independência)
— *A semana de Arte Moderna* (nas comemorações do 50.º aniversário)
1973 — *Origens e evolução do parlamento* (sesquicentenário do Legislativo)
1975 — *Despedida do Parlamento*

III

Pequeno roteiro de pesquisa sobre a vida e obra de Plínio Salgado

Nota de esclarecimento — Considerando-se não ser possível proceder-se de imediato ao levantamento bibliográfico completo acerca de Plinio Salgado, a *Editora Voz do Oeste* relaciona aqui alguns trabalhos que analisam a obra deste escritor sob o aspecto mais literário que político, não obstante, quase sempre, seja impossível estabelecer-se uma separação estanque: o autor de *Vida de Jesus* é o mesmo homem que escreveu *O Estrangeiro* e é o mesmo que deflagrou um grande movimento político, de massas e de inteligência, na história do Brasil. Não se busque, portanto, aqui, mais que um "pequeno roteiro", a ser utilizado por todos aqueles que desejem estudar a vida e o pensamento de Plinio Salgado, e que, pretendendo aprofundá-los no tocante à sua obra máxima, síntese de toda uma vida de ação e de criação intelectual, poderão encontrar valiosos subsídios na bibliografia referente à *vida de Jesus* (v. 20.ª ed., Editora Voz do Oeste, S.P., 1977), assim como, neste novo volume de suas obras, os trabalhos de Euro Brandão, João Ameal e Tasso da Silveira.

Amândio César. *Literatura pelo caminho*, ed. 4 Ventos, Lisboa, 1958
Andrade Murici. *A nova literatura brasileira*, ed. Globo, Porto Alegre, 1936
Beraldo, S. J., Carlos. *Plinio Salgado*, verbete in ENCICLOPÉDIA FILOSÓFICA do Centro de Estudos Filosóficos de Gallarate, Firenze (Itália), 2.ª ed., 6 vols., 1968-1969
Coutinho, Afrânio. *A literatura no Brasil*, 4 vols., Rio de Janeiro, ed. Sul-Americana, 1955-1959
Cunha, Fernando Whitaker da. *Democracia e Cultura*, 2.ª ed., Forense, Rio de Janeiro, 1973
Diversos. *Para onde vae o Brasil?*, Renascença ed., Rio, 1933
Diversos. *Plinio Salgado*, ed. da revista Panorama, São Paulo, 1937
Diversos. *Plinio Salgado* — 1895-1975 (depoimentos de Oswaldo Zanello, A. H. Cunha Bueno e Agostinho Rodrigues), Câmara dos Deputados, Brasília, 1976.

Diversos. *Enciclopédia do Integralismo* (11 volumes). Edições GRD — Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, 1956-1959

Dorea, Augusta Garcia Rocha. *O romance de Plinio Salgado,* Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, 1956

Freyre, Gilberto. *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira,* ed. Casa do Estudante do Brasil, 2.ª ed., Rio, 1942

Graciotti, Mario. *Europa tranqüila,* ed. Clube do Livro, 4.ª ed., São Paulo, 1959

Grieco, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira,* in OBRAS COMPLETAS, José Olympio, Rio de Janeiro, 1948

Medeiros, Jader. *A força de um pensamento,* edição da UOCB, Rio de Janeiro, 1973

Nestor Vítor. *Os de hoje,* in OBRA CRÍTICA, vol. II, Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1973

Sacerdos. *O homem integral,* Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, 1957.

Salim, Emílio José. *Ciência e Religião,* 2.ª ed. ampliada, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1941

Silveira, Alarico. *Enciclopédia brasileira,* INL, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1958

Silveira, Tasso da. *Diálogo com as raizes,* GRD/MEC, Salvador, 1971

Ricardo, Cassiano. *Viagem no tempo e no espaço,* José Olympio, Rio de Janeiro, 1970

Picchia, Menotti del. *A longa viagem,* Martins, São Paulo, 1970.

COMO NASCERAM AS CIDADES DO BRASIL

À NAÇÃO PORTUGUESA, EM HOMENAGEM AOS ANTEPASSADOS COMUNS QUE CONSTRUIRAM A MINHA PÁTRIA, DERAM-LHE UMA NOBRE LÍNGUA E UMA GLORIOSA TRADIÇÃO E ANIMARAM-NA, POR TODO O SEMPRE, COM A ALMA RELIGIOSA QUE A INTEGRA NA FAMÍLIA LUSÍADA DAS CINCO PARTES DO MUNDO E NA COMUNHÃO UNIVERSAL DO CRISTIANISMO

OFEREÇO ESTE LIVRO
COMO RECORDAÇÃO DE MINHA PERMANÊNCIA NA SUA LINDA TERRA E NO MEIO DA SUA HOSPITALEIRA E CARINHOSA GENTE

Lisboa/Junho/MCMXLVI

PALAVRAS AO MAPA DA MINHA PÁTRIA

URANTE sete anos de ausência da Pátria, foste meu inseparável companheiro, desfraldado, como um estandarte, na parede branca, junto à minha mesa de trabalho.

Nas horas caladas da noite, ergui muitas vezes a pena para contemplar-te e conversar contigo.

Os teus rios animavam-se, as tuas montanhas erguiam-se e, na linha do litoral, assinalado pelas cores das províncias, o azul do oceano parecia engrinaldar-se de espuma e coroar-se de coqueiros.

Tuas florestas — vistas pela minha imaginação e pela minha saudade — resplandeciam à luz do sol dos trópicos, colorindo-se com o amarelo dos ipês, o vermelho das suinãs, o roxo das quaresmeiras e as asas multicores dos pássaros e das borboletas.

*

Conversávamos. Tua linguagem eram os apelidos das serras e dos caudais, das ilhas e baías, cabos e promontórios, praias, lagoas, cidades, vilas e aldeias humildes. Cada palavra tua recordava ao meu coração uma passagem da minha vida: alegria ou tristeza, entusiasmo

ou deslumbramento, meditações silenciosas ou delicados afetos.

Tu me chamavas a atenção, Mapa da Pátria querida, para o nome de alguma cidadezinha no centro da Grande Terra; e esse nome, escrito à beira da linha azul e sinuosa de um rio, ou à sombra de uma serrania, ou nos claros espaços dos planaltos, — transportava-me para perto de pessoas inesquecíveis, ou eram elas que se faziam presentes na minha sala, com o timbre das suas vozes e a recordação imorredoura de pequenos fatos que outrora passaram quase desapercebidos...

*

Olhando-te, ó Mapa, viajei minhas viagens viajadas, revi casas e ruas, praças e jardins, velhas pontes e velhos muros ensombrados de pomares, chafarizes e bombas de gasolina, pequenos hotéis do sertão, casarões patriarcais, igrejas e ermidas, e os tipos humanos do interior do meu país.

Vi as redes nos alpendres das fazendas, o gado espalhado nas várzeas, os caboclos desbravando as matas--virgens, ou cantando na faina da lavoura, ou tangendo suas violas nos terreiros. E vi comboios devorando léguas, automóveis nas retas estiradas dos campos infindáveis onde galopam ciriemas e o sabiá modula a sua canção à hora do anoitecer. E vi navios fluviais batendo as rodas, e canoas batendo os ágeis remos; e vi boiadas levantando a poeira loira dos caminhos; e vi rudes sertanejos, como centauros sopeando os árdegos cavalos...

Cada nome que me mostravas, ó Mapa, abria-me um panorama: arranha-céus, fábricas, estridor de indústrias e rumor de comércio; e também longos silêncios de cidadezinhas na amplidão continental, com seu cruzeiro, seu campanário e os sinos cantando no azul...

Foi conversando contigo que vivi as páginas deste livro. Vivi sem escrevê-las; só nós sabíamos — Mapa Consolador — das nossas noturnas confidências, quando a Saudade me tomava pela mão e me punha diante de ti.

*

Um dia, em que transbordava o meu afeto pelo Brasil e os Brasileiros, resolvi contar, na terra dos nossos Maiores, a história breve que está indicada suscintamente nos teus lineamentos, cores e designações geográficas: a história das cidades do meu país.

É apenas o resumo de tudo quanto conversei contigo e de tudo quanto sonho escrever sobre um tema tão rico e fascinante.

*

Entregando-o fraternalmente aos meus compatriotas, dir-lhes-ei as mesmas palavras que pus, em 1936, no pórtico da Geografia Sentimental:

"Quero que este livro seja lido pelos moços para que amem o Brasil e compreendam a grandeza deste vasto Império".

..."Talvez ele preserve da ruína os corações combalidos de ceticismo. Talvez ele desperte, nos que já não acreditarem em nossa Pátria, a suave crença antiga, que brotará da evocação dos tipos humanos, dos fatos, dos episódios, das cenas, das paisagens, que se multiplicam ingenuamente, docemente, pela carta geográfica deste imenso país.

"Agora, mais do que nunca, é preciso amar o Brasil. Engrandecê-lo sem artifícios; livrá-lo de todo o veneno da decadência; salvá-lo de toda a desfiguração que o cosmopolitismo opera deprimindo-nos.

"Que a vida brasileira seja pura e simples, que ela resplandeça como um padrão humano de bondade, de afeto, de entusiasmo e de radiosa poesia".

*

A ti, Mapa do Brasil, dirijo estas confidências, nas últimas noites em que, conversando contigo, tenho presente, no retângulo da janela, a silhueta de Lisboa, recortada num límpido céu de Verão.

Ali perto, corre o Tejo, irmão mais velho dos rios brasileiros na história comum das aventuras e das glórias que dignificam duas Pátrias...

Lisboa, 22 de Junho de 1946.

Plínio Salgado

I

PANORAMA DA TERRA E DA GENTE DO BRASIL

Descrição da Província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamam "Brasil". Mapa atribuído a Pero de Magalhães Gandavo, que publicou em 1576 a nossa primeira história

A formação das cidades brasileiras, desde o século XVI até aos nossos dias, condiciona-se ao concurso de circunstâncias, que poderemos resumir em três ciclos distintos:

1) descobrimento e catequese;
2) minerações e entradas no sertão;
3) iniciação e desenvolvimento agrícola, comercial e industrial.

Na vastíssima superfície de oito milhões e meio de quilômetros quadrados, esses três ciclos, ainda que nitidamente caracterizados na fase histórica respectiva, coexistem, hoje, segundo os imperativos de cada região, cujos ritmos próprios se harmonizam com os das outras, compondo o sincronismo do crescimento nacional.

*

É o Brasil, na verdade, não somente sob o aspecto da geologia e da geografia física, mas também sob o sociológico, um trecho do planeta onde variadas idades se encontram.

Em oposição à estrutura primitiva dos altiplanos centrais, abre-se o espetáculo apocalíptico da Amazônia,

onde os naturalistas, na configuração inconstante dos rios, na provisoriedade das ilhas, barrancas e igarapés, e no contínuo mover e remover dos tratos de terra conduzindo pedaços de floresta flutuante ao léu das correntezas, surpreenderam, maravilhados, o que eles, à falta de expressão mais capaz, denominaram "o último dia da Criação".

Mas, contemplando o panorama étnico e antropológico, a surpresa do observador não se faz menor. O homem civilizado é contemporâneo do homem da pedra polida [1]. Entre os dois extremos — o habitante dos arranha-céus de cimento armado e o nhambiquara, de nudez edênica, nas malocas do Araguaia — desenrola-se um políptico de períodos históricos variadíssimos: populações pastoris, núcleos patriarcais, aglomerados feudais, acampamentos de típica aventura renascentista, cidades barrocas, cidades românticas, cidades trepidantes do século XX. . .

Se possível fosse a um observador abranger todo o mapa do Brasil, colocando-se na estratosfera e fazendo um poderoso holofote focar, a esmo, variados pontos da carta geográfica, surpreenderia no círculo de luz, projetado sobre a terra, as cenas mais contrastantes. Veria os blocos de prédios gigantescos da esplanada do Castelo, junto aos penhascos da Urca, do Pão de Açúcar e do Corcovado; mais além, milhares de chaminés das fábricas paulistas erguendo rolos de fumo no planalto anchietano; depois, dirigindo o projetor para o Norte, assistiria à marcha dos desbravadores de terras desconhecidas, procurando além do Rio das Mortes, nas faldas da Serra do Roncador, os sítios onde plantar as sementes de novas cidades, exatamente como se fez nos séculos anteriores. Não longe dali, pelas margens dos rios que confluem formando o Tapajós, o Xingu, o Araguaia e o Tocantins, ou pelo sertão adentro, em espaços que se contam por léguas e léguas, até aos extremos do Acre ou as

cabeceiras do Rio Negro, o observador contemplaria aldeamentos indígenas, as cenas de caça e pesca do homem primitivo e até mesmo o espetáculo ante-diluviano na luta da Cobra-Grande, a sucuri terrível, com os jacarés ou com os touros, que ela abate e devora, ou, finalmente, com o bravo caboclo, que a domina e estraçalha a golpes de facão [2]. Tudo isso é o Brasil...

À multiplicidade das fisionomias da terra e do homem cumpre acrescentar as diferenciações climáticas, verdadeira escala termo-higro-barométrica, desde a faixa equatorial, amenizada pela maior rede potamográfica do Mundo, ao Nordeste calcinado pelas inclemências periódicas das secas, e desde as suavíssimas eminências do Centro às campanhas temperadas do Sul, cujo frio, no Inverno, é idêntico ao da Europa Meridional, não faltando mesmo o alvo lençol de neve, quando o vento "minuano" chora na vastidão dos "pampas" [3].

A flora e a fauna variam ao sabor das latitudes e altitudes, ainda que mantenham certos denominadores comuns de espécies encontradiças em todo o território. São paisagens de estilo e tintas contrastantes: as coxilhas sulinas olhando as planícies onduladas que a larga umbela dos umbuzeiros ensombra; as campanhas paraenses, em que se erguem as araucárias monumentais, abrindo no alto grandiosas taças verdes, onde fazem ninho milhares de papagaios; as serranias de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, ostentando sobre as planícies e vales de riquíssima agricultura o esplendor de matas opulentíssimas; as "caatingas" do Nordeste, verde-pardas, eriçadas de cactos e espinheiros, como os mandaracus e os xiquexiques; o Norte, palpitante de palmeiras, ao sopro largo dos "mossorós" e dos "aracatis"; a Amazônia, de horizontes baixos, florestas alagadas, o dédalo intricado dos rios, igapós, furos e lagoas; os campos de Mato Grosso e Goiás, desafogados, infindáveis, emoldurados pelos perfis de longínquas ser-

ras azuis, campos de edênica beleza[4] convidando a marchar sem pausa, e a pensar, e a sonhar longamente...; e os quadros sucessivos que oferecem os cursos dos rios, vestidos de prata do sol e do luar, vestidos de verde ao reflexo das imagens da mata, dormindo nos remansos, despertando nas "corredeiras", desatando mil vozes no clamor das catadupas, e adormecendo de novo, a espreguiçarem léguas e léguas, ao canto das aves, ao canto dos remos e dos homens morenos que seguem, nas finas canoas audazes, levando ainda missionários de Cristo, como à procura do escondido coração da terra virgem...

*

Um pequeno pássaro negro, quase sempre invisível ao viajante, exprime, nas duas notas musicais que emite, ao tombar da tarde, quando as sombras se estendem nos largos horizontes, toda a grandeza e todo o mistério da terra brasileira. É o *Sem-Fim*. O boiadeiro que tange o seu gado, o tropeiro que conduz o seu lote de mulas, o "carreiro" de aguilhão ao ombro, que segue pensativo o rodar vagaroso do carro de bois, ou o lavrador que recolhe das roças, ou o cavaleiro que modera a marcha para gozar o frescor do crepúsculo, ouvem o *Sem-Fim* e uma vaga melancolia lhes invade a alma. Sentem, mais do que nunca, o incomensurável continental, o desdobramento infindável das paisagens, o convite das distâncias sem limites. O *Sem-Fim* é a voz da terra chamando e avisando que não tem fim, que não tem fim...

Forasteiros como Saint Hilaire, Humboldt, Von Martius devem ter ouvido esse canto de duas notas apenas; ouviram-no os Bandeirantes, desbravadores das florestas desde o século XVI ao século XVIII; e os agricultores do século XIX e do século XX, plantadores de cidades...

*

Tudo, no Brasil, é complexidade e multiplicação de ritmos e de cores. Transmuda-se, de espaço a espaço, a fisionomia da produção. Ali, são campos de gado; aqui, plantações de erva-mate; além, cafezais, algodoais, canaviais, arrozais, milharais, a perderem-se de vista; acolá, bananais, laranjais, e amoreiras alinhadas como exércitos em marcha; mais longe, o cacau, o tabaco; depois, a carnaúba, o babaçu, e, mais além, a seringueira . . . [5].

Os centros da grande indústria são mais ou menos uniformes nos seus aspectos; mas as populações agrícolas submetem-se a regimes de vida condicionados às peculiaridades do trabalho e da região e exprimem-se em fisionomias típicas e inconfundíveis psicologias [6].

O homem Brasileiro não encontra, como o Europeu, uma terra domesticada por séculos de amanho. Cumpre-lhe domar o solo, enfrentar as reações na natureza selvagem. Tomar a gleba nas suas mãos, como um animal agressivo e rebelde, reduzi-la à servidão, violentamente, depois, afeiçoá-la, tratá-la com carinho de esposo, ensinando-a a ser útil e boa.

*

O primeiro contato é brutal. Chama-se a derrubada. O homem empunha o machado e acomete os troncos seculares das perobeiras, canjaranas, maçarandubas, angicos, cedros, ipês. Os golpes dos desbravadores ecoam nas abóbadas sombrias que se entrançam em redes arquitetônicas de galharéus robustos e cordas de cipós de que pendem as orquídeas como lampadários. Tombam, retumbam no chão os corpos dos gigantes. Alargam-se as clareiras, desafrontam-se horizontes. Em poucos dias, a paisagem oferece o espetáculo de um campo onde se

feriu duríssima batalha, da qual o homem foi o vencedor.

Segue o segundo ato da peça maravilhosa: a queimada. O Sol crestou as folhagens, secou os galhos. Nos limites da derrubada, o herói do sertão rasga os "aceiros", ou seja os espaços limpos e varridos, para que o fogo não se comunique além da área desejada. Em seguida, chegando a noite, acende pequenas fogueiras que brilham timidamente como estrelas vermelhas. Pouco a pouco, avolumam-se, crepitando. Estendem a linha das labaredas como fios de ouro a debruar o horizonte. Os fios engrossam, transformam-se em longas serpentes de chama, que avançam, em todas as direções, com estouros dos taquaruçus e o matraquear dos ramos retorcidos. Crescem rolos de fumo. Desesperadamente, saltam das luras os animais selvagens: as pacas, as capivaras, os coelhos, os coatis, os lagartos, os tatus, as cobras jararacas e cascavéis, chocalhando os guizos. Um mar de fogo alarga-se, enfurecido como as tempestades do Oceano, arrasando as planícies, galgando as montanhas, desprendendo, à semelhança da espuma das ressacas, turbilhões de chispas, que dançam nas volutas da fumaça, confundindo-se com as estrelas. . .

Na manhã seguinte, toda a terra se cobre com o manto branco das cinzas, que amortalham os troncos enegrecidos das árvores. A terra aguarda o milagre das chuvas. E as chuvas caem, pesadas, gorgolejantes, varrendo as encostas, gritando nos valados, engrossando os riachos e transbordando os rios. Tão inesperadamente chegam como passam. O céu readquire o límpido azul da Primavera tropical. E, como numa ressurreição, por entre os troncos mortos e calcinados, irrompe a relva, de um verde gaio esplendente. Multidões de pássaros vêm pousar sobre os negros torços da canjaranas e perobeiras.

É Setembro. Começa, então, a faina das sachas, o vi-

brar das enxadas ao coro dos mutirões, em que os velhos temas da música popular lusitana combinam-se com os temas do Novo Mundo, exprimindo-se nos longos compassos que caracterizam as cantigas do sertão. Cada estribilho termina pela distensão sonora do remate caboclo: *ei*. . .*ô*. . . Não é uma expressão de tristeza, mas uma relação de extensões. E os ecos vão-se desdobrando como trena pela imensidade da terra, medindo as distâncias dos horizontes da Pátria.

É a canção nupcial do homem com a natureza virgem. De agora em diante, aquele trecho de território alimentará as gerações como carinhosa mãe. Outras áreas serão conquistadas, domadas, reduzidas ao convívio familiar. Cidades nascerão como filhas do casamento cósmico.

*

Ninguém pode julgar o Brasil tendo visto apenas um trecho dele. Posto, por exemplo, o gaúcho do Sul, bem nutrido, rosado e claro, ostentando tufadas pantalonas, o poncho esvoaçante, o chapeirão de aba quebrada à testa, as esporas a tilintar nos calcanhares das botas altas, em confronto com o vaqueiro do Nordeste, moreno e pálido, de faces empergaminhadas, as roupas e o chapéu talhados em couro, a fim de passar incólume entre os espinheiros das caatingas, — ninguém dirá serem filhos da mesma Nação. Até as montarias são diferentes: o cavalo do gaúcho é gordo, de peito largo, de estatura elevada, como que feito para as correrias nas campanhas rasas e limpas; o cavalo do vaqueiro é pequeno, esventrado, elástico, nervoso, apropriado às prodigiosas aventuras pelo intricado de uma vegetação agressiva, superando abismos e enfrentando o mistério dos sertões na perseguição das reses tresmalhadas [7]. Se pusermos ambos — o gaúcho e o vaqueiro nordestino — em frente do trabalhador rural do centro do País (Paulistas, Flumi-

nenses, Capichabas e Mineiros, mais fixados à terra, sem arremessos equestres e belicosos, mas exprimindo-se em gestos moderados e cautelosos e revelando hábitos de agricultor tenaz e previdente), então o contraste é ainda maior.

Esses três exemplos poderiam desdobrar-se. Um garimpeiro dos rios interiores, um boiadeiro de Mato Grosso, um ervateiro do Paraná, um seringueiro do Amazonas, um cacaueiro da Bahia, um pioneiro das terras novas, onde se plantam cidades, são tipos completamente diversos.

Agravando a complexidade brasileira, há o concurso atual de todos os povos do planeta: o Espanhol, o Italiano, o Sírio, o Polonês, o Alemão, o Japonês, o Chinês, o Balcânico, o Báltico, cruzando-se e recruzando-se no imenso cadinho onde a Humanidade se funde em novas expressões ao grande sol das latitudes sub-equatoriais.

*

Todas essas diferenciações, entretanto, toda essa descontinuidade, essas aparências de contrastes fundamentais e de choques inevitáveis — submetem-se à ação poderosa de um formidável redutor, a trabalhar continuamente, como estatuário inspirado, na construção maravilhosa da Unidade Nacional.

É o gênio lusíada. É o espírito dos fundadores de um grande Império, cujo segredo se encontra nas raízes romanas e cristãs de que provém.

Tão grande tradição, pelos Brasileiros herdada dos Portugueses, constitui a força aglutinadora por excelência, reagindo contra a diversidade do meio físico, a complexidade dos aspectos étnicos e a extensão do espaço geográfico, e sustentando de pé, isento de futuras decomposições, o caráter definido de um dos maiores povos do Mundo.

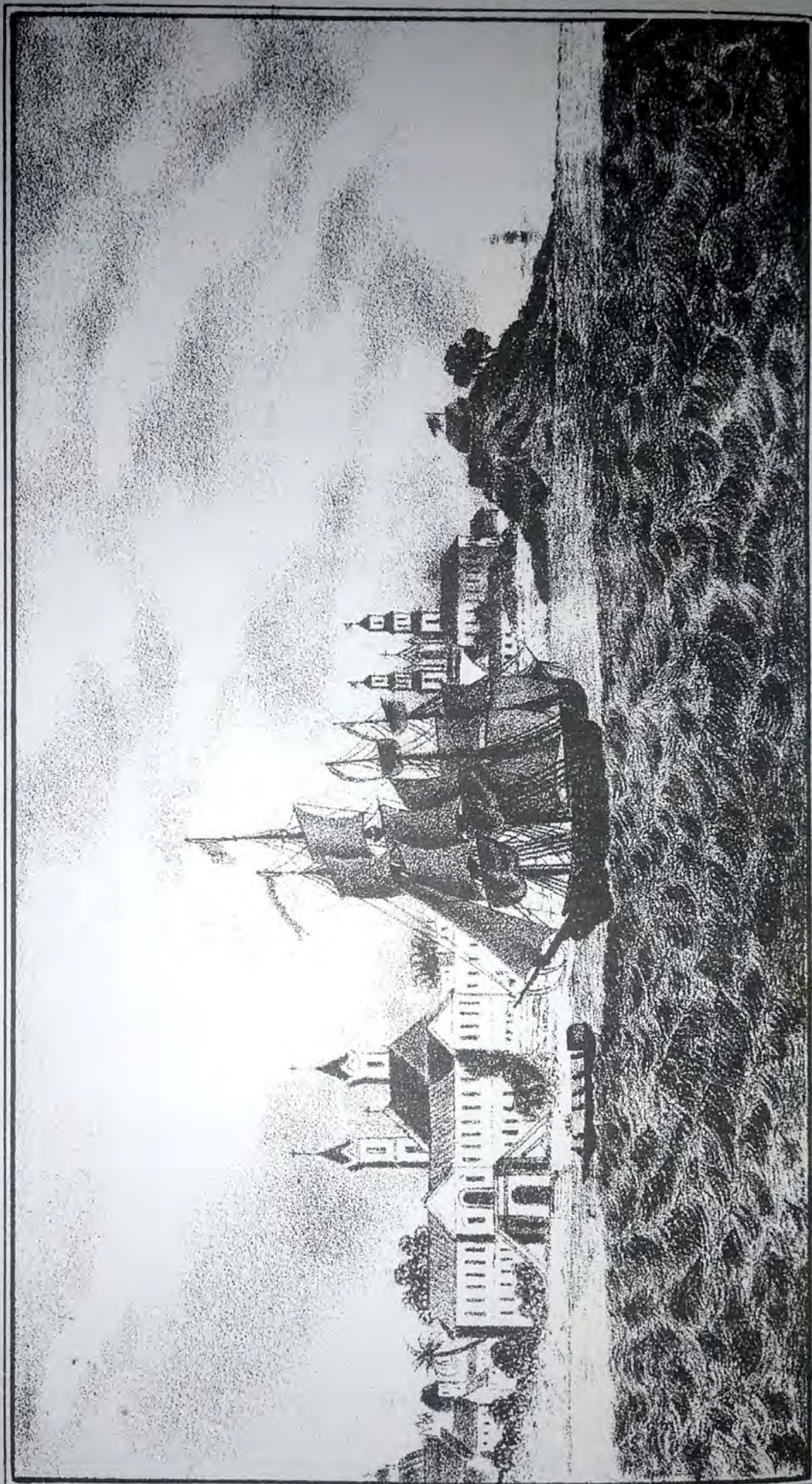
*

Em tão vasta superfície de variadíssimas expressões, iremos observar o processo formativo de centenas de cidades.

O presente trabalho não traz intuitos de historiador nem de sociólogo. Limita-se ao de um gravurista, reproduzindo imagens queridas, como naquelas velhas estampas de Debret, de Dubugras ou de Rugendas, que contemplamos cheios de esquisita saudade, enquadradas em nobre moldura império, à sombra recolhida de um gabinete propício à ressurreição do Passado...

II

MUROS DE FORTES
E PERFIS DE IGREJAS

Pereira Lith — *Lith. de M. L. da C.ª R. N. des Ms. Nº 12*

Aqui entrega, El-Rei D. Manoel, o Estandarte da Armada a Pedro Álvares Cabral em 1500

AS primeiras cidades brasileiras nasceram no litoral.

Dividindo o território em capitanias, os donatários efetivaram a posse erigindo fortalezas contra as aventuras dos piratas e paliçadas a defenderem o núcleo Europeu das arremetidas selvagens.

Os contactos iniciais entre Portugueses e indígenas foram amigáveis. Numerosas crônicas referem o bom entendimento entre os autóctones e os homens brancos das caravelas. O mais antigo desses testemunhos é a carta do escrivão da armada de Cabral, Pero Vaz de Caminha, considerada, por justos motivos, a certidão de batismo do Brasil.

Os nativos, em número de centenas, acorreram à praia, confraternizando com os tripulantes das naus. Trocaram arcos e flechas, cocares de penas coloridas, e bichos e aves da terra, por bugigangas e carapuças; levaram para a floresta dois ou três, e às vezes apenas um dos marítimos, trazendo-os no dia seguinte aos barcos, sem lhes fazer nenhum mal; ao som da sanfona de um homem de Sacavém, dançaram, cantaram e pularam, formando rodas com os marinheiros de Pedro Álvares; depois, assistiram à missa, ajoelhando-se e levantando-se conforme faziam os Europeus, e um dos selvagens tocou

no íntimo o coração do almirante, apontando-lhe a cruz e o altar e depois apontando o céu.

Caminha descreve os tipos indígenas, "pardos, à maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes bem feitos" e expressão bondosa e simples. Viu o escrivão as mulheres da selva, algumas "bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos, pelas espáduas". Uma delas era "tam bem feita e tam redonda", e de tal forma "tam graciosa que muitas molheres da nossa terra veendo-lhe tais feições" lamentariam "non terem a sua com eela". E de tudo conclui o escrivão exaltando a inocência e a boa índole dos selvagens, chegando mesmo a declarar a El-Rei que outro não fora o desígnio da Providência, levando os Portugueses àquela ilha, senão o de trazer ao rebanho de Jesus Cristo os seus habitantes [8].

A fundação, porém, das primeiras feitorias, estabelecendo a aliança dos colonos com a tribo local, vinculou os recém-vindos às dissídias e conflitos que proliferavam entre os naturais. Assim, os inimigos daqueles que se associavam com os Europeus, logo tiveram por inamistosos os brancos ligados aos seus contrários; daí a necessidade lusitana de defesa contra os ataques do sertão.

Cumpre notar que as numerosas tribos que povoavam o Brasil no tempo da Descoberta pertenciam, de modo geral, a dois ramos, ou nações, uma delas mais atrasada, com hábitos de ferocidade e tão perigosa aos Europeus como aos próprios indígenas integrados na grande família cujas tabas tomaram os contactos iniciais com os Portugueses.

Esses dois tipos de selvagens foram logo notados pelos primeiros exploradores da costa brasílica e de tal forma que El-Rei D. Sebastião, já nos fins do século XVI, quando proibiu a escravização dos índios brasileiros, excetuou "aqueles que costumam saltear os portugueses

ou a outro gentio, pera os comerem, assi como o sam os que se chamão Aymures e outros semelhantes" [9].

Os antropólogos do nosso tempo sabem que os Aimorés, a que se refere El-Rei, não pertencem à raça Tupi, aquela que tomou contacto com os descobridores e que se tornou um poderoso auxiliar dos lusitanos na obra de defesa dos primeiros núcleos de fixação dos Europeus à terra brasileira.

*

Na fisionomia dos primeiros núcleos de povoamento refletiam-se, portanto, a precaução militar e o espírito religioso.

Muros de fortes, perfis de igrejas.

A casa grande do donatário, arranchações de colonos, aldeamentos indígenas.

Em torno, a lavoura incipiente, as primeiras culturas da cana de açúcar. E o engenho, dois cilindros de madeira, presos à engrenagem da roda horizontal, rangendo e gemendo ao passo fleumático dos bois transportados das ilhas e oriundos das campinas do Alentejo e Ribatejo. . .

Pirogas, ubás nativas batem os remos na enseada. Recorta-se o mastaréu de um barco reinol. Trouxe pólvora e sal, sementeiras e ferramentas; voltará com pau-brasil e especiarias locais.

*

A feição do litoral varia ao sabor das latitudes.

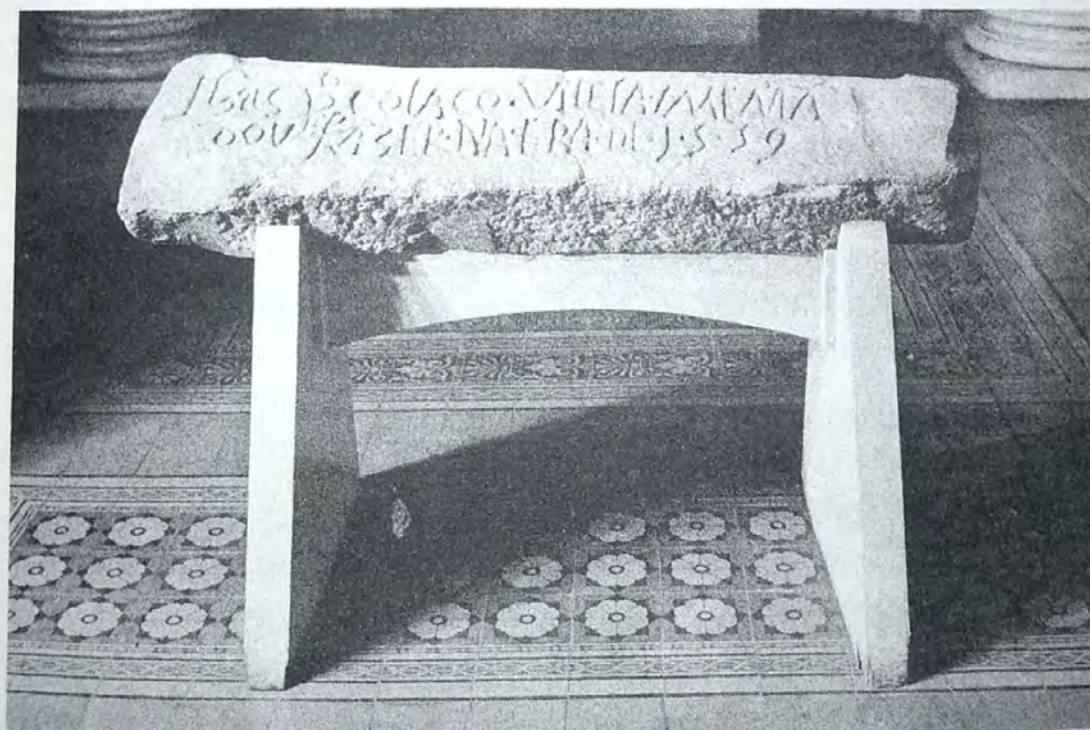
Ao Norte, as planuras desdobradas de alvas praias, batidas pelo mar verde, picado de espumas. E as florestas de coqueiros, multidões de bandeiras desfraldadas à luz crua do Sol. O quadro desdobra-se, desde a linha do equador à foz do São Francisco. Prolonga-se, com pequenos intervalos, na costa baiana.

Ao Sul, a partir do Espírito Santo e continuando o debrum marítimo do Rio de Janeiro e de São Vicente, explode a sinfonia das cordilheiras, multiplicando-se em contrafortes, como arcobotantes a sustentar a construção geológica do planalto central. Cobrem-se as serranias de opulentas matas. As serras invadem o mar, fragmentando a costa em cabos, promontórios, ilhas, penedos, e rasgando enseadas e baías, entre as quais a espetacular Guanabara.

Depois de um descanso de dezenas de léguas nas planícies quaternárias de Iguape, onde, afastando-se do litoral, a cordilheira traça o amplíssimo anfiteatro de Paranapiacaba, as serranias investem novamente contra o Oceano. O contacto agora é curto; começa a fímbria meridional à aproximação do rio da Prata. A paisagem recompõe a serenidade que apresentava ao Norte. Não traz, porém, a dança festiva das palmeiras nas alvas praias ao rés do mar. É a monotonia dos altos barrancos e dos cômoros arenosos. O atoalhado das dunas cinge os longes do horizonte. Parece insinuar a idéia das vastidões onduladas dos pampas interiores. . .

*

Poucas feitorias donatárias vingaram. Os beneficiados sem êxito desistiram das suas empresas. Mas, em 1548, ao instituir-se um Governo-Geral em substituição das capitanias, verifica-se pequeno saldo favorável: alguns arraiais haviam deitado raízes de promissoras cidades. Assim nasceram, entre outras, São Vicente e a futura vila de Santos, onde aparece, pela primeira vez no Brasil, o "monjolo", máquina primitiva de pilar cereais [10], ali instalada por Brás Cubas; e, sob a direção de Martim Afonso de Sousa, florescem esses dois pontos de partida das entradas no sertão. Surgem do mesmo modo Olinda, cuja prosperidade se origina da hábil política

Fundação de São Vicente (Quadro a óleo de Benedito Calixto)

Pedra da Frontaria da matriz de São Vicente. A mais velha inscrição encontrada no Brasil "JSUS (Jesus) pº (Pero) Colaço Villela. me . mã . dou . fazer na era de 1559"

de Duarte Coelho e seu filho Jerônimo de Albuquerque, aliando-se aos índios, como também fizera o inteligente donatário de São Vicente.

As décadas imediatas ao descobrimento do Brasil foram duríssimas ao esforço lusitano no gigantesco trabalho da exploração da costa, fundação das primeiras feitorias, penetração na selva, colonização, iniciação agrícola, defesa do território. Os reis portugueses não descansaram e nisso foram acompanhados pelo povo. Nobres e plebeus acorriam ao Novo Mundo, como que pressentindo a grandeza, nos séculos futuros, de uma Nação que fundavam. E, enquanto os governos fechavam os olhos aos maiores prejuízos ao erário, desviando navios do comércio lucrativo do Oriente para as rotas deficitárias ao longo da costa brasileira, fidalgos e poviléu preferiam acometer a floresta desconhecida a perlustrar terras famosas da Índia e da China [11].

Assim foi até aos meados do século XVI, quando, além do pau-brasil, a colônia começou a exportar açúcar, algodão, farinha de mandioca e tabaco.

Era tempo de redobrar os esforços no sentido de defender a terra contra as ambições de estrangeiros audazes. E El-Rei D. João III instituiu o Governo-Geral, nomeando para o supremo cargo Tomé de Sousa, que, em 1549, chegou à Baía de Todos os Santos, fundando a cidade do Salvador a 28 de Março do mesmo ano.

*

Fazem agora a sua entrada na História Brasileira os padres da Companhia de Jesus. Os povoados apresentam mais um elemento na composição urbana: o colégio. Ali, os irmãos de Loiola atraem as crianças selvagens. Chefia-os o padre Manuel da Nóbrega. Desde o primeiro momento, abrem suas escolas, para Índios e Portugueses. Aprendem a língua tupi, vertendo nela o catecismo. Con-

quistam, assim, primeiro, a alma dos selvagens, que integram na religião de Cristo. Não se preocupam em ensinar o idioma português aos Índios, porque uma língua só interessa quando se conhece o espírito dos que a usam; portanto, ensinar o Evangelho equivalia a ensinar o português, porque se ensinava a crença dos Portugueses. Sabendo-a, o selvícola sentiria mais forte o anseio pela solidariedade fraternal. De tal anseio nasceria o desejo de aprender a língua dos brancos. Pois a língua é um instrumento material da idéia e só a idéia é produto do espírito.

Os Portugueses, desde os primeiros dias, afirmaram, no Brasil, o primado do espírito. Desviando navios do comércio lucrativo das Índias, para fundar uma nacionalidade nova e integrá-la no grêmio de Cristo, puseram as aspirações do espírito acima dos interesses materiais. Ensinando aos Índios a religião, antes da língua do colonizador branco, puseram Deus acima de sua própria Nação. E como Deus costuma pagar mil por um, deu a Portugal, em troca de todo o seu esforço evangelizador, uma população que orça hoje por quarenta e cinco milhões de habitantes, que falam, cantam e rezam na língua de Camões e que, embora constituindo um País independente, orgulha-se de pertencer ao mundo lusíada [1].

Tinha razão Pero Vaz de Caminha quando, a respeito dos Índios, escrevia a El-Rei D. Manuel: "E pois Nosso Senhor que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa. Portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação. E prazara a Deus que com pouco trabalho sera assim". Maior razão ainda tinha o escrivão de Cabral,

---

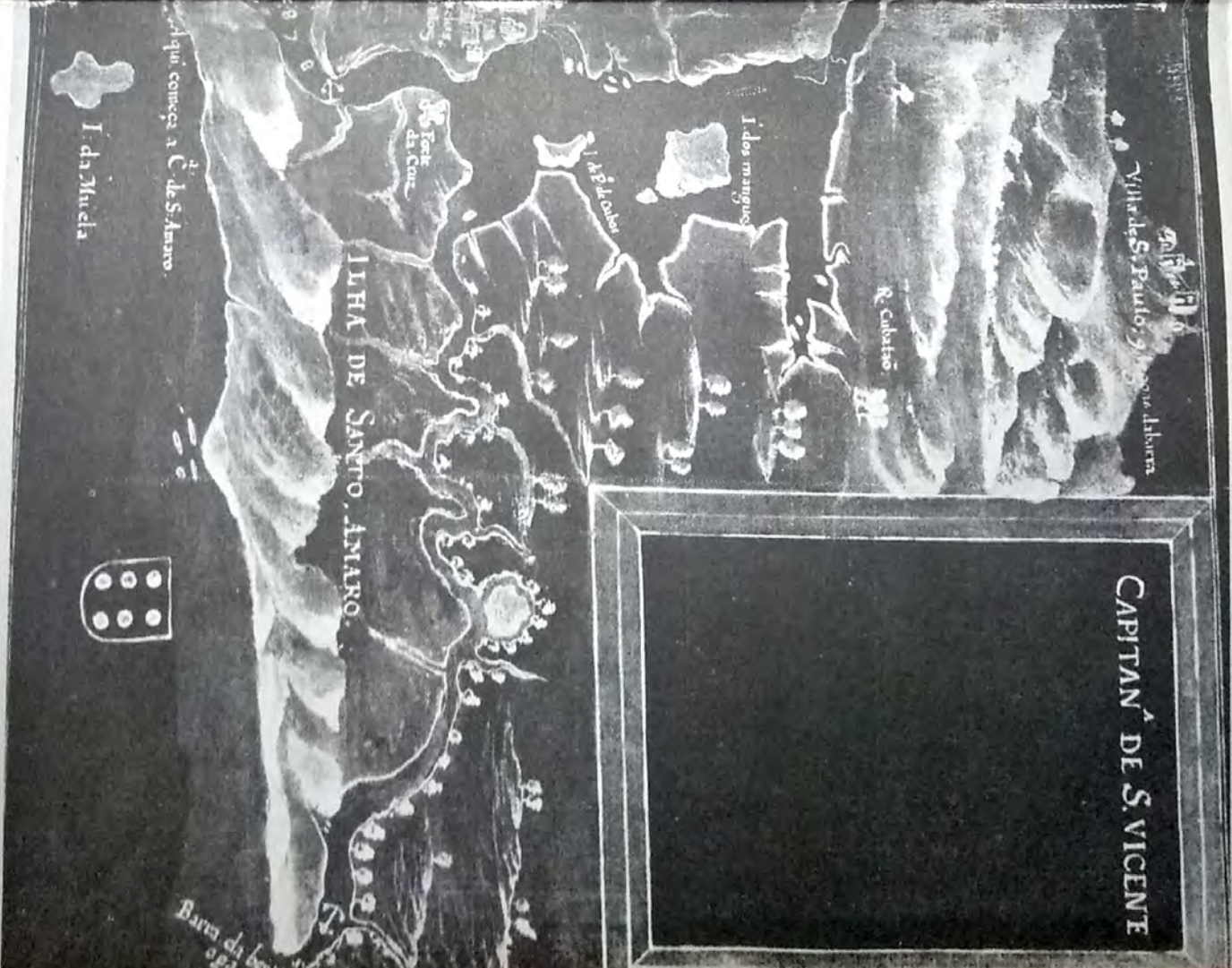
1 Esta obra foi escrita em 1946. Trinta e dois anos depois, em 1978, a população brasileira ultrapassa a cifra dos cento e dez milhões de habitantes (N.E.).

quando, falando da terra, "chã e formosa" e de tal modo graciosa que "querendo-a aproveitar dar-se-á nela tudo", acrescenta: "O melhor fruto que nela se pode fazer, todavia, me parece que sera salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar".

Na continuidade da obra imperial dos monarcas lusitanos, D. João III vai impulsionar a maravilhosa lavoura das almas. Os padres da Companhia são os poderosos instrumentos de Cristo.

III

PIRATININGA

Mapa que dá bem a idéia do isolamento da povoação piratiningana durante os tempos coloniais: Lagamar de Santos, serra de Paranapiacaba e vila de São Paulo — Atlas de João Teixeira Albernaz. 1631. (Reproduzido da mapoteca do Itamarati)

SPELHO da operosidade jesuítica, em todo o território brasileiro, nenhuma outra cidade melhor serve de padrão do que São Paulo de Piratininga.

Martim Afonso de Sousa, tendo fundado São Vicente à beira-mar, galgou a Serra de Paranapiacaba, em cujos cimos vivia um português misterioso. Era João Ramalho, homem velho e pai de muitos filhos, casado com a princesa Bartira, filha do chefe Tibiriçá.

A presença da estranha personagem no planalto de Piratininga é enigma que os historiadores não conseguiram decifrar [12].

Os homens de Martim Afonso defrontaram amplíssimas planuras desdobradas desde os visos da serrania. Nas proximidades do ribeiro Tamanduateí, que a pouca distância desaguava no Tietê, encontram os aldeamentos de Tibiriçá e de Caiubi, seu irmão. Serve de intérprete João Ramalho.

*

Os graves rostos empergaminhados por muitas luas, as cabeças coroadas de penas multicores, as mãos apoiadas no arco, Tibiriçá e Caiubi atentamente escutam.

Rodeiam-nos os guerreiros guaianases, que, surpresos, contemplam as faces brancas dos guerreiros que vieram do mar.

Martim Afonso e Pero Lopes, as mãos nas cruzes das espadas, ostentam seus gorros de feltro, suas calças, gibões e pelotes renascentistas.

Ora na língua tupi, ora no idioma da Pátria distante, João Ramalho fala, traduz.

Que dizem os capitães lusitanos? Anunciam aos filhos da selva um Deus desconhecido, um Deus que se fez homem para provar como os homens o gosto amargo da morte, e que, derramando o Seu Sangue, uniu por Ele o sangue de todas as Raças. . .

E os velhos morubixabas que respondem? Que sejam benvindos os mensageiros de tão bondoso Senhor nas tabas de Piratininga, na grande terra de Pindorama. . .

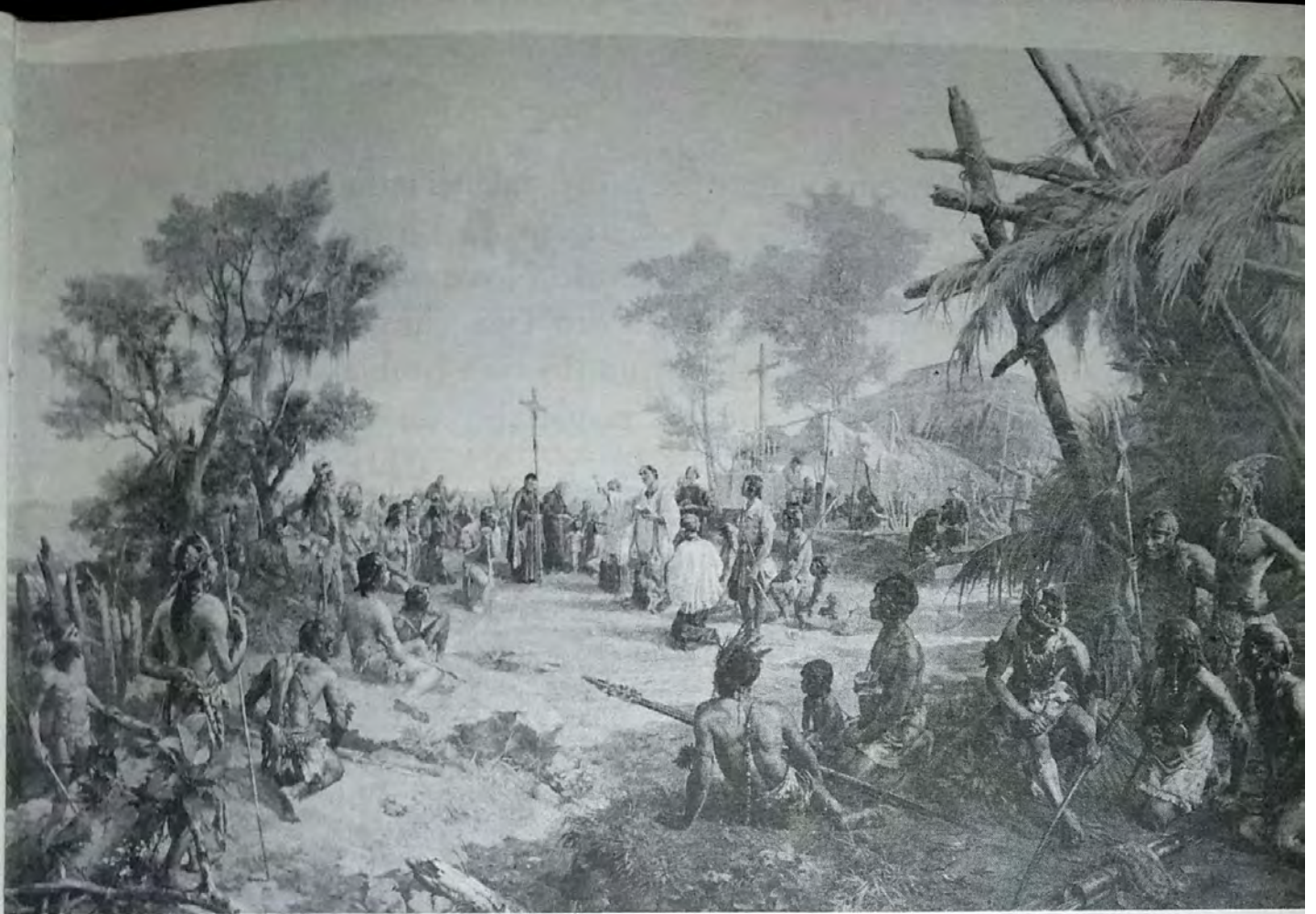
E assim nasceu o povoado luso-tupi de Santo André da Borda do Campo.

*

Alguns anos depois, em 1553, os padres da Companhia de Jesus, partindo de Santos, já então fundada por Brás Cubas, atravessam as planuras alagadiças de Piassaguéra, alcandoram-se por escarpas ásperas e atingem os campos das hospitaleiras tribos do planalto.

Na data memorativa da conversão do Apóstolo dos Gentios, inaugura-se o Colégio. Ergue-se hoje naquele sítio o palácio do Governo de S. Paulo, entre os grandes arranha-céus do centro urbano [2]. A praça moderna guarda um nome imortal, recordando para sempre os jesuítas, aos quais Portugal e o Brasil, por mais que façam, nunca pagarão suficientemente a gratidão que lhes devem.

*

2 Hoje, não mais. O prédio foi utilizado como Secretaria de Educação, e, posteriormente, demolido (N. E.).

Fundação da cidade de São Paulo (Quadro a óleo de Oscar Pereira da Silva)

Cidade de São Paulo. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil — Debret

O cruzamento das duas raças, já iniciado com João Ramalho, prosseguiu sob as bênçãos da Igreja, assentando os alicerces da família cristã do Novo Mundo. Exemplo dessas uniões é o caso de Pero Dias, um dos que subiram com os padres e, conquanto não houvesse ordens eclesiásticas, prendera-se ao noviciado da Companhia. É um delicado episódio, negado por uns e afirmado por outros historiadores [13], e cuja nota lírica se adivinha através do frio registro de Silva Leme na sua prestimosa *Genealogia Paulista.*

A princesa Terebê, filha do cacique Tibiriçá, amara, desde que o vira, o jovem Pero Dias. Os embargos opostos ao seu amor ameaçavam provocar ruins conseqüências à aliança dos entrantes com os nativos, porquanto doía ao coração do chefe guaianás ver a filha definhar e morrer de tristeza.

Sobre esse primeiro romance em terras americanas, tiveram os padres, segundo informa Silva Leme, de representar ao Geral da Companhia, obtendo a necessária licença para a efetivação do matrimônio.

Como eram longas as viagens dos navios à vela! Quando a resposta chegou, Terebê já muito enlanguescera, murchando como flor do planalto ao sol estivo.

Celebrou-se, entretanto, o casamento. O coração de Terebê alegrou-se. As tabas cantaram e dançaram e o velho Tibiriçá abençoou os seus aliados brancos.

A incerteza, porém, havia consumido a vida da virgem guaianás.

Um ano depois, choraram as tabas do planalto.

E Terebê dormiu com seus avós.

*

Consorciou-se mais tarde Pero Dias com outra princesa da selva, filha do chefe Caiubi, de quem houve numerosa descendência, da qual um dos ramos veio en-

troncar-se de novo, no século XIX, com lídima estirpe lusitana e beiroa da região de Viriato.

Esses matrimônios — e tantos outros semelhantes — ficaram como símbolo, a significar a união sentimental de duas raças, uma civilizada e outra selvagem, mas ambas possuídas de um alto sentido de simpatia humana, sentido que serviu e continua a servir à unidade dos dois impérios lusíadas, os quais, sendo dois nos espaços geográficos e na individuação política, constituem verdadeiramente um só, pela origem histórica, pelos laços de sangue, pela identidade de sentimentos e pela indestrutível fé e fidelidade ao Cristo — confraternizador supremo de todos os povos.

No grande planalto, os padres da Companhia celebram as maiores núpcias da História: são duas raças, dois continentes, dois mundos que se casam. A música dos pássaros canta os epitalâmios cósmicos. A Via-Látea é como um véu de noiva, preso pelo diadema do Cruzeiro do Sul.

Dentro em breve nascerá o homem novo da América. No berço de taquara [14], soerguido ao teto por duas cordas de embira [15], embalam-no as notas dos cantos selvagens, que são como ecos perdidos nas distâncias infinitas...

*

O Colégio dos Jesuítas é, no nascedouro, "paupérrima e estreitíssima casinha". Paredes de paus a pique, entrançamentos de varas amarradas com cipós e revestidas de barro. A construção tem "catorze passos de comprimento e só dez de largura" e ali devem funcionar "ao mesmo tempo, a escola, a enfermaria, o refeitório, a cozinha e a despensa" [16].

Pequeno sino acorda os habitantes de S. Paulo de Piratininga. Desfaz-se a névoa matinal. Pelos vales do Anhangabaú, do Tamanduateí, do Ipiranga, estendem-se

lavouras, com os primeiros bois, jericos e cavalos, instrumentos agrícolas e carros minhotos de rodas maciças de madeira. Sobe o fumo branco dos casais esparsos até ao alto de Tabatinguera.

Os rudes selvagens, misturados aos colonos, ajoelham-se ao clamor da campainha. Ergue-se a Hóstia Santa, ergue-se o Cálice Sagrado. Na exígua nave, voam, revoam, pipilam os passarinhos, cresce o murmúrio de preces. É Jesus no meio dos pioneiros, dos desbravadores, dos fundadores da Nação.

Um jovem de ombros curvos serve de acólito. Traz a sotaina dos padres da Companhia. Brilha no seu olhar misteriosa luz de bondade aliciadora. Chamam-no, em Piratininga, o padre José de Anchieta. Chamá-lo-ão um dia: "o apóstolo do Brasil".

*

Não fora fácil aos jesuítas a fundação de São Paulo de Piratininga. No limiar do planalto estava Santo André da Borda do Campo, a vila fundada por Martim Afonso de Sousa e onde João Ramalho com seus numerosos filhos dominava. A rivalidade entre os dois núcleos imediatamente se manifestou.

Os padres da Companhia tinham escolhido o local mais apropriado à segurança e ao progresso da futura cidade: o alto de um morro a cavaleiro da confluência dos rios Anhangabaú e Tamanduateí. Resolveram ali concentrar, objetivando a facilidade da catequese e o mais sólido fundamento de defesa contra as arremetidas de tribos inimigas, as populações das três aldeias: Piratininga, Maniçoba e Gerebatiba. Para maior êxito da empresa, conseguiram que o cacique Caiubi se transferisse dos seus campos para os do cacique Tibiriçá. O velho, quase centenário, acorreu ao apelo dos padres, vindo mesmo residir junto do colégio, de onde nunca

saía sem dar a sua palavra de honra em penhor do regresso e sem se despedir da imagem da Virgem na pequena igreja. E nunca faltou ao prometido.

João Ramalho não via com bons olhos a prosperidade de São Paulo, em detrimento de Santo André. Fortíssima foi a luta entre a Esparta dos mamelucos e a Atenas dos jesuítas. Mas Atenas venceu...

*

"Vai-se fazendo uma formosa povoação", diz Nóbrega já em 1554.

Na verdade, o número de índios batizados era avultado. No Colégio, Anchieta trabalhava infatigavelmente, ensinando e aprendendo, pois tornava-se um conhecedor proficiente da língua tupi, para a qual traduzia o catecismo e as orações. Levava, assim, o Cristo às almas e as almas iluminadas pelo Evangelho vinham para a lusitanidade e para a civilização.

Anchieta era missionário de gênio. Em vez de destruir os costumes indígenas, aproveitava-se deles tornando-os um instrumento de cristianização. Compreendeu, desde logo, por exemplo, que a dança dos tupis constituía uma forma de expressão de seus sentimentos, pois a dança em todos os povos foi sempre uma linguagem de ritmos plásticos, de cadências por assim dizer neuro-musicais, que tanto pode ser instrumento dos maus como dos bons pensamentos.

O padre José de Anchieta compunha em tupi os versos de caráter religioso e cristão, para as músicas e danças selvagens. Alguns anos mais tarde, Fernão Cardim veria em Piratininga dançar o "cateretê" nas festas de São Gonçalo, de Santa Cruz, do Espírito Santo, de São João e de Nossa Senhora da Conceição, acompanhando os movimentos coreográficos a música da selva

e os versos tupis compostos pelo poeta da *Beata Virgine*. E veria, mesmo, uma procissão, "com uma dança de homens de espada e outra de meninos da escola; todos iam dizendo seus ditos às Santas Relíquias".

À hora do Angelus, quando a voz do sino ecoava lentamente no planalto, os índios saudavam Nossa Senhora, dizendo:

Ó Virgem Maria
Tupan ci etê,
aba pe ara póra
oicó endê iabê . . .

o que significa: "Ó Virgem Maria, mãe do Deus verdadeiro, os homens deste mundo sentem-se tão contentes convosco . . ."

Sob a direção do padre Manuel de Paiva, São Paulo crescia. Novas casas surgiam. O padre Afonso Brás é o arquiteto incansável. Traça as plantas e trabalha com os operários, como pedreiro e carpinteiro. No primeiro dia do ano de 1556, inaugura-se a igreja. Em 1561, constrói-se um recolhimento para exercícios de noviciado e estudantes de letras. Em 1560, extingue-se Santo André e o próprio João Ramalho transfere-se para São Paulo, levando o pelourinho que se ergue no terreiro diante do Colégio dos Padres. Se lutas houve entre o velho patriarca e os jesuítas (e alguns historiadores reduzem-nas a simples divergência), tudo ficou sanado e resolvido na melhor das pazes: em 1562, João Ramalho assume o cargo de capitão-mor de São Paulo de Piratininga, ao qual fora elevado em comício eleitoral pelos homens bons do planalto.

*

Nesse mesmo ano de 1562, ao aproximar-se o Natal, sentiu-se doente de morte o velho Tibiriçá, príncipe das selvas, patriarca dos Guaianases, esteio do cristianismo, sócio de Nóbrega na fundação de São Paulo.

Sobre sua cabeça nobre e altiva passaram muitas luas e o seu rosto é semelhante ao tronco rugoso das árvores antigas.

Foi valente das guerras, foi magnânimo da paz, a sua taba foi a mais hospitaleira dos campos do Anhembi, que se abrem, nos ombros da Serra Grande, olhando os horizontes azuis do misterioso sertão.

Viu muitas coisas, recebeu nos seus domínios a visita dos guerreiros brancos, com os quais trocou a saudação fraterna. Sua face era então formosa, e o seu corpo rijo e ereto, e na sua cabeça o cocar de plumas coloridas não tremia porque era firme como o penacho do gavião.

Um Deus Desconhecido fê-lo irmão dos homens estrangeiros e os padres que vieram depois ensinaram-lhe os mistérios desse Deus.

Tibiriçá tornou-se um guerreiro de Cristo.

Muitas guerras teve de enfrentar por isso. Guerra defensiva contra as nações que se ergueram para destruir os padres; guerra contra muitos dos mesmos brancos que se faziam adversos à obra evangelizadora; guerra contra os próprios guaianases indisciplinados, aos quais teve de impor a força da sua alma de chefe; e guerra contra si mesmo, para vencer no seu coração secretas vozes inimigas, que tentavam afastá-lo do caminho do Céu.

Assim correram as luas e Tibiriçá envelheceu devagar. Viu crescer a sua descendência e viu crescer a cidade cuja primeira casa — o Colégio — ele construiu com as suas próprias mãos. E, à proporção que os dias passavam, e as forças físicas debilitavam, Tibiriçá também crescia em majestade.

Depois de tantas lutas, a cidade da qual lançara a semente terminara vitoriosa. Agrupara todas as aldeias e a última — Santo André — viera unânimemente confluir nas colinas de São Paulo.

*

Tão grandes triunfos haviam de despertar certamente mais furiosas as forças do mal. Elas falaram ao coração de Jagoanharo, irmão pelo sangue do grande chefe, mas não pela mesma Fé. E Jagoanharo conclamou os Tupis rebeldes contra os padres de Jesus. Profunda dor feriu Tibiriçá. Era a derradeira prova que lhe impunha o Cristo.

Tibiriçá sofreu a mágoa de ver os Guaianases divididos: irmãos contra irmãos e pais contra filhos, e ele próprio forçado a empunhar o arco e o tacape, fazendo troar a inúbia guerreira para entrar em luta de morte contra Jagoanharo.

Sofreu essa amargura e sofreu outra maior: os padres desconfiavam da sua lealdade. Nunca lhe disseram nada, mas o velho cacique advinhava, porque os padres sabiam que o destino do Colégio, o destino da cristandade que se formara no planalto estava agora nas mãos de Tibiriçá, unicamente de Tibiriçá. Bastaria cruzar os braços e dizer: não combaterei contra meu irmão, e todo o esforço dos portadores do Evangelho cairia por terra, e Piratininga já não seria uma cidade, porque as suas gentes recairiam nos bárbaros costumes de seus avós.

*

Tibiriçá pôs na cabeça o seu cocar de penas coloridas e ergueu para o alto o braço nobre em sinal de juramento. Em redor da vila de São Paulo milhares de Índios gritavam rumorosamente apertando o cerco. Os de Tibiriçá eram poucos, mas o chefe confiava em Deus. porque a sua causa era a causa das crianças e das mulheres, que os rebeldes queriam devorar ou vilipendiar; elas choravam e rezavam na igreja do Colégio e o seu pranto e a sua reza despertavam na insignificante minoria de guerreiros fiéis ao Cristo uma energia poderosa e indomável.

Quando os invasores se aproximaram da cerca e a chuva de suas flechas crivou as paredes das casas, Tibiriçá mandou tocar as pocemas e troar os maracás, e avançou à frente dos seus homens. Bateram-se como leões e, na batalha, o chefe guaianás viu tombar seu irmão, o bravo mas cruel Jagoanharo, varado por uma flecha. Então, foi a debandada. Inflexivelmente, Tibiriçá perseguiu os retirantes e, ao cair da tarde, o clamor da vitória subiu aos ares com o troar das inúbias e pocemas e o repique do sino.

— "Sim, fui leal; minha palavra é de rei" — disse Tibiriçá com as lágrimas nos olhos olhando o corpo inanimado de Jagoanharo.

*

Mas o golpe moral abatera o coração do chefe guaianás.

Dezembro chegou com as grandes chuvas. O velho príncipe sentiu-se fraco. Não foram as lutas que o entibiaram: foi o desgosto de ter visto seus próprios irmãos de raça, de tribo e família erguerem-se contra ele e contra o Cristo, não percebendo que no Cristo, ele — chefe e pai — buscava a felicidade da sua gente.

O herói da fundação de S. Paulo sente aproximar-se a morte.

Pede que lhe chamem o padre Fernão Luís, que fala tão correntemente como ele a língua tupi. Quer dizer suas últimas palavras no idioma dos seus maiores e entrar no Céu falando como rei do seu povo a língua em que exprimiu as suas ordens à nação guaianás.

— "Padre, conheço que a minha vida acaba; sinto somente faltar aos padres nesta ocasião em que a queria pôr por eles e pela fé de Cristo; mas já que o Senhor é servido traçar a coisa de outra maneira, estou mui

conforme e lhe dou graças e a Vossa Reverência peço ajude a minha alma neste conflito espiritual..."[17].

Confessou-se, fez testamento, recomendando à mulher e filhos que seguissem sempre os Padres; recebeu a comunhão e a extrema-unção e, empunhando um Crucifixo, a contemplá-lo entregou a alma a Deus.

O sino do Colégio chamava os fiéis para a missa do Natal.

*

Comemorava-se o nascimento de Jesus no presépio de Belém. E Tibiriçá nascia para o Céu, onde o Deus Menino certamente substituiria o seu cocar de penas por um cocar de estrelas.

Nascia também, livre de todos os perigos, a Pátria dos conquistadores do sertão, a cidade do planalto de onde, como de um ninho de águias, partiriam a devassar o Continente os heróis das "entradas" e "bandeiras".

Cercada de muros de taipas, a cidade anchietana parecia, dentro da noite, recolhida num grande pensamento de predestinação histórica. A pequena igreja iluminava-se. O Cruzeiro do Sul resplandescia entre os véus da Via-Látea. E os anjos de Belém perpassavam pelo planalto, cantando para todas as tribos o hino anunciador da glória de Deus nas alturas e da paz a todas as raças, a todos os povos, a todos os homens de boa vontade...

IV

MATRIMÔNIO DAS RAÇAS

NO primeiro dia do mês de Fevereiro de 1549, abriram as asas no Tejo, e entraram no mar-oceano, cinco naus, três caravelas e um bergantim [18], levando perto de mil pessoas, entre as quais numerosos artífices de alvenaria, carpintaria, ferraria e outros misteres, apetrechados de aparelhos, instrumentos e mais pertenças com que fabricar o necessário à construção de casas, igrejas, fortes, e com que prover a quanto exigisse a formação de lavouras e segurança de defesa contra assaltos de inimigos.

A armada dirigia-se ao Brasil, sob o comando de Tomé de Sousa, nomeado Governador-Geral por El-Rei D. João III, a 7 de Janeiro do mesmo ano, a fim de que cumprisse o Regimento de 17 de Dezembro de 1548, emanado pelo mesmo soberano.

O Regimento de El-Rei e todas mais providências que o monarca determinava, em documentos complementares, constituíam não apenas um rol de medidas administrativas, porém uma criação de poderoso gênio político, antevisionando profeticamente a grandeza de uma Nação que os Portugueses estavam preparando para os séculos futuros [19].

A expedição era diferente de todas as outras anteriores. Ia para ficar, para construir uma cidade que se

tornasse o grande centro propulsor de colonização de vastíssimo território e o baluarte principal de sua defesa contra as ambições de outros povos, cujo êxito certamente fragmentaria o prodigioso espaço geográfico numa infinidade de pequenas guianas ou, na melhor das hipóteses, de pequenas repúblicas.

Levava a armada, além do governador, um ouvidor geral, um capitão-mor da costa, arquitetos, escrivães, almoxarifes, médicos, boticários, e, para o governo espiritual, um vigário perpétuo da Matriz. Gentes de armas, colonos, desgredados completavam a grande expedição; e, como o fundamento de tudo quanto cumpria fazer estava na catequese dos Índios, El-Rei mandava seis padres da Companhia de Jesus, a qual havia apenas oito anos fora reconhecida pelo Papa.

Os ventos sopraram propícios. A 29 de Março, a armada fundeava diante da vila já existente e que surgira dos esforços do infeliz donatário Francisco Pereira Coutinho [20], não longe do local onde assentava importante centro de confraternização dos Europeus com os selvagens: o povoado de Diogo Álvares Correia.

Era o famoso Caramuru, conforme o apelidavam os Índios da região, valendo-lhe o epíteto o haver derrubado uma ave com arma de fogo (*cara*, homem, bicho ou coisa; *muru*, estampido) [21].

Foi o elemento decisivo que facilitou um ambiente favorável ao estabelecimento dos Portugueses na Bahia.

Há, no seu caso, delicado poema de amor, que foi cantado pelo poeta do século XVIII, Frei José de Santa Rita Durão.

*

Duas princesas da selva amaram o "homem-raio", o "filho do trovão": a gentil Moema e a ardilosa Paraguaçu. Eram certamente da estirpe daquelas cuja for-

mosura, no elenco pitoresco de Pero Lopes, "não ham nenhua inveja ás da rua Nova de Lixboa".

Decidindo Diogo Álvares pelos encantos de Paraguaçu, não soube a preterida sofrer a dor do detrimento.

Andavam por esse tempo os Franceses a freqüentar as costas da Bahia. Entre os muitos selvagens que visitaram a França e que mais tarde tão retumbante sucesso alcançaram, quer em Paris, quer em Ruão (cujas festas brasileiras se tornaram célebres), foi Caramuru convidado a levar a esposa à pátria de São Luís.

À hora da partida, quando a nau se afastava, a infeliz Moema, acompanhada pelas virgens da sua tribo, lançou-se ao mar, nadando no rastro da caravela que conduzia o amado com a vitoriosa rival. Os negros cabelos esparzidos à flor das águas, os braços morenos a ferir as ondas, Moema nadava, clamando: "Caramuru, Caramuru"!

No alto da popa, Diogo Álvares surge. Ao vê-lo, Moema desmaia. Afunda nas ondas. As virgens debalde a procuram. O barco desfralda o velame. Afasta-se no largo horizonte, na tarde de céus incendiados e palmeiras desfraldadas como adeuses. . .

*

A feliz Paraguaçu foi batizada em Paris com o nome de Catarina, que lhe deu a madrinha Catarina de Médicis [22]. Regressando à terra natal, viveu longos anos e morreu muito velha, em 1583, e, apesar de ter estado na corte francesa, predominaram nela os sentimentos lusitanos do marido, desempenhando papel de grande patrocinadora da aliança entre Portugueses e Tupinambás. Está sepultada na igreja da Graça, que a cidade acabou por envolver.

Foram Caramuru e Paraguaçu origem de grande família, honrada pelos reis de Portugal e governadores

do Brasil, constituindo o tronco da ilustre casa da Torre, famosa em tantos passos históricos da Nação brasileira.

*

A cidade do Salvador, como todas as que se fundaram nos séculos XVI e XVII, surgia com o aspecto de fortaleza. A primeira preocupação de Tomé de Sousa foi erguer altas muralhas defensivas. Não havendo pedras na região, erigiram-se muros de taipa. Os Índios cortavam as madeiras necessárias nas matas próximas e, com os degredados, batiam as estacas para formar os compartimentos em que se deitava a terra, em seguida socada com pesados pilões. Todos trabalhavam ardorosamente e o próprio Governador-Geral dava o exemplo, empunhando o pilão e batendo as taipas [23].

As olarias produziam os primeiros tijolos e telhas; os carvoeiros preparavam combustível para as forjas e, nos grandes dias de céu azul e sol brilhante, como são os de Maio e Junho na terra baiana, cantavam sonoramente os carros de bois – os primeiros bois porventura que ali chegaram – e, marcando o ritmo das horas, cantavam as bigornas dos ferreiros...

Construíram-se os fortes, a casa da Câmara com a cadeia por baixo, a tesouraria, a alfândega, os armazéns, as residências dos colonos, a igreja da Ajuda. E, um ano depois, o padre Manuel da Nóbrega já podia escrever dizendo existirem na cidade do Salvador umas cem casas.

Era o tempo em que se lançavam os alicerces da Sé Catedral.

Ao contrário do que sucedera em Porto Seguro, o desenvolvimento da capital baiana era propiciado por saudável atmosfera de simpatia entre os Indígenas e os Portugueses. A habilidade política de Tomé de Sousa,

o espírito sutil dos jesuítas, a afabilidade dos colonos e, principalmente, o traço de união que constituíam Caramuru e sua esposa, conquistavam a bem-querença dos selvagens, que afluíam dos sertões, vindo comparticipar do esforço construtor, dirigido, do outro lado do Oceano, pelo alto espírito de D. João III.

O gênio imperial da raça lusitana manifestava-se na sua plenitude.

O Brasil nascia da confraternização das raças, como a cidade do Salvador da aliança luso-tupi.

Onde não houve a assimilação pacífica do selvagem pelo Europeu, não houve paz nem prosperidade. Compreenderam-no os Franceses, nas suas incursões, principalmente no Rio de Janeiro e no Maranhão. Compreenderam-no os jesuítas, argutos psicólogos. Compreendeu-o o próprio instinto dos colonos, que lançaram raízes seguras na terra bárbara, que eles conquistaram, domesticaram, tornaram útil aos fins da civilização. E compreenderam-no no outro hemisfério, com altíssimo espírito de cristianismo, os Sumos Pontífices Romanos e os Reis de Portugal, entre os quais sobressaem o fundador do Brasil, que foi El-Rei D. João III, e, depois dele, o nunca esquecido e, como símbolo das aspirações do mundo lusíada, o sempre amado El-Rei D. Sebastião [24].

*

Delicadíssima página da nobre confraternidade cristã dos lusitanos com os povos do vasto império é a lenda da fundação do Ceará, a lenda de Iracema.

Iracema é a "virgem dos lábios de mel", que, na frase de José de Alencar [25], "tinha os cabelos mais negros do que a asa da graúna e o corpo mais esbelto do que o talhe da palmeira".

Sacerdotista tabajara, filha de Araquem, o pagé, preparava os filtros da jurema, que fazem dormir e sonhar.

Pelo amor de Martim, guerreiro branco, por acaso

encontrado na floresta, quebrou o voto de vestal da selva.

O amado ausenta-se numa longa viagem. Mais se prolonga o tempo da separação, mais definha de saudade a esposa extremosa.

O fruto do seu amor desenvolve-se-lhe no seio. Correm os sóis, passam as luas, e eis que Iracema estreita o filhinho nos braços. Mas ele, ao nascer, exaurira-lhe as últimas forças.

A mãe agonizante confia ao guerreiro Caubi, seu irmão, a criança querida, para que a entregue ao pai, ao regressar.

Quando Martim retorna, só encontra o filho. De Iracema resta apenas o nome. Repete-o a jandaia — pássaro doméstico — no alto das palmeiras. . .

*

A obra-prima de José de Alencar, escrita em linguagem ritmada e exuberante de imagens, exprime o simbolismo da formação étnica e social brasileira.

Pelo cruzamento, a raça autóctone desaparece. Dela fica apenas o nome: as denominações geográficas e as palavras designativas das árvores, das aves, dos frutos, das flores.

Mas, na realidade, Iracema não morreu. Continua a viver no sangue do filho, condicionada à cultura, à fé religiosa, ao espírito lusitano.

É por isso, talvez, que a palavra Iracema (*ira*, mel; *cema*, lábios, ou seja lábios de mel) contém todas as letras da palavra América.

Iracema é o Novo Mundo. A terra virgem, que o Europeu devia desbravar. O filho de Iracema é o fruto de dois mundos que se amaram e agora vivem juntos no mesmo ser.

É o símbolo da Pátria futura.

A profecia do grande Brasil.

V

MISTÉRIOS DA TOPONÍMIA BRASILEIRA

INICIALMENTE, os nomes das cidades brasileiras são nomes de santos. Mas não tarda a confluência do vocabulário tupi.

O gênio imperial dos Portugueses – verdadeira sobrevivência da capacidade política dos Romanos – apreendeu imediatamente todas as vantagens da assimilação dos elementos idiomáticos aborígenes no vocabulário toponímico.

A invocação cristã dos heróis da Fé procura uma base na terra. A palavra selvagem ilumina-se com as luzes do Evangelho e as lendas douradas do Flos-Sanctorum. E o mapa do Brasil hoje canta: São Paulo de Piratininga; Nossa Senhora da Conceição de Itanhaem; São João Baptista de Uruburetema; São Sebastião de Taquaritinga; S. Bento do Sapucaí...

Os nomes tupis têm uma peculiaridade: em poucas sílabas exprimem os atributos principais do objeto.

Os elementos estruturais dos vocábulos originam-se das onomatopéias e estas traduzem reações subjetivas do contato com o mundo objetivo. Os fonemas são espelhos fiéis das impressões sugeridas pelo toque dos sentidos. A palavra que deles se compõe realiza uma esco-

lha segura dos elementos substanciais ou adicionais mais relevantes do objeto descrito [26].

De tal forma que muitos zoólogos e botânicos, entre os quais Agassiz e Von Martius, consideram o Índio das florestas brasílicas verdadeiro naturalista, não tendo o homem de ciência outro trabalho, após ouvi-lo, senão o de procurar a expressão latina para enquadrar espécies e famílias na rigorosa classificação técnica.

Encontrada a exata denominação para a imagem concreta, numerosas conseqüências defluem. A impressão despertada pelos objetos sensíveis serve de *equivalente* ao estado de espírito gerado pela concepção abstrata.

Muito antes de Rimbaud exclamar:

> A *noir,* e *blanc,* i *rouge,* u *vert,* o *bleu: voyelles,*
> *je dirais quelque jour vos naissances...,*

já o selvagem notara a cor das vogais, conquanto bem diferentemente do poeta francês. Descobrira também — mistérios do homem na idade da pedra... — a — por assim dizer — escala geométrica das vozes puras, desde as amplitudes desafogadas aos ângulos mais agudos. Por analogia, as vogais exprimem cor, distância, forma, profundidade e tom musical.

Exemplifiquemos.

*

A vogal *a* (aberta) é amplitude, grandeza, claridade, brancura, luz. Ao pronunciá-la, abre-se a boca, portanto traz a idéia de tudo o que se dilata e expande. Repetir a vogal *a* é exprimir em mais alto grau a idéia que ela contém. Mas repeti-la, sem fechar a boca, obriga a uma rápida solução de continuidade, representada por breve ruído glutural, ou seja um *r* quase brando. E temos *ara,* que significa a luz mais forte, a luz do dia, o próprio sol.

A luz do sol contém as cores e revela as cores da terra. Como chamar, por conseguinte, a um pássaro que traz nas suas penas as sete cores do arco-íris? Ele não pode ter outro nome senão o da luz multiplicada. Repita-se, pois, uma terceira vez a vogal luminosa e temos: *arara*.

E os outros pássaros? Não andam pela amplidão? E o sol não é, por sua vez, um pássaro, que voa do Oriente ao Ocidente? Se o sol é ave, as aves são, também, sol, ou filhas do sol, do grande pássaro luminoso. Por isso o nome de todos os seres voláteis diurnos confunde-se com o do astro do dia: *ara*.

Outro exemplo. A dental explosiva *t* designa atrito, toque, resistência. Conforme a vogal que a acompanha, é a idéia que exprime. A palavra *pedra* (e todos os metais para o Índio são também pedras) traduz-se em tupi por *ita*. Por quê? O selvagem conscientemente ignora a lógica notabilíssima que nós encontramos na sua língua em estado nascente; mas essa lógica existe. Assim, vejamos.

A vogal *i* designa as coisas profundas (*i* ou *ig* é água, porque a água procede do fundo da terra). A pedra também vem do seio da terra. Portanto: *i*. Mas, ao contrário da água, é dura; portanto: *t*. Mas quando a luz do sol ou do luar bate nas rochas, elas brilham, são luminosas; portanto: *a*. E temos *ita*.

Do atrito de duas pedras, sai fogo. E fogo é *tatá*. As faíscas são parecidas com as estrelas, com uma diferença: as faíscas são efêmeras e as estrelas eternas. Devem estas, portanto, ser mães daquelas. De onde o nome das estrelas: *citátá* (mãe do fogo).

Sendo as estrelas mães do fogo, existe uma outra mãe mais gloriosa, cujo filho é o próprio Sol. Chama-se *araci* (mãe do sol), ou seja a aurora. É designada também pelo nome de *igaraci, garaci* ou *guaraci,* pois *ig*, ou *gua* quer dizer água, e o sol, no Brasil, nasce do lado

do mar. Por analogia, a estrela da manhã, ou estrela d'alva, é também *araci*.

Vimos que as vogais designam cor; pela cor, a distância. A vogal *u* exprime coisas pretas ou azuis (*araúna*, ou *graúna*, é pássaro preto). Tudo o que está longe é azul. Portanto, *itu*, sem deixar de ser pedra (*ita*), oferece-nos a idéia de uma pedra azul, ou muito distante. É o nome de uma cidade paulista. Porquê?

Quem se colocar nos pontos mais altos da região entre Itu, Sorocaba e S. Roque, avistará, no fundo do horizonte, a Nordeste, entre as gargantas de longínquas serras, uma pedra monumental, em forma abaulada, que as muitas léguas quase diluem na tinta azul das distâncias. É a Pedra do Baú, que se erige nas proximidades de São Bento de Sapucaí, nos cimos da grande Mantiqueira. Pedra ao longe, pedra azul; o local de onde é vista chama-se Itu.

Prossigamos, ainda que resumidamente, este estudo, que mereceria um volume inteiro, agora que o conhecimento mais profundo da psicologia do homem primitivo pode trazer subsídios surpreendentes à compreensão das línguas selvagens, apenas apreciadas, desde o século XVI ao XIX, sob o aspecto puramente gramatical.

A labial explosiva *p* indica extremidade, superfície, ponta, revestimento. Mão é *po*. Por analogia, cinco é *pó*. A pele humana, ou dos animais (e também qualquer revestimento), é *pe*. Ora, a noite é um véu, ou pele, que cobre a terra. De que cor? Preto. Logo: *petuna* (*pe*, véu; *t* eufônico; *una*, preto). Pronuncia-se *petxuna*, porque o *t* em tupi, antes de *e*, *i* e *u*, é chiado, sendo daí a razão de os Brasileiros pronunciarem o *t* chiado quando anteposto àquelas vogais, pronúncia que muitos julgam acusar influência italiana e cuja origem é tupi e vem desde o século XVI.

A noite é precedida pela tarde. Que é a tarde? É a

sombra que desce das montanhas. Mas onde se ocultava a sombra ou a tarde, antes que o sol se escondesse? Quando o sol dardejava a pino, a sombra escondia-se debaixo das árvores, no seio da floresta.

É ali que mora a tarde (ou a sombra); é dali que ela sai devagarinho a gozar a doçura dos prados.

A tarde, portanto, é a que *mora no mato: caruca* (*caa,* mato; *r* gutural; e *oc*, morar). Pelo motivo de provir da mata ensombrada, o riacho que deu o nome aos habitantes do Rio de Janeiro foi designado pela palavra *carioca,* ou seja *caa,* mato; *r* eufónico; *i,* água; *oc,* morar).

*

Seria longo e não caberia neste trabalho revelar tão curioso cabedal colhido em observações e exames pessoais sobre a língua tupi. Apenas levantamos a ponta do véu para se compreender o mistério da toponímia brasileira.

Os Portugueses, desde o Descobrimento, verificaram a utilidade das denominações indígenas, verdadeiras notas de estenógrafo, exprimindo o máximo dos caracteres da terra no mínimo de sílabas. Ao conhecedor do pitoresco vocabulário, ilumina-se a carta geográfica, reproduzindo, como em pequenas imagens coloridas, relevos do solo, aspectos dos rios ou da costa, da vegetação e da gente, de forma talvez mais rica e sugestiva do que as gravuras marginais dos mapas de Barléus.

Ao enunciar a palavra *Pernambuco,* tem-se a visão dos recifes emergindo das águas, quebrando o mar (*Paraná,* mar; *poc* ou *puc*, arrebentado, quebrado). Dizendo-se *Iguassu* (nome da grande catarata) é como se disséssemos água (*ig*), grande (*uassu*). *Araguaia* é rio das aves; *Tocantins* (região dos tucanos); *Araraquara* (ninho das araras); Pirassununga (peixe cantador); *Goiás* (campinas); *Uruguai* (rios dos urus); *Itabira* (pedra que

se levanta como árvore – *mbira*, árvore); *Paraopeba*, ou *Para-i-peba* (rio de águas rasas – *pe*, *peua* ou *peba*, superfície); *Niterói* (água escondida – alusão à baía do Rio de Janeiro, que tem grande amplitude, mas uma entrada muito estreita); *Piratininga* (peixe seco, porque estando distante do mar, era preciso conservar o peixe naquele estado); *Sapucaí* (rio do grito – *sapuca*, gritar; e *i*, ou *ig*, água); *Ubatuba* (muitas canoas, bom porto); *Ibirapitanga* (árvore vermelha, pau-brasil).

O vocábulo *ita* (pedra) entra na composição de numerosas designações de cidades e acidentes geográficos. *Itapemirim* é pedra rasa e pequena; *Itaquaquecetuba* (pedra, *ita; qua*, buracos ou grutas; *quecé*, faca; *tuba*, muitas, ou seja: pedra com grutas onde se encontram muitas facas – talvez seixos polidos); *Itajubá* (pedra amarela, ou ouro); e se à palavra *ita* acrescentarmos *tinga, obi, una, poranga*, teremos pedra branca, verde, azul ou preta, e bonita.

Todos esses nomes designam centenas de povoados, vilas, cidades no mapa do Brasil. Devemos, os Brasileiros, a Portugal, o termos um caráter definido, uma expressão própria, que até nas denominações geográficas se afirma. Desejaram os Portugueses criar uma Nação que, numa forma original, fosse lusíada pela cultura, pela tradição moral, pela consciência jurídica, pelo sentido universalista, pela fé religiosa, mas guardando traços peculiares, de sorte a jamais ser uma cópia servil e monótona da Metrópole.

*

A língua tupi, o nheengatu ou língua geral, falada ao tempo do Descobrimento numa extensão de dez milhões de quilômetros quadrados e com tão pasmosa unidade que não tinha dialetos, mas apenas pequenas diferenciações, a maior parte das vezes produzidas pela in-

terferência dos próprios Europeus (Espanhóis e Franceses principalmente) não quiseram os Portugueses destruí-la, mas assimilá-la, enriquecendo o vocabulário lusíada no Novo Mundo.

O que faz um idioma, muito mais do que o vocabulário, é a sintaxe. A unidade de uma língua não repousa tanto na palavra, como na construção da frase, no ritmo expressional do pensamento. O emprego, pois, de novas palavras não enfraquece a vitalidade do idioma, antes enriquece-o. Para nòvos tempos, novas palavras, para novos meios físicos e sociais, novos termos designativos de coisas e fatos novos; o essencial é conservar o espírito da língua.

Os Portugueses no Brasil carrearam para o léxico imperial dos lusitanos os substantivos, adjetivos e verbos tupis, integrando-os no já riquíssimo acervo da língua dos desbravadores dos mundos novos. Esse material foi submetido à plástica flexional da morfologia dos colonizadores e ao sentido e estilo da composição das frases modeladas ao caráter neo-latino da colocação, da regência, da concordância e das variações peculiares à expressão dos civilizados. Assim, o caldeamento étnico, acentuando a predominância lusitana, determinou fenômeno idêntico no tocante à assimilação do vocabulário autóctone.

Não se criou uma língua brasileira. O português é a língua do Brasil. Mas para as necessidades do Novo Mundo — e a fim de que o Brasil não fosse uma repetição de Portugal, o que não revelaria poder criador dos colonizadores — centenas de termos tupis ingressaram na língua nacional.

Deu-se no Brasil o mesmo fato verificado no tempo da reconquista com a assimilação dos vocábulos árabes [27]. O gênio imperial lusitano, do mesmo modo como transplantou e transmudou espécies vegetais e animais do

Oriente para o Ocidente e do Ocidente para o Oriente, misturando fauna e flora de Ásia, África, Europa e América nos mais variados rincões do planeta, soube também portar-se com superior senso de universalismo diante da terra virgem do Brasil, civilizando-a sem lhe tirar os acentos originais.

E, assim, no mistério da toponímia brasileira, podemos ver a própria inter-comunicação do homem e da terra e o segredo da interpretação da natureza selvagem nas pitorescas formas designativas dos acidentes geográficos.

VI

SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

Baía de Guanabara. Incluída no códice, cujo original se conserva na Biblioteca da Ajuda (Lisboa)

A capital do Brasil — essa hoje deslumbrante metrópole que é o Rio de Janeiro — não fugiu ao processo uniforme da fundação das cidades brasileiras no período do Descobrimento e da Catequese [1].

Instalado na Bahia o terceiro governador Mem de Sá, apresentava-se-lhe como problema de mor preço a defesa do litoral dilatadíssimo contra as aventuras colonizadoras dos franceses, já estabelecidos na baía de Guanabara. A manutenção da posse lusitana deveria basear-se em baluartes disseminados ao longo de toda a costa.

Além da Bahia, erguiam-se já as cidades de Pernambuco ao norte e S. Vicente ao sul, mas entre esta e a cidade do Salvador só se contava o núcleo incipiente do Espírito Santo.

Pela posição geográfica, incomparável ancoradouro, fertilidade das terras e beleza da paisagem, a baía do Rio de Janeiro constituía objeto de cobiça a que os Gauleses se mostravam atraídos, sonhando ali fundar uma França Antártica. Sob o comando de Coligny e depois de Villegaignon, aportaram no maravilhoso cenário as naus dos hunguenotes, os quais logo conseguiram amizade com as tribos da nação tamoia.

---

1 Ao ser escrito este livro, o Rio de Janeiro era ainda a capital do Brasil — até 1960 (N.E.).

Não contando elementos suficientes para expulsar os intrusos, Mem de Sá incumbiu o jesuíta Padre Manuel da Nóbrega de ir adiante da esquadra lusitana à capitania de S. Vicente, recrutar índios guerreiros amigos de Portugal. O arcabuz irmanava-se às flechas, a espada ao tacape. E o sangue derramado em comum selou a terra que por todo o sempre seria terra lusíada.

*

Villegaignon foi batido em dois dias de combates. Mas a guerra não terminou. Volvem os Franceses, firmam-se mais fortes. Em 1564, vemos de novo uma esquadra portuguesa seguir da Bahia para o Sul. Comanda-a Estácio de Sá, sobrinho do governador. Dirige-se, como a outra, a S. Vicente. É o reservatório dos guerreiros da selva, amigos dos Portugueses, para a cristandade católica e os Portugueses conquistados pelos nunca assaz louvados jesuítas. Desta vez, além dos guaianases de Piratininga e dos tupinambás da costa meridional, o chefe branco também conta com o apoio do príncipe das selvas, Ararigbóia, o "cobra colorida", a quem foi concedido pelo Soberano o hábito de Cristo.

Estácio de Sá e o seu exército desembarcaram na enseada que se abre entre o Pão de Açúcar e a Urca. A 1.º de Março daquele ano, começaram a erguer-se os alicerces da nova cidade.

*

Muralhas de taipa, casa da governação, igreja, quartéis, casas dos colonos, tabas indígenas, e canhões brasonados com bordaduras na culatra e a boca aberta para os franceses...

Dois anos decorrem. Dois anos sitiados, com sobressaltos, insônias e orgulho de fundador.

Lá estão os huguenotes à vista. Os tamoios confe-

derados apertam o cerco, ao som das inúbias guerreiras, constringindo a cidade nascente. Os portugueses estabelecem os postos avançados, aguardando o ataque. Não se limitam, porém, à expectativa. Na retaguarda, trabalham pedreiros, canteiros e carpinteiros. E erguem-se as casas dos alicerces.

Ao longe, o perfil dentado da Serra dos Órgãos; mais perto, cingindo a baía de Guanabara, os cerros da Tijuca e Corcovado e o desenrolar dos morros cobertos de mata virgem. O inimigo dissemina-se por toda parte. Por detrás daquelas pedreiras a emergir das florestas, guerreiros sem conta troando os borés.

Os Índios de Ararigbóia colam o ouvido ao chão e escutam. Há rumores suspeitos no arvoredo. Os guaianases de Piratininga, os carijós de Cananéia, os tupinambás de Iperóigue, que os jesuítas fizeram amigos [28], preparam flechas, retesam arcos. Arcabuzeiros arrebanhados a Alfaina misturam-se democraticamente a lídimos fidalgos, na aventura do Novo Mundo!

Nuns e noutros flameja a chama do grande sonho renascentista que se alarga por oceanos e continentes.

Fortalecem-se os Franceses com os auxílios que de Genebra lhes envia Calvino. Alastra-se a confederação das tribos suas aliadas. Defendidos por artilharia no morro Biroaçumirim (atual morro da Glória), concentravam ali os tamoio-gauleses milhares de guerreiros, que iam atacar por terra a cidade nascente, enquanto a ilha de Paranapeçu (*parana-pe*: ilha do mar; *çu ou açu:* grande – depois e até hoje chamada do Governador) partiam incursões que surpreendiam os Portugueses pelo mar.

Apertado por todos os lados, comprimido contra as rochas do Pão de Açúcar e da Urca, ocupando acanhada nesga de terra onde muros de taipa e construções em começo constituem a sua cidade, Estácio de Sá assume audaciosa atitude, bem digna dos heróis de Homero.

Para tirar à empresa qualquer esperança que não fosse a inabalável sustentação dos próprios pés na terra assinalada por seus passos, o jovem capitão devolve à Pátria as caravelas que o trouxeram com seus soldados.

Os navios abrem os panos, transpõem a barra, desaparecem no horizonte. Os Franceses não compreendem o que se passa. Os Portugueses, porém, encaram resolutamente o Futuro.

Diante deles, a terra virgem contempla-os, com suas matas, suas orquestras de pássaros, seus penhascos reluzentes, suas longínquas serras, recortando-se na amplidão sertaneja, como braços a apontar os destinos de uma nacionalidade balbuciante.

Não há outro remédio senão ficar.

Ficar e lutar. Vencer ou morrer. Pois essa é a glória dos fundadores da novas Pátrias, dos construtores do Porvir.

Ficar com a sua idéia. Dar à sua idéia o caráter das decisões irrevogáveis. Não transigir, não recuar, não ceder uma linha do pensamento amorosamente pensado, do sonho ardentemente sonhado.

Com essa força nascia a cidade que deveria ser a capital do Brasil. Força que sustentou de pé os que se fizeram prisioneiros do seu próprio sonho.

*

Um dia, apontam, dos lados do Imbuí, três galeões e duas caravelas.

Depois de tantos meses de lutas e de esforços construtores — guerrilhas a todos os momentos, permanente vigilância na terra e no mar, expectativa angustiosa de assaltos inimigos — aquelas naus que surgiam na barra constituíam o penhor dos combates decisivos.

Mem de Sá vinha pessoalmente em socorro do sobrinho. Trazia gente de armas com todos petrechos e

munições. Acompanhavam-no o Bispo D. Pedro Leitão e seis jesuítas, entre os quais o Padre José de Anchieta, que regressava da Bahia, onde fora receber ordens sacras.

Na manhã seguinte, 20 de Janeiro de 1567 — dia de S. Sebastião — começa a batalha. Os Franceses são desalojados da terra firme. Entrincheiram-se na ilha de Paranapeçu. É o combate supremo. Troam as peças de artilharia. Crepitam os arcabuzes. Silvam as flechas. Chega-se ao último reduto. Eis o assalto final...

Estácio de Sá não o viu. Uma flecha varou-o, como outrora, por Cristo e nossa fé, também foi trespassado o capitão romano cuja festa naquele mesmo dia celebram, com tamanho denodo, os Portugueses [29].

O seu destino terminou. A cidade sonhada podia agora livremente crescer. Estava garantida, contra os Franceses, a lusitanidade do Brasil; contra Calvino, a catolicidade brasileira.

A cidade cresceria. Atingiria os morros próximos. Ultrapassá-los-ia. Avançaria para os vales, abrir-se-ia mais tarde na orla das enseadas. Galgaria as montanhas, contornaria, envolveria as florestas. Ergueria fortalezas, igrejas, palácios, monumentos.

*

O pequeno arraial palpita em festa. Cânticos sobem ao ar. Estouram fogos, repicam sinos.

O fundador, no leito da morte, escuta as canções dos seus soldados, o batuque dos seus índios. Ao pé da cama, está o valente Ararigbóia, que o apelida carinhosamente" irmão branco". Está triste como a sombra das árvores na hora em que morre o dia.

O perfil de um jesuíta destaca-se no claro-escuro. O padre unge o guerreiro. Orações surdas crescem no aposento. Mem de Sá e Salvador Correia de Sá, o novo

capitão-mor da povoação nascente, aproximam-se e ajoelham. Todos se ajoelham.

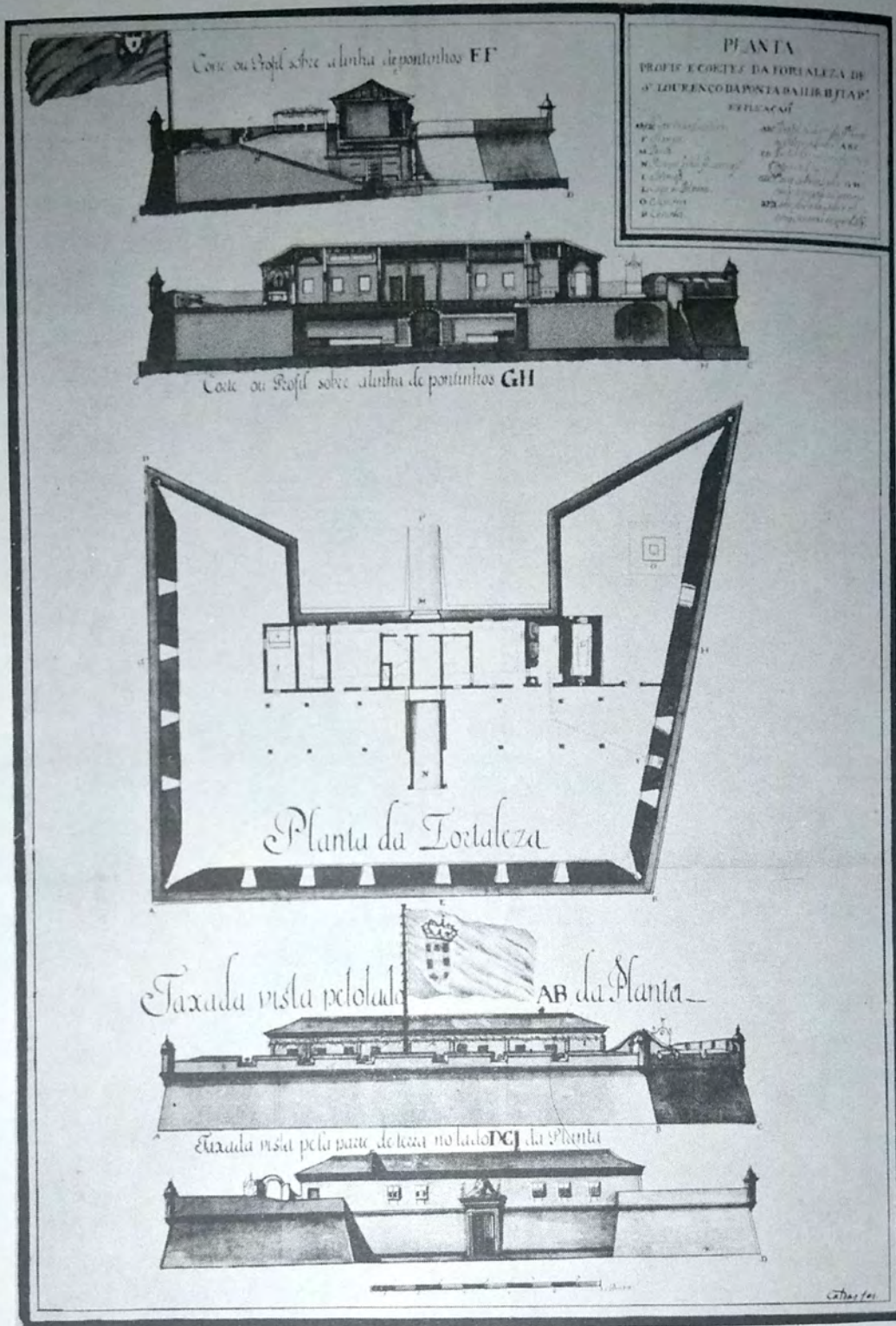
Lá fora, o clangorar da vitória. Estácio de Sá vai cerrando os olhos. E, à proporção que os cerra, vê a cidade maravilhosa do futuro. Que cidade é essa?

Duas lágrimas brilham nos cantos das pálpebras imóveis.

Cumprira-se um destino.

A História, desde agora, recolhe o nome de uma cidade para a glória de uma Pátria: — São Sebastião do Rio de Janeiro.

VII

NO TEMPO DO AÇÚCAR

Planta da fortaleza de São Lourenço da Ponta de Itaparica

A segunda metade do século XVI e primeiras décadas do século XVII foram assinaladas pelo desenvolvimento das cidades já existentes, pela fundação de outras e pela constante preocupação de defesa contra invasores europeus ou tribos inimigas.

O processo de formação urbana pode ser configurado pelo relato de Mem de Sá no seu "Instrumento de serviço", o qual vale como preciosa gravura do aglomerado inicial do Rio de Janeiro. Diz ele... "fiz a igreja dos padres de Jesu, onde agora residem, telhada e bem consertada, e a Sé de três naves, também telhada e bem consertada; fiz a casa da Câmara sobradada, telhada e grande; a cadeia; as casas dos armazéns e para a Fazenda de Sua Alteza, sobradadas e telhadas e com varandas..."

Tão rápidas construções de telhas tinham encontrado facilidade na existência de uma olaria fundada pelos Franceses no sítio hoje conhecido por Praia do Flamengo. A incipiente indústria era chamada "La Briqueterie" e figura à margem do rio Carioca, nas mais antigas cartas da baía de Guanabara.

Fácil imaginar os primeiros núcleos das cidades do Brasil: defesa militar, iniciação agrícola, expansão religiosa.

"Mande V. A. olhar por esta terra" — escreve Brás Cubas, fundador de Santos — "mande-a prover de pólvora e bombarda e de espingarda e pelouros e chumbo de bombardeiros. . ."

A futura capital do Brasil, descreve-a Gabriel Soares: "em uma ponta de terra que está defronte da ilha de Viragalham, a qual está lançada deste alto por uma ladeira abaixo; e tem em cima no alto um nobre mosteiro e colégio dos padres da Companhia; e ao pé dela uma estância com artilharia para uma banda e para a outra, um modo de fortaleza em uma ponta, que defende o porto, mas não a barra por lá não chegar bem a artilharia".

São Vicente era defendida pela Bertioga. As fortalezas pontilhavam a costa. Assim a Torre de Garcia d'Ávila, atalaia da Bahia, onde a igreja e o forte se conjugavam, constituindo um bloco monumental de grossas paredes inexpugnáveis.

Levantam-se, em toda a linha do litoral e nos extremos sertões, os fortes de pedra. Nas casamatas abrem-se as bocas das canhoneiras, por onde enfiam os pescoços de bronze as peças de artilharia. Recrutam-se mosqueteiros e arcabuzeiros nas vielas turbulentas de Lisboa, colhem-se remanescentes aguerridos de empresas de África. E se é verdade que o Novo Mundo abre possibilidades de regeneração a sentenciados, também é verdade que rasga horizontes de glória a cavaleiros de nobre linhagem. A belicosidade das tribos nativas conflui nos pactos de amizade e revigora o poder militar das feitorias com táticas oriundas do conhecimento da terra e dos expedientes adversários.

*

Termina o período da exploração do pau-tinta e começa o da cana-de-açúcar. Introduzida no Brasil por

Engenho de açúcar (da *Galerie Agréable du Monde*, de Pierre Vauder A.A. – 1750)

Martim Afonso de Sousa, a preciosa gramínea tornou-se em pouco tempo a riqueza principal dos donatários [30]. Sendo o açúcar mercadoria de alta estimação na Europa, contava como verdadeira moeda e como tal o exigem os piratas pelo resgate das praças conquistadas.

O "engenho" era a indústria da América. Tão importante se afigurava que o próprio monarca mandava construir um para si, determinando na carta régia de 5 de Outubro de 1555 "que à custa da minha fazenda se faça nessa Capitania um Engenho de açúcares".

Na primeira metade do século XVI, apenas os donatários construíam engenhos; a partir daí, numerosos capitalistas tomaram igual iniciativa. Começava o feudalismo americano, onde o castelo medieval, que centralizava no velho Mundo a vida dos burgos subjacentes, foi substituído pela casa grande. Em vez de condes e barões, tínhamos os "senhores de engenho".

A cultura da cana e a produção do açúcar desenvolviam, ao mesmo tempo, a navegação no mar e a pecuária na terra. A criação do gado era uma conseqüência das necessidades de transporte. Mais se alargavam os canaviais, mais cresciam os rebanhos.

*

O mecanismo dos engenhos era simples. Grande rancho de telhas, a moenda de cilindros. Roda de água girando, espadanando neblina com brilhos de arco-íris. No alto, a bica jorra e canta nas caçambas. A moenda geme, estalando. Escorre a garapa verde na tina preta. Cresce a montanha dos bagaços. Os carros de bois chiam trazendo mais cana. O sol brilha no azul emoldurado de coqueiros. Nas bocas vermelhas das fornalhas braços oleosos de suor mexem com a espumadeira o melaço moreno. São braços negros, são corpos negros, é o homem de África, recém-chegado da América. E o açúcar vai

saindo alvo como a neve, para adoçar os lábios da Europa...[31].

Em torno desse maquinismo primitivo, erguem-se a casa do "senhor", e a igreja, e as residências das pessoas de melhor qualidade, e as senzalas dos escravos. Predomina ainda o espírito militar. O inventário de Mem de Sá, referindo-se à casa do administrador do engenho, Simão de Sá, descreve-a como "casa fortaleza nova de pedra e cal telhada de novo e meia assoalhada e toda cercada de madeira para fazer varandas qual está para assoalhar" e refere-se a um "baluarte telhado de pau a pique".

Gabriel Soares fala de outro engenho no rio Paraguaçu, "de pedra e cal", dizendo que "tem grandes edifícios de casas, e mui formosa igreja de São João, de pedra e cal; o qual engenho tem mui grande aferida, e mói com uma ribeira que vem a este sítio por uma levada de uma légua, feita toda por pedra viva ao picão com duas açudadas, com muros e botaréus de pedra e cal, coisa muito forte".

Nos fins do século XVI (1583) só Bahia e Pernambuco possuíam 106 grandes engenhos, segundo os cálculos de Anchieta e de Fernão Cardim. A exportação de açúcar desses estabelecimentos atingiu naquele ano mais de duzentas mil arrobas. Cinqüenta anos depois, o número dos engenhos no Nordeste duplicou e a safra atingia, à chegada dos Holandeses, um milhão de arrobas...

*

Introduzira-se no Brasil, para as fainas da lavoura, o laborioso e dócil africano.

O gênio lusitano percebera imediatamente que o índio brasílico só poderia ser integrado na comunhão do império como guerreiro ao serviço de El-Rei, e jamais como trabalhador sedentário. O que os etnólogos, como

Martius e outros, observaram no século XIX em relação à belicosidade tupi e à inadaptação dessa raça a uma vida circunscrita a alguns quilômetros de lavoura, já o haviam notado os Portugueses no século XVI, quando decidiram aproveitar a inquietação e instabilidade da alma autóctone como auxiliar poderoso do desbravamento dos sertões e a sua índole guerreira como reforço militar à expulsão de invasores da América Lusitana.

Os que ainda hoje acusam os jesuítas e os Governos da Metrópole por introduzirem no Brasil escravos de África, ao passo que deixavam livres os índios, não fazem senão mostrar a superficialidade com que apreciam a obra daqueles verdadeiros técnicos da psicologia das raças. Cumpre ainda acentuar que o negro em África já era escravo, o que não se dava com o índio no Brasil. Saindo do cativeiro das selvas nativas, o negro encontrou, sob o domínio dos cristãos, o limiar da liberdade e da dignificação humana. Foi batizado, cristianizado, instruído nos ofícios mecânicos, conviveu com as famílias patriarcais, subiu na confiança dos senhores, tornou-se companheiro do branco e do índio na construção de um mundo novo. A ausência de preconceitos raciais elevou, dia a dia, o negro no Brasil, participando ele, com o tupi e o português, dos processos de caldeamento e elaboração de tipos étnicos integrados na comunhão nacional.

*

A utilização dos negros nas lavouras brasileiras afigurou-se de tal importância que as levas iniciais de Africanos foram diretamente providenciadas pelo Rei de Portugal. Em 1551 chegaram os primeiros escravos de África à Bahia. Um monarca, profundamente cristão, como era D. João III, e que ao mesmo tempo reunia ao justo título de "piedoso" as qualidades de grande estadista e antevisor do futuro, tendo sido um dos raros ho-

mens de gênio da Europa a advinhar os destinos superiores do Brasil, não iria implantar a escravidão negra nas terras de Santa Cruz, por simples e mesquinha preocupação de lucros a revelar sentimentos de desumanidade. Falava em D. João III alguma coisa mais alta, que o mercantilismo cruel dos negreiros nos tempos seguintes iria desvirtuar, sem contudo impedir os resultados benéficos da cristianização e da adaptação ao convívio civilizado das tribos selvagens da África.

Não é possível apreciar com justiça o regime de trabalho escravo se pretendermos submeter um fenômeno social do século XVI ao critério da economia e da psicologia do século XX, nem tão-pouco se pretendermos tomar como equivalentes a concepção social do trabalho de um operário sindicalizado dos nossos dias e a do homem selvagem da floresta. As próprias massas trabalhadoras do nosso tempo só lentamente vão adquirindo "consciência de classe", sendo a formação dessa consciência a preocupação, aliás de grande clarividência, dos revolucionários marxistas dos nossos dias, feitas as restrições à sua concepção materialista. Para que o negro chegasse a compreender a liberdade precisava compreender o trabalho, e no século XVI não era possível a utilização dos métodos de que hoje dispomos. Como, naqueles tempos, fazer o africano transitar da vida da selva para uma vida de assalariado do tipo, já não dizemos dos proletários das *Trade Unions,* mas ao menos do tipo individualista que assinalou o regime contratual do século XIX? E D. João III utilizou-se do único meio de que dispunha: a escravidão. O abuso veio depois, com todo o seu cortejo de horrores: os navios negreiros cujas cenas dantescas envergonham o gênero humano, os mercados degradantes, os suplícios impostos pelos maus senhores. E convém notar que não foram os Portugueses que fizeram dos negros escravos; eles já não eram livres na sua terra natal: vendiam-nos a gentes de várias nações civi-

Mãe preta, monumento erguido no largo do Paissandu, em São Paulo, S. P.

lizadas (e algumas tidas hoje por campeãs do humanitarismo) os régulos e sobas, que sobre eles exerciam direito de vida e de morte [32].

*

Regra geral, o negro foi tratado cristãmente. Os jesuítas procuraram logo dar-lhes assistência religiosa. Faltando-lhes intérpretes, enviaram a Angola dois padres para aprenderem a língua dos africanos. Por outro lado, o negro começou a conquistar o coração dos brancos. As suas nobres qualidades de bom trabalhador, a sua docilidade, a sua paciência foram, por assim dizer, submetendo os senhores e as suas famílias ao jugo de uma simpatia que não tardou a transformar-se em confiança e amizade. Nas grandes fazendas, as matronas brasileiras ajoelhavam-se diante do oratório, com os filhos e os escravos. As "mucamas" tornaram-se confidentes das "iaiás" e os "moleques" os companheiros dos "ioiôs". Os velhos africanos, simbolizados no tipo do "Pai João", eram o encanto das crianças brancas, às quais contavam histórias maravilhosas. E, como traço de união de duas raças, a "Mãe Preta" – ama de leite de quase todos os filhos de fazendeiros – sobrelevou-se como a expressão suprema da bondade e do carinho maternal.

O costume, iniciado nos fins do século XVI, de conceder um dia da semana ao escravo, para que fizesse o que entendesse, desenvolveu-se no século XVII, entregando-lhes o "senhor" um pedaço de terra para que o cultivassem para seu sustento e depois até para seu negócio. Os resultados desse costume, que na América Central foi denominado "sistema do Brasil", fizeram-se sentir no século XVIII como instrumentos de libertação dos escravos, que principiaram a comprar a própria liberdade pagando o valor pelo qual eram avaliados, com as economias ou fazendas que acumulavam. Em Ouro

Preto, por exemplo, os pretos organizaram a confraria do Rosário, cujos cofres, anualmente, iam comprando e alforriando numerosos cativos. Saindo, pois, da escravidão da selva africana, o negro transitava pela escravidão do Brasil e atingia — pela consciência que adquiria do trabalho e da auto-determinação — a liberdade, agora sólida e bafejada por um meio social onde nunca se cultivaram preconceitos raciais. É verdade que antes de chegar a esses resultados, alguns escravos sofreram dolorosos padecimentos impostos por maus senhores que felizmente constituíam exceções vergonhosas num país onde a maioria dos fazendeiros guiava-se por um bom coração; mas afinal o negro alcançava no Brasil o que, então, não teria logrado obter na selva do Congo ou de Angola: uma liberdade real, baseada numa profissão, num meio de vida e respirando numa atmosfera de igualdade e fraternidade cristãs; liberdade para a qual se abriam todas as possibilidades de ascensão do meio social, pois na grande democracia brasileira não importava a origem nem a cor: todos eram irmãos na grande aventura do Novo Mundo.

A influência do negro no litoral e no Nordeste foi enorme; enquanto em São Paulo e na Amazônia, a quase totalidade das populações era constituída por mestiços de português e índio, naquelas regiões foi grande o cruzamento entre o português e o negro. Dizemos grande e não total, pois também no Nordeste prosseguiu o caldeamento luso-tupi. Em Piratininga e no curso dos afluentes do rio-mar é que o cruzamento dos peninsulares com os índios pode-se dizer que foi total [33]. Encontrando-se os negros em zonas mais ricas da agricultura e do comércio, nas quais principiavam a existir cidades mais confortáveis, o vocabulário africano enriqueceu as denominações de objetos de uso, de culinária, de coisas urbanas, ao passo que os nomes tupis exprimiam a geografia e a botânica da terra, entrando em larga escala no

linguajar doméstico paulista e amazonense, como até hoje se dá.

O folclore africano — práticas supersticiosas, cantigas e danças — predominou principalmente na Bahia e depois invadiu o Rio de Janeiro, onde, mesmo nos princípios do século XIX, ainda as cantigas, danças e até os feiticeiros eram caboclos e não negros, como observa Mário de Andrade, comentando um dos maiores depoimentos da época, as *Memórias de um sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida [34]. Os deuses africanos — Ogum, Xangô, Oxalá — são citadinos: o seu culto nas macumbas é completamente desconhecido no vasto interior brasileiro, onde também as danças como o samba, de origem negra, são desconhecidas ou já fortemente influenciadas pelas danças caipiras. Os deuses tupis — Caapora ou Curupira, Saci Pererê, Boitatá — são sertanejos e as capitais do litoral não os conhecem senão pela literatura, o mesmo se dando com as danças, como o caiapó e o catira ou cateretê.

*

Negros, índios (tapuias e tupis) e portugueses e as mestiçagens das três raças constituíam a população brasileira no período da cana-de-açúcar. A sociedade brasileira começava a formar-se, a tomar feição no convívio das cidades, que cresciam reproduzindo os aspectos arquitetônicos de Portugal.

Olinda era já uma formosa cidade, com as torres das igrejas a emergirem por entre os coqueiros dominando o mar, e as suas casas assobradadas ao estilo das construções lusitanas, com suas varandas, eiras e beiras. Nas proximidades, Recife, defendida por duas fortalezas, o porto cheio de navios, as ruas rumorosas de comércio.

Planta da cidade de Salvador — Bahia

Ao norte, começavam a firmar-se e prosperar os núcleos que pontilhavam a costa, a partir da Paraíba. Erguia-se a ermida e a fortaleza da futura capital do Ceará. O Maranhão, livre das incursões dos Franceses, principiava a desenvolver-se; deveria ser, dentro em breve, o teatro da formidável ação apostolar e colonizadora dos jesuítas, entre os quais iria avultar a figura genial de Antônio Vieira. Dali partiriam os filhos de Loiola para a conquista espiritual do Pará e do misterioso mundo amazônico.

Do lado do sul, Vitória tornava-se uma vila, onde os padres da Companhia tinham boa casa. Ali, José de Anchieta passa os últimos dias de sua existência, dedicando-os aos seus índios, criando para eles uma literatura: o catecismo na língua selvagem, peças de teatro em tupi e a primeira gramática do idioma autóctone.

A cidade de Estácio de Sá desenvolvia-se lentamente. Apesar de erigida em capital do Sul, a população era ainda escassa. Engenhos, só tinha três. Conventos, os dos franciscanos no morro de Santo Antônio, o dos beneditinos na colina junto à baía, e a casa dos Padres de Jesus. A Sé, a casa do governador, as fortificações, o casaréu trepando o morro da Glória, e a rua da Praia em baixo . . .

Era no tempo de Salvador Correia, governador sertanista, primeiro entre todos a perlustrar o vale do Paraíba e a galgar a Serra da Mantiqueira à altura de Pindamonhangaba.

*

Mas a cidade da Bahia, essa, estadeava aprumo de verdadeira capital, centralizando toda a vida do Norte.

Conventos, fortalezas, sessenta igrejas.

Banguês e serpentinas, com senhores ricos transportados aos ombros de escravos.

O terreiro da praça, o terreiro de Jesus, as ruas pelos morros, com sobrados de balcões, portas de armazéns, portões de carruagens e cavalos.

Soldados, frades, fidalgos, doutores, traficantes, aventureiros.

Negras de balaios à cabeça, aguadeiros com cântaros, moleques com recados.

Procissões, opas, andores, tochas, incenso, nichos nas esquinas, com luzes a alumiar episódios noturnos.

Mastaréus de navios do Reino e da África.

Borés de índios com maracás e cateretês, urucungos de pretos com sambas.

Audiências do governador, regimentos, cartas régias, bulas papais, instruções e benefícios. Trombetas de bandos e repiques de sinos, no céu azul, diluindo-se nas vastidões continentais...

Expira o século XVI.

VIII

AS ÁGUIAS PARTEM DO PLANALTO

ESTAMOS no limiar do segundo ciclo da formação das cidades brasileiras.

É a marcha para a conquista do imenso território. Durante todo o século XVI, no planalto de Piratininga, nasceram novas gerações adaptadas ao meio físico. Os berços de taquara, suspensos pelas cordas de cipó às cumieiras das casas, embalam brasileirinhos morenos, filhos de índios e portugueses: são os futuros desbravadores da selva, os quais, comandados por aqueles esplêndidos tipos de capitães como Portugal os produziu desde a fundação da nacionalidade, iriam devorar léguas nas amplidões sertanejas.

Crescem, ouvindo de suas mães evocações de paisagens remotas, lendas maravilhosas de serras de ouro e prata, montanhas de esmeraldas, gênios miríficos da floresta. As narrativas despertaram no sangue do caldeamento as vozes longínquas dos que desceram dos altiplanos andinos para a conquista da verde Pátria, cantando: "*Iassô Pindorama koti, itamarama pô anbatim yara rama recê!*" Ou seja: "marchemos para a região das palmeiras, com as armas erguidas nas mãos, seremos senhores daquela terra!" [35].

As vozes pretéritas convidam a regressar pelas veredas percorridas. É a reconquista dos sertões abandona-

dos, a saudade dos rios interiores e dos recessos da Grande Terra.

Os rapazes escutam, subconscientemente, na fusão dos sangues, outras vozes. Vozes dos guerreiros brancos do outro lado do Oceano. Vozes que cresceram, num tumulto, ao tropel dos cavalos, ao retintim das espadas, estrondar de bombardas, zunir de pelouros, empurrando a mourama, levando a Cruz, atravessando o mar, e queimando-se na chama crepitante de um sonho que transfigurou a realidade histórica na magia de um símbolo.

Começa a epopéia das Bandeiras [36] que romperam as florestas, vadearam rios, galgaram serras, cruzando e recruzando, em todas as direções, o mapa do Brasil.

As sortidas iniciais partem de Piratininga. Descem o Tietê em canoas ou marcham a pé, na direção do Sul, do Oeste e do Norte. São rudes aventureiros, espadagão à cinta, o chapéu de abas largas, pesados sapatões, que abrem a mata a golpes de machado e facas sertanejas. Os cargueiros levam provisões de pólvora e sal, instrumentos agrícolas e sementeiras, porque a viagem, de fixo, tem uma data apenas: *a da partida,* e ninguém sabe quando *voltará,* ou *se voltará.*

Homens houve, como Raposo Tavares, que tendo marchado por todo o território brasileiro e tendo chegado ao Pacífico, onde exclamou: "se a mais terras não fui é porque não havia mais terras", ao regressar a São Paulo, não foi reconhecido pela própria família. Partira jovem, voltava completamente velho. Outros, como Fernão Dias Pais Leme, que Bilac exaltou num dos mais belos poemas da nossa língua [37], morrem de febre, quando julgavam haver achado as esmeraldas do seu sonho.

*

Assim se desenrolou o ciclo da descoberta das minas. Ciclo das lendas, dos mistérios, dos terrores supe-

Estátua de Antônio Raposo Tavares, autoria de Luigi Prieeolar.
Esculpida em Gênova, 1922

rados pela vitória do Homem sobre a Natureza. Corria, por exemplo, o mito da Serra dos Martírios. O Bandeirante teria de afrontar ali todos os sofrimentos. O *Currupira,* ou *Caapora,* gênio insidioso da floresta, desnorteá-lo-ia, ensinando-lhe caminhos errados. O herói ficaria perdido nos meandros da mata, rodeado dos uivos do jaguar, tigre da terra brasileira. Seria assaltado pela febre, pela fome, pelo desespero. O *Boitatá,* espírito de fogo, passaria, diante dos seus olhos, serpentes incendiadas. O aventureiro teria de marchar, triunfar. Quando tudo julgasse haver vencido, surgir-lhe-ia o *Paiaguá,* demônio dos sertões, conclamando as hordas dos "juruparis", espíritos maus dos insultos e das injúrias, e os "sacis-pererês", motejadores, que lançariam o desânimo na alma do desbravador. Mostrar-lhe-iam as ossadas de todos os que partiram cheios de esperanças e que dormiram para sempre à sombra das florestas. O herói, se tudo enfrentasse com ânimo forte, atravessaria a Serra e seus olhos contemplariam os horizontes do El-Dourado, país do ouro e das pedras preciosas, habitado por mulheres gentis e guerreiras, que ofertariam ao vencedor a pedra verde do Muiraquitã, colhida em noites de lua, no remanso de um lago encantado; e veria Manoa, a cidade do sonho e da esperança!

Ainda não se escreveu o poema das Bandeiras, do recuo do meridiano traçado em Tordesilhas, o qual, tendo fixado teoricamente os limites da América portuguesa, não subsistiu em face da realidade prática, mais tarde consagrada pelo *uti-possidetis* no tratado de Madri em 1750.

*

São Paulo era talvez a mais pobre das cidades fundadas no século XVI; talvez por isso mesmo tornou-se o ninho de águias que devassaram todo o sertão, acometeram o mistério das florestas, dilataram o território

da Pátria, fixaram os limites da Grande Nação Brasileira.

Enquanto no Norte do País a cultura da cana-de--açúcar dava origem a uma aristocracia feudal, criando a casa-grande e o latifúndio, no planalto piratiningano a agricultura processou-se pelo regime da pequena propriedade. E nunca chegou a constituir fundamento de riqueza pública ou particular. Quem lê as atas da Câmara Municipal de São Paulo [38] aflige-se verificando, página a página, através dos séculos XVI e XVII, a extrema indigência dos paulistas. As obras mínimas (consertos no telhado, remendo de portas, calafetagem de paredes furadas pelas chuvas) eram objeto de discussões e o leitor desses documentos verifica, pela indiscrição dos edis, que as coisas, depois de meses, continuavam como estavam... Os inventários e testamentos [39] são eloquentíssimos nesse dilatado período. Tudo era objeto de arrolamento e avaliação, até as peças íntimas do vestuário, muitas em mau estado. Mobiliário raramente aparece. Objetos de metal eram raridades e valiam muito mais do que bois e cavalos, simples enxadas ou foices. Em 400 inventários seiscentistas, apenas 25 — observa Cassiano Ricardo [40], denotam algum conforto. As mulheres não usam jóias de ouro e pedras preciosas, mas discretos enfeites em que predominam pedras semipreciosas.

Tão grande pobreza criou no paulista o sentido do desapego ao conforto, aos bens de fortuna ligados ao sedentarismo de uma fixação indefinida à terra natal. Quem é pobre é livre. Quem é livre pode andar, correr terras, sonhar sonhos altos e viver por eles. Na realidade da sua quase indigência [41], o homem de Piratininga pôde engendrar a realidade do futuro, o ideal da conquista das selvas, da descoberta de minas fabulosas.

Além disso, a pobreza é democrática, igualitária; e por que não divide os homens em castas, eles se enten-

dem melhor, realizando um conjunto psicológico homogêneo, condição essencial ao êxito das empresas que exigem a cooperação de todos. Os povos ricos e fartos não emigram e o "bandeirismo" foi uma espécie de movimento emigratório. Privações havia-as no sertão; mas a vida do paulista no planalto era uma vida de ascetismo. Em 1620, só existia em São Paulo uma cama apresentável e a Câmara teve de requisitá-la para hospedar o ouvidor em visita a Piratininga. Os habitantes, em geral, dormiam em redes.

Ao findar o século XVI, São Paulo possuía 120 casas e cerca de 1.500 moradores: portugueses e espanhóis (alguns de linhagem fidalga), índios, mamelucos, poucos negros e certo número de judeus. Entregavam-se ao cultivo do trigo e a indústria local cingia-se à fabricação de marmelada, que se exportava em caixetas. Tão medíocres atividades econômicas não constituíam estímulo a que os paulistas se agarrassem à sua terra. O grande sonho do ouro e das pedras preciosas atraía-os . . .

*

Na sua cidade alcandorada no cimo da serra, os piratininganos viviam uma vida quase independente. Isolados à entrada do misterioso sertão, a autoridade da Metrópole ou dos governadores chegava até eles como um eco amortecido. No igualitarismo democrático do seu ambiente social, cada um tratava de afirmar-se e defender-se como podia.

A lei era a do mais forte, como acontece sempre que a voz da autoridade é mais fraca do que a da liberdade. Para se defenderem, os grupos familiares agregavam-se em torno de um chefe [42]; à parentela juntavam-se as clientelas; nascia o bando, com o seu caudilho. Era o tipo do cabo de Bandeiras.

"Toda aquela villa de San Pablo" — escreveria D. Luís de Cespedes — "es gente desalmada y alcuantada, que no haze caso ni de las leyes del Rey ni de Dios, ni tienen que veer con justicias maiores deste Estado", acrescentado: "vienen al pueblo en dias de fiesta y eso armados con escopetas, rodelas y pistolas, publicamente consientelos las justicias, porque no já son mas que en la apparencia, y son como las demás muertes, cuchiladas y otras insolencias..."

Esses homens, entretanto, ao organizar as Bandeiras de penetração na grande terra desconhecida, à qual imprimiam feição nitidamente militar, não se esqueciam de levar um escrivão que deveria redigir os testamentos dos sertanistas, quando — feridos ou atacados de moléstia impiedosa — pressentiam a morte inevitável, e um sacerdote, a fim de que não faltasse ao aventureiro das brenhas o socorro espiritual da religião de Cristo. Tão grave consciência da responsabilidade perante a família e perante Deus evidencia-nos toda a grandeza de alma daqueles rudes desbravadores da selva. Ia com eles o espírito cristão, a Fé recebida dos seus maiores e da qual derivava o sentimento de retidão e de justiça, que ditava os testamentos às vezes debaixo de uma árvore, ou à margem de um rio ainda sem nome.

Com tal concepção da vida e dos destinos naturais e sobrenaturais do Homem, os heróis do Bandeirismo lançaram as sementes de numerosas cidades no seu trajeto glorioso. Era também a vida de uma Nação que suscitavam; era o destino de uma Pátria que traçavam.

*

As Bandeiras não só fundaram cidades novas, mas povoaram as já existentes, trazendo para estas multidões de índios que os Espanhóis procuravam concentrar no Paraguai. O objeto inicial das investidas sertão

adentro foi o aliciamento de selvagens para as lavouras do planalto.

Nicolau Barreto traz para São Paulo três mil tapuias. Da Serra de Apucarama, Fernão Dias Pais transfere cinco mil para o povoamento de Santana de Parnaíba, onde se desenvolvia a lavoura de milho, feijão e trigo. "Copioso número da tribo dos guarulhos" traz o padre Mateus Nunes Sequeira para povoar Atibaia. Mais de vinte mil traz Raposo Tavares para o planalto. Em todo o período das "descidas" calcula-se que os Bandeirantes desviaram da influência espanhola mais de trezentos mil índios.

Mas o conhecimento do sertão e dos seus mistérios abre nova época ao surto do Bandeirismo. Inicia-se o ciclo do ouro. Prolongar-se-á até aos fins do século XVIII.

Durante esse período, formaram-se numerosas cidades, principalmente as de Minas, Mato Grosso e Goiás.

As cidades surgem como bases de largas atividades em redor. Começam com plantações de cereais, formação de pasto para o gado, rancho de tropas, armazéns de pólvora e sal, ermida onde rezam os sertanistas. Aparecem as casas das fazendas. Reproduzem os solares patriarcais de Portugal.

Assim nasceram Ouro Preto, São João d'El-Rei, Sabará, Paraopeba, Serra Frio e Cuiabá, no extremo oeste. Os centros irradiadores da penetração foram São Paulo e Taubaté, estabelecendo-se nesta cidade a primeira fundição de ouro do Brasil.

Pelo caminho dos Bandeirantes, ao longo do vale do Paraíba, formaram-se as cidades de Mogi-das-Cruzes, Jacareí, Pindamonhangaba, Guaratinguetá. São bases de abastecimento. Do lado meridional, fundam-se Itu, Sorocaba, Tietê, Porto Feliz.

Os sertanistas conglomeram, nas suas tropas irregulares, gente de toda a espécie — mamelucos, europeus,

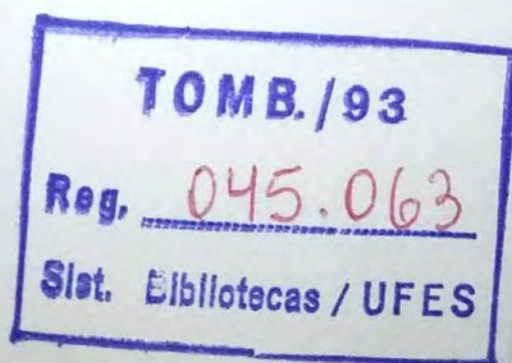
índios, negros, pardos — no contínuo ir e vir, de montanha em montanha, de rio em rio, examinando areias e cascalhos, cavando e revolvendo as terras onde se suspeita a existência de ouro.

Imortalizaram seus nomes nessas empresas homens de rija têmpera: Nicolau Barreto, Manuel Preto, Francisco Pedroso Xavier, Raposo Tavares, Fernão Dias Pais Leme (o "caçador de esmeraldas"), Bartolomeu Bueno (o "Anhanguera" ou "Diabo velho"), Borba Gato, Pascoal Moreira Cabral, Matias Cardoso, Correia Arzão, Jorge Velho, padre João Faria, Antônio Dias e muitos outros.

Cada qual tem sua história: drama, tragédia ou poema.

São todos plantadores de cidades.

As Bandeiras estabeleceram as estradas ligando o Sul ao Norte do Brasil. Desceram em procissões de canoas os cursos dos rios. Transpuseram todas as serras. Romperam com a convenção européia das Tordesilhas, mediante a qual o Brasil não passaria de uma nesga de terra à beira do Atlântico. Dilataram, portanto, os horizontes da Pátria.

Não se limitaram a descobrir e a explorar o ouro e as pedras preciosas: continuaram em terra a prodigiosa aventura dos navegantes de Sagres. Lançaram os alicerces da unidade nacional e da grandeza do Brasil.

IX

AS CIDADES NASCERAM NO SERTÃO

MARCHARAM para o Oeste, marcharam para o Sul, marcharam para o Norte...

Desceram os rios nas grandes "monções", subiram as serras a cavalo ou a pé.

Abriram "picadas" nas florestas, plantaram roças ao longo dos roteiros, feriram batalhas com as tribos selvagens, com os Espanhóis meridionais.

Assaltaram tabas e "reduções", aldeias e praças fortes; foram vencidos e saqueados algumas vezes, outras venceram e saquearam, o estandarte à frente, ao troar de arcabuzes, ao zunir de flechas.

Andaram assim, sem cessar, durante duzentos anos, os Bandeirantes. Os seus passos ressoaram no coração da grande Terra.

O sertão prolongando-se por todos os lados. As febres, as cobras, os tigres, a fome, os combates, o sol, a chuva; rios, pântanos, cordilheiras — o mistério do desconhecido...

*

Por onde passavam, nasciam cidades.

Nos princípios do século XVII, as Bandeiras tiveram mais caráter de conquista do que de povoamento ou exploração de minas. Desfechavam-se arremetidas aos

campos de Vacaria (Rio Grande do Sul), às missões paraguaias, aos desertos de Oeste, no rumo dos Andes. É o tempo das formidáveis marchas de Lourenço Castanho, Pedro Vaz de Barros, Manuel Dias da Silva e Francisco Pedroso Xavier, este "discorriendo com gente armada hasta Santa Cruz de la Sierra" e prolongando-se "por espacio de mas de ochocientas legoas hasta el rio Marañon. . ." [43]; das de Pero Domingues, que desce pelo Tocantins ao Amazonas e volta pelo Araguaia a São Paulo; de Sebastião Peres de Barros, que pelo Tocantins atinge Belém do Pará; de Domingos de Freitas Azevedo, que pelo São Francisco vai à Bahia; de Manuel de Campos Bicudo, o descobridor da Serra dos Martírios, desbravador de Mato Grosso, e as de Bartolomeu Bueno de Siqueira, e Luís Castanho de Almeida, e Antônio Soares Pais, e o famoso Bartolomeu Bueno da Silva, o "Anhanguera".

Entre todos avulta Antônio Raposo Tavares, o homem que mais andou no século XVII, indo do extremo Sul ao extremo Norte, atingindo os Andes, descendo o Amazonas, perlustrando o Nordeste, penetrando nas florestas interiores, a seguir os cursos dos grandes rios.

As façanhas dos heróis da Antiguidade e as proezas dos semi-deuses da mitologia grega amesquinham-se diante dos gigantes da selva [44] brasileira.

*

Nascem nesse período as cidades de Sorocaba (futuro centro das vendas de cavalos e muares dos campos do Sul); Curitiba (hoje a linda capital do Paraná), cujas bases definitivas foram lançadas por Gabriel de Lara; Nossa Senhora do Desterro (agora Florianópolis, capital de Santa Catarina), fundada por Francisco Dias Velho; Laguna, cujos alicerces lançou Domingos de Brito Peixoto.

Curitiba — Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil — Quadro de Debret

Cena da Província do Rio Grande (ciclo do gado). Quadro de Debret

Mas o grande movimento povoador iria principiar nos fins do século XVII em direção do centro do País. Deslocaria para ali, não somente os paulistas e os brasileiros de todas as regiões, mas enormes correntes de portugueses da Metrópole, em tal quantidade que provocaria, por parte do governo de Lisboa, medidas tendentes a moderar tão vultosa emigração.

Era o ciclo do ouro, que sucedeu ao da cana-de-açúcar.

*

Começa com a procura da "serra das esmeraldas". Dentre as "entradas" e "bandeiras" que partiram em busca das pedras verdes, destaca-se a de Fernão Dias Pais Leme. Pelo vale do Paraíba, atinge a Serra de Mantiqueira. Vai estabelecendo os seus "pousos". Cada um deles é semente de futura cidade: Ibituruna, Paraopeba, Itabira, Serro Frio...

O "caçador de esmeraldas" morreu de febre, ao alcançar o sítio onde supunha existirem as sonhadas esmeraldas. As pedras verdes que tinha nas mãos ao expirar eram simples águas-marinhas.

Mas os homens nunca sabem qual o verdadeiro papel que representam na História. A missão que Deus confia a cada um é executada muitas vezes julgando a pessoa desempenhar outra.

Fernão Dias supôs, ao morrer, que era o descobridor das esmeraldas; mas o que ele fora, na realidade, ignorou: — o homem que ligara, por via terrestre, o Sul ao Norte do Brasil. Daí por diante, pelo vale de São Francisco, as "bandeiras" paulistas encontrar-se-iam com as "entradas" vindas da Bahia e Nordeste. A influência que esse fato iria exercer na vida nacional brasileira seria importantíssima [45].

*

Precipitaram-se novas "bandeiras" pelo caminho aberto por Fernão Dias.

Um morador de Taubaté, Antônio Rodrigues Arzão, atingiu, antes de qualquer outro, a região de Ouro Preto, em 1692. Na sua "bandeira" ia o mulato Duarte Nunes: foi o descobridor do ouro negro.

Colhendo água numa fonte, viu o Nunes umas pedrinhas duras e cor de ferro ao fundo da vasilha. Guardou-as. Levou-as a Taubaté. Ali verificou-se que se tratava do mais fino ouro. A notícia correu. Alvoroçaram-se os sertanistas. Mas o mulato não quis revelar o sítio onde encontrara o ouro.

Algum tempo depois, Rodrigues Arzão regressava a Taubaté. Vinha agonizante. Seu cunhado Bartolomeu Bueno de Siqueira e os sócios Carlos Pedroso da Silveira e Miguel Garcia correm ao leito de morte do Bandeirante. Precisam ouvir a sua última palavra.

Arzão move os lábios e murmura uma palavra:

— Itacolumi...

Tinha, também, como Fernão Dias, cumprido o seu destino na Terra.

*

As palavras tupis encerram nas suas sílabas uma descrição inteira. Itacolumi significa: a pedra criança, portanto, uma pedra pequena perto de outra grande, a mãe. Esse nome era toda a carta-roteiro dos Bandeirantes. Partindo de Taubaté, a arder no grande sonho de riquezas, perderam-se pelos sertões. Os sertões entretanto eram tão ricos, que por toda a parte descobriram minas de ouro. E onde achavam minas de ouro, estabeleciam um arraial, plantando roças e construindo casas. E as futuras cidades multiplicavam-se.

No coração dos sertanistas não morria, porém, a esperança de encontrar a pedra misteriosa de que falara Arzão: o Itacolumi.

Um dia – em 24 de Junho de 1696 – ao romper da madrugada, os taubateanos Antônio Dias e Padre Faria, conduzindo os seus homens pela serra da Cachoeira de Campo, estacaram deslumbrados. Aos primeiros clarões do sol, surgiram, no alto de uma grande montanha, as duas pedras: a mãe e o filho.

– O Itacolumi! – exclamaram maravilhados.

Eram os vales do "ouro preto".

Ia nascer a mais famosa cidade do século XVIII.

X

O OURO DA MONTANHA

OURO PRETO: "Contemplá-la é ver o século XVIII falando, em cada pormenor, das grandes aventuras do ouro, dos dramas e tragédias do misterioso sertão".

ERIA longo — e não caberia num trabalho da natureza deste — historiar o desenvolvimento de Ouro Preto desde os fins do século XVII até ao seu pleno esplendor no século XVIII.

Inicialmente, os paulistas precipitaram-se na direção do centro da terra brasílica, galgando a serra da Mantiqueira e derramando-se pelos vales dos rios que formam as cabeceiras do São Francisco. Numerosas famílias, principalmente de Taubaté e do vale do Paraíba, estabeleceram-se naqueles sertões, fundando todas as cidades de Minas Gerais no ciclo do ouro.

Em menos de cinqüenta anos a Capitania atingia população superior a trezentos mil habitantes, estabelecidos nas vilas do Carmo (Mariana), Ouro Preto (chamada então Vila Rica), Sabará, Pitangui, São João d'El-Rei, São José d'El-Rei, Serro Frio, e nos arraiais, hoje cidades, de Passagem, Sumidouro, Itabira, Ouro Branco, Paraopeba, Congonhas, Curral d'El-Rei (atualmente Belo Horizonte), Caeté, Baipendi, Rio Verde, Pouso Alto, Aiuruoca, Soledade, Catas Altas, Rio Verde, Paracatu e muitas outras [46].

Como tipo de cidade nascida e formada no período das minerações, é Ouro Preto a que melhor exprime o

espírito arquitetônico e paisagístico do século XVIII no Brasil.

Surpreendamo-la no seu pleno fastígio.

A sua fisionomia é essencialmente portuguesa, como são as de Mariana, Sabará, São João d'El-Rei. Reprodução de Braga, de Guimarães, de Viana, com fachadas de varandas e rótulas, eiras e beiras, sacadas, peitoris floridos, portais amplos e largas escadarias hospitaleiras.

*

Ouro Preto [47] parece feita para ser vista, nas mais variadas posições e perspectivas, dos miradouros naturais onde se erigem velhas igrejas barrocas. Contemplá-la é ver o século XVIII falando, em cada pormenor, das grandes aventuras do ouro, dos dramas e tragédias do misterioso sertão. Pergunta-se por Xerazade, evoca-se Aladino e a lâmpada maravilhosa. Os homens afligiram-se, desesperaram-se, penetrando as furnas dos sumidouros, cavando os barrancos nessas montanhas que ainda nos mostram as barrigas abertas, e revolveram o cascalho dos rios, e subiram às grimpas da serra e lutaram, e combateram uns aos outros, e amontoaram ouro, molhado de sangue, e ergueram casas senhoriais, e erigiram igrejas, e passaram, e dormem agora na sombra fria dos átrios e das capelas...

*

Vejo um velho chafariz colonial de ornatos enegrecidos. Uma bilha, uma concha, a cimalha imponente, o frontão trabalhado em pinhas. Velho chafariz à sombra de velhos muros, convidando em latim o viandante comovido a "matar a sede e a louvar o Senado da Câmara". Fonte acadêmica, a jorrar por duas bocas; fonte onde os séculos beberam e passaram. É a tua vez,

Ouro Preto — Igreja de São Francisco de Assis

século XX! exclamo, e me aproximo. E atendendo o dístico latino, bebo e louvo o Senado da Câmara do tempo de D. João V...

*

Mas a viva nota setecentista e da lusitanidade brasílica está nas igrejas e, principalmente, nas obras executadas pelo famoso Aleijadinho.

O Aleijadinho é o feiticeiro das magias de pedra. É o bruxo que saiu das entranhas da Terra para os sortilégios maravilhosos destas fachadas, destas iluminuras a cinzel na rocha dos púlpitos e na face dos altares. Estas paisagens severas, este ar fechado de Vila Rica de Ouro Preto, estes desfiladeiros soturnos conformaram seu espírito à interpretação dos mistérios, dando-lhe a intuição profunda da arte barroca.

Por quase todas as igrejas de Ouro Preto andou o gênio desse Francisco Antônio Lisboa, que exprime não só o sentido religioso da arquitetura do seu tempo, mas também a própria alma das serranias de ferro, ouro, mercúrio, enxofre, pedras preciosas, alma que surge com a impetuosidade telúrica das Minas Gerais. A doença que lhe devora, dia a dia, as mãos e os pés, sublima o seu poder criador. Ele tem a ânsia de realizar as formas exteriores, enquanto as suas próprias formas se desfazem. O barroco é um desabafo. E foi assim, desabafando, que o Aleijadinho estampou na pedra a explosão das imagens que lhe povoavam o espírito.

*

Olhar para Ouro Preto é abrir um livro de História de Mil e Uma Noites. As minerações, as raças confluídas nas ruas e ladeiras, grandezas e crimes, magna-

nimidades e traições, ir e vir de gentes sequiosas de enriquecer... Senhores, escravos: sessenta mil escravos para cinco mil senhores; e a possibilidade da libertação e da igualdade na ampla democracia do Novo Mundo... Chico-Rei, o negro, alforriando-se, organizando uma caixa para libertação de outros cativos, e os libertos aumentando, enriquecendo, construindo o grande templo da Senhora do Rosário...

Ouro Preto... Século XVIII... Urucungos africanos, maracás tupis, violas peninsulares, estourar de girândolas, estrondo de bacamartes. Procissões, viático, missas cantadas. Cavalhadas coloridas, remanescentes dos torneios medievais. Congadas mesclando cantigas africanas com os versos da Nau Catarineta, armando castelo de mouro, reproduzindo batalhas ao túmido rufo das caixas, aos gritos triunfais dos clarins. Cavalos de ferraduras de ouro, liteiras de panos finos, cadeirinhas coloridas. Ostentação de jóias, vinhos reinóis, louças da Índia, saias de veludo, chales de seda e poetas arcádicos... Ricaço de chapéu de bico, amazonas cavalgando em silhões de caçambas e loros de prata e ouro. Frades, homens de opa, espadachins, aventureiros, mamelucos, índios, negros, os sinos cantando, o sol brilhando nas pedras do Itacolumi. E por baixo de tudo, nos recessos da terra, baques surdos como tombos, tinir de alveões nas pedras, marcando, na cadência uniforme de um coro, a conquista, palmo a palmo, dos veios auríferos...

Fanfarras de dragões de penachos nos capacetes acordam os ecos. Pelo pórtico do Palácio dos Governadores, passa o Senhor Capitão-General; o senhor Conde de Bobadela vai à missa. Por detrás das rótulas olhares espreitam. O séquito galopa, sobe as ruas por entre fachadas azuis, amarelas, cinzentas, verdes, róseas, das casas de beira e sobrebeira, escudos de armas, oratórios nos oitões. No céu azul, recortam-se as torres, os anjos

de pedra abrem as asas, as cruzes brilham ao sol, e os sinos falam, uns para os outros, de torre em torre, de monte em monte, festivamente, grandiosamente, na glória plena dos setecentos, no alto fastígio do ciclo do ouro, e pela Pátria que está nascendo, mais alto vibram, mais alto cantam!

"Velho chafariz, à sombra de velhos muros, convidando em latim o viandante comovido a matar a sede e a louvar o Senado da Câmara"

As tropas lusas comandadas por André Vidal de Negreiros foram coadjuvadas, com grande ardor, pelas tropas de índios chefiadas por Filipe Camarão (o Poti) e de pretos capitaneados por Henrique Dias.

Pode-se dizer que a consciência nacional despontou, definitivamente, nessa guerra.

*

O Brasil, nos meados do século XVII, já constituía uma realidade como Nação. A sua vastíssima superfície estava, se não desbravada, pelos menos cortada pelo itinerário das "Bandeiras" e das "Entradas". Numerosas cidades floresciam. Seriam os centros irradiadores dos habitantes das futuras cidades do ciclo do ouro, que nasceram no século XVIII.

Vimos que as gentes de Taubaté fizeram-se fundadoras principais das cidades mineiras da região de Ouro Preto e do vale de São Francisco. O fundador de Taubaté foi Jaques Félix, em 1636. Naquele ano, levantou ali uma casa forte. Em 1645, elegiam-se os primeiros edis; era já uma vila. Nos fins do século XVII, com a sua fundição de ouro (a primeira de todas), seus conventos, suas casas boas, o aglomerado de sertanistas que dali partiam para o sertão, Taubaté rivalizava com São Paulo, sendo, sob certos aspectos, superior à cidade anchietana. Ali perto, fundara-se Jacareí (1652 é a data da primeira eleição municipal). Mas anterior a essas duas cidades, já existia Mogi das Cruzes, que data de 1600.

Anterior também a Taubaté surgiu sobre o Tietê a vila de Santana da Parnaíba, fundada por Álvaro Luís do Vale, em 1625. Crescendo, Parnaíba foi, por sua vez, fundadora de Itu, onde o filho de Vale (Domingos) fez a primeira casa. Nasceu Sorocaba, nasceu Jundiaí, nasceram todas as cidades paulistas no caminho

do sertão. No caminho de Mantiqueira, Domingos Leite funda Guaratinguetá, em 1651...

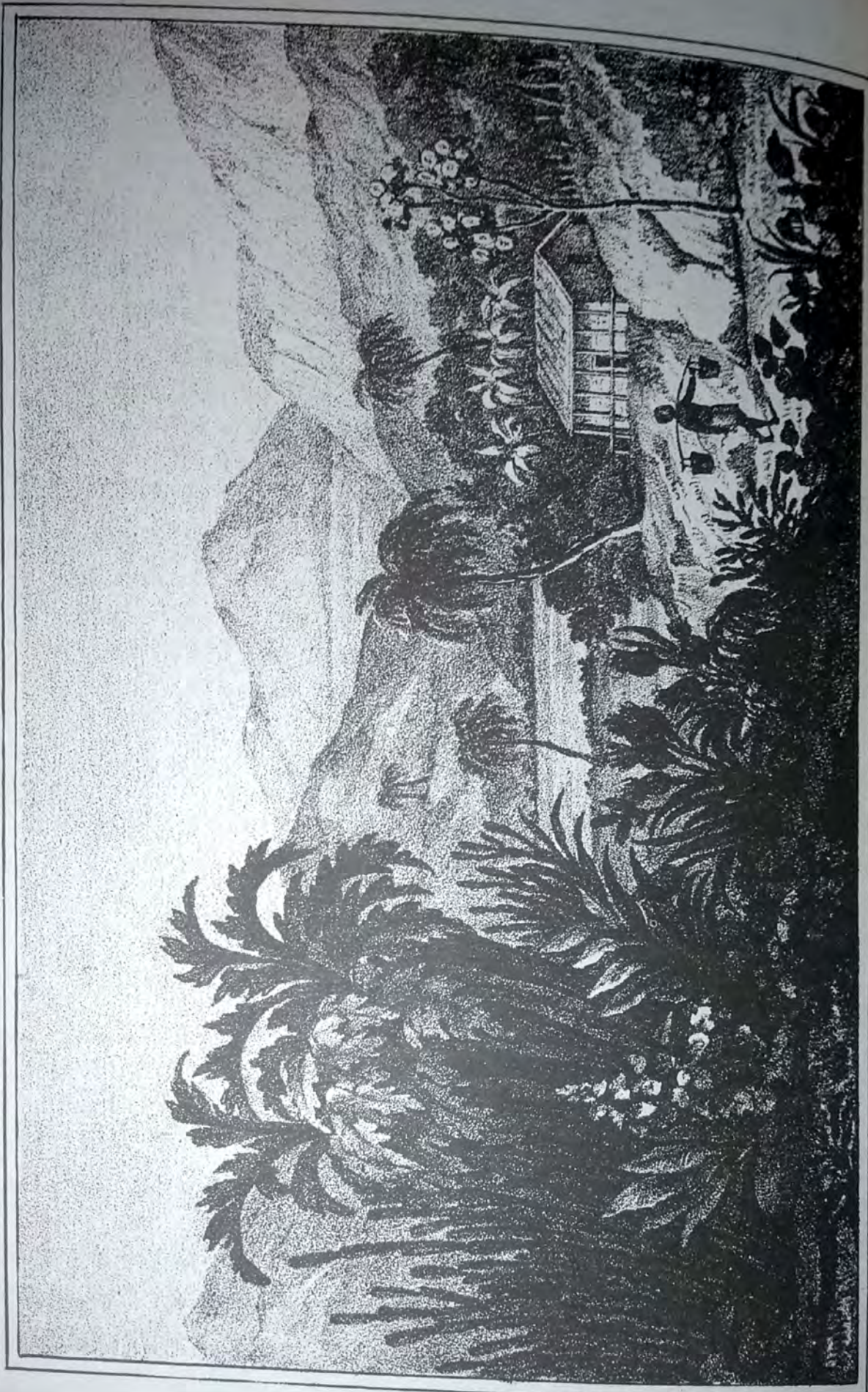
Eram novos ninhos de águias, que erguiam o vôo para a conquista da terra brasileira.

*

Mas também no extremo norte do País penetrava-se o mistério das florestas. A cidade de Belém do Pará foi fundada por Francisco Caldeira, em 1616. Começa a conquista da Amazônia. A imponente frota de Bento Teixeira sobe o grande rio; em 1624, Bento Maciel constrói a fortaleza de Gurupá. Começa ali a luta contra os intrusos, Ingleses e Holandeses. Torna-se Gurupá o centro da penetração do Rio-Mar. As gentes do Maranhão coadjuvam a defesa da Amazônia contra os ádvenas e participam do esforço colonizador. A cidade de São Luís desenvolveu-se, principalmente, depois de 1617, quando ali se fixam duzentos casais de ilhéus.

*

O Nordeste marchava devagar, mas marchava. Fortaleza, atual capital do Ceará, o Rio Grande do Norte (hoje Natal) com a sua fortaleza dos Reis Magos, a Paraíba, centro já do comércio do algodão, desenvolviam-se pouco a pouco.

Ao centro, no litoral, a Bahia continuava a prosperar e também o Rio de Janeiro crescia, descia dos morros, estendia-se pelas várzeas. Desenvolviam-se, em ritmo vagaroso, Santos, Itanhaém, Iguape, Cananéia, Paranaguá, Laguna... Mais ao sul, no sertão dos Patos, lançavam-se os fundamentos das cidades que constituiriam mais tarde a província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Ilha de Santa Catarina

Nos meados do século XVIII o domínio da Grande Terra era absoluto.

*

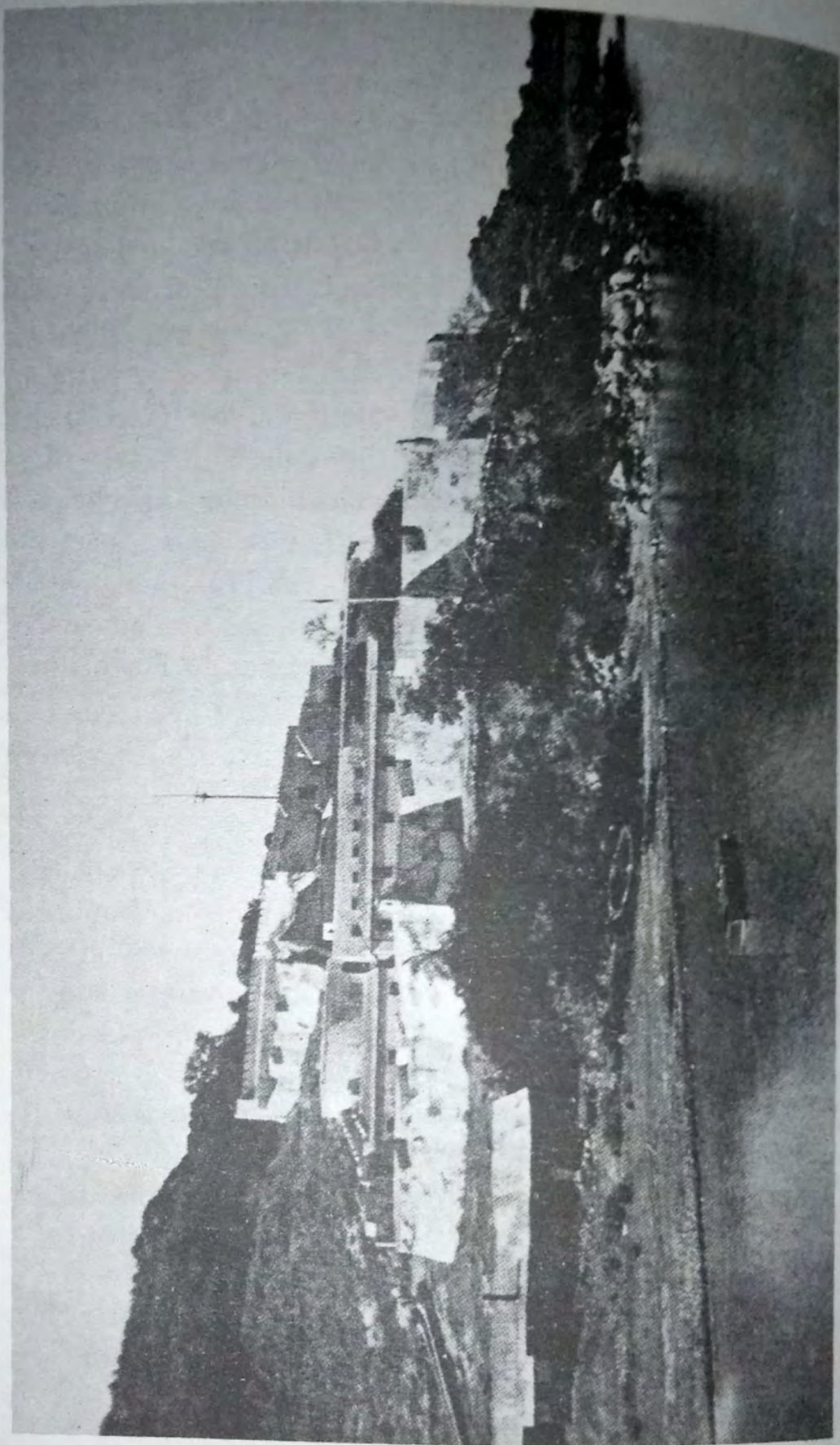
No extremo sul, com a criação e desenvolvimento da capitania de Santa Catarina, avoluma-se a emigração para os sertões dos Patos e todo o litoral até ao Rio da Prata. Em 31 de Agosto de 1746, D. João V ordena que das ilhas dos Açores e Madeira se transportem "para Santa Catarina e continente do Rio Grande quatro mil famílias para povoarem e cultivarem aqueles férteis países" [48]. Em conseqüência dos editais de El-Rei, grande foi o entusiasmo [49]; assim, naquele mesmo ano chegaram aos "férteis países" 461 pessoas e no ano seguinte 1.666, em duas levas; e finalmente, em 1753, mais 500. A atual capital do Rio Grande do Sul foi fundada por esses colonos, recebendo por isso o nome de Porto dos Casais; só mais tarde passou a ser Porto Alegre.

*

Ao Oeste, a posse da imensa terra era assinalada pelas povoações à margem dos rios Guaporé e Mamoré e, mais ao Sul, o forte de Coimbra, com seus baluartes a olhar a região dos pantanais boliviano-paraguaios, afirmava a soberania lusitana, ostentando seus pesados canhões brasonados, conduzidos penosamente em carros de bois através de centenas de léguas, tal qual ainda hoje se vê, junto às modernas baterias a cavaleiro do rio.

A conquista de Goiás e de Mato Grosso constituíra um dos mais empolgantes poemas do ciclo do ouro. Começou nos fins do século XVII e prolongou-se por mais de metade do século XVIII.

Aventura, também, e das mais belas, dos Bandeirantes do Planalto.

*

Forte de Coimbra

Desde o século XVI os sertanistas de Piratininga percorriam a vastíssima região a Oeste do rio Paraná. Mas foi Pascoal Moreira Cabral que em 1719 descobriu o ouro de Mato Grosso. A notícia alvoroçou as gentes piratininganas. Pelo curso dos rios interiores precipitaram-se em cortejos de canoas (monções) destemidas Bandeiras ardendo no sonho das fabulosas riquezas. E assim nasceu Cuiabá (hoje capital do Estado), sendo o verdadeiro fixador do seu perímetro urbano o paulista Miguel Sutil [50]. Em 1726 era-lhe conferido o título de vila. Durante mais de vinte anos a exploração do ouro e o desbravamento dos sertões, pelos cursos dos rios, em todas as direções, processaram-se numa atmosfera de guerras terríveis com os índios paraguaios, que assaltavam as Bandeiras nas suas idas e vindas, exterminando-as muitas vezes e arrebatando-lhes o ouro. À margem do Guaporé, na região denominada pelos paulistas "Mato Grosso", de onde o nome geral à Capitania, os irmãos Fernando e Artur de Barros fundam as povoações de São Francisco Xavier e a de Pouso Alegre, depois Vila Bela e finalmente, de novo, Mato Grosso, elevada a vila em 1752.

Prosseguem os episódios das aventuras audazes na amplidão selvagem. O homem brasileiro revela-se gigantesco na luta sem tréguas contra o desconhecido, enfrentando perigos de toda a espécie e guerras cruéis. O ouro fulge, entontece, arrebata. Ambições, rivalidades, ódios, cavalheirismos, magnanimidades, dramas e tragédias no seio da floresta, batalhas de espingardas e flechas, esperanças e desilusões, heroísmos lendários: o poema épico da dominação da terra [51].

E, marcando os extremos limites da Pátria, surgem povoados, que serão cidades: Só Luís de Albuquerque e Melo Pereira e Cáceres funda a cidade de São Luís de Cáceres, Insua, Jauru, Coimbra, Albuquerque, São

Pedro d'El-Rei (Poconé); Caetano Pinto de Miranda funda a cidade de Miranda; José Pereira a de Santa Bárbara; o padre Estêvão de Castro a de Sant'Ana; os irmãos Barros, Ouro Fino e Novas Minas; e, como vigilante atalaia, sustentando a posse brasileira nas terras ocidentais do Mamoré, recorta-se, desde o século XVIII, o perfil da fortaleza Príncipe da Beira, erguida por D. Antônio Rolim de Moura para obstar as usurpações castelhanas e os ataques dos índios.

*

É preciso olhar a carta geográfica para se compreender a grandeza dos homens que erigiram aquele forte. Quando se fala das marchas de Aníbal, ou mesmo das proezas dos heróis da mitologia grega, essas narrativas como que se apagam diante do esforço gigantesco daqueles homens no Brasil do século XVII. Os quilômetros não se contam por centenas, mas por milhares. Como únicos meios de condução havia a canoa e o carro de bois. E, para aquelas barrancas do Guaporé levaram-se materiais e construiu-se um monumento de pedra que perdura como afirmação gloriosa da nossa procedência nacional. "É um quadrilátero perfeito, flanqueado de quatro baluartes em cada ângulo, com uma ponte levadiça da parte da terra. Há dentro uma caserna, uma casa de abóbada para arrecadar a pólvora, um arsenal, armazéns, cisterna, hospital, cadeia, uma igreja e o quartel do governador" [52]. Os velhos canhões estendem seus pescoços de ferro, que os séculos patinaram. São veteranos da conquista da terra. Guardam a lembrança dos heróis do sertão, ensinando aos brasileiros de hoje a lição dos seus maiores quando afirmaram no continente a soberania da Pátria.

*

O desenvolvimento das cidades do Mato Grosso corre paralelo com o de Goiás.

O paulista Manuel Correia foi o primeiro a percorrer aqueles sertões por volta de 1670, dali voltando carregado de ouro. Morreu pouco depois, mas deixou o itinerário da região onde descobrira o precioso metal. Em 1680, outro paulista segue a trilha de Correia: é Bartolomeu Bueno da Silva, o "Anhanguera" [53]. Voltou também cheio de ouro, colhido nas vertentes orientais da Serra Dourada. Do lado ocidental das montanhas auríferas, estavam, porém, os *caiapós,* nação de índios outrora foragidos de Piratininga e dispostos a defender a sua liberdade em sangrentas correrias.

O sonho de Goiás desvaneceu-se durante algum tempo, mas, em 1721, um velho paulista lembrou-se do itinerário que percorrera com seu pai, quando era ainda uma criança de 12 anos. Com as barbas já grisalhas, apresentou-se ao governador [54] e ofereceu-se para redescobrir as maravilhosas minas. Partiu com seu genro João Leite da Silva Ortiz. Era uma grande Bandeira, à qual não faltavam dois padres.

Ao chegarem ao rio dos Pilões, os bandeirantes encontraram o primeiro ouro. Entusiasmado, Leite quer ficar. Mas o sogro sabe que há muito mais ouro do que aquele. Paciência e tempo é o que quer o Bueno. Na sua cabeça desenham-se os velhos roteiros da infância.

A Bandeira prossegue. E perde-se. Estão à beira de um rio. Rio *da Perdição,* chamam-no para assinalar a angústia em que se encontram. O insucesso acende de novo as desavenças. O jovem Leite acusa o velho. Mas Bueno dá ordem de marcha na direção que a sua memória vagamente recorda.

Os sertanistas encontram outro rio. Depois do da Perdição, é o da riqueza. Rio Rico, chamam-no alvoroçadamente. O ouro fulge.

Mas Leite, agora convencido de que maior quantidade do metal deve existir adiante, diverge novamente de Bueno. Desta vez é o velho que quer ficar e o moço que quer seguir. Nesta segunda contenda, vence o moço; a marcha continua: mas o ouro desaparece. Chegam assim ao Tocantins. Brigam, separam-se. É a derrota. Metade da Bandeira desce o Tocantins e chega ao Pará; a outra metade volta para São Paulo e é atacada pelos *caiapós*. Desmantela-se. E Bueno reentra na terra natal "envergonhado e fugindo aos olhos do governador".

A têmpera de Bueno, porém, não quebra. Em 1726, com 55 anos, vai à frente de nova Bandeira. Rompe a selva, atravessa rios caudalosos, galga montanhas, nada o abate.

Um dia encontra os restos de um freio de cavalo. Sinal de que por ali andaram brancos; não podia ser outro senão seu pai. Explora as redondezas. Dois índios goiases contam-lhe que os velhos da sua tribo costumavam dizer que a duas léguas dali andaram outrora os Bandeirantes. Com gritos de entusiasmo, Bueno desperta o acampamento. Os sertanistas precipitam-se. Instantes depois, o filho do "Anhanguera" agarra punhados de terra aurífera e de todas as bocas retumba o grito: ouro! ouro!

Era, na verdade, o tesouro fabuloso do sertanista do século XVII, que resplandecia, afinal, diante dos olhos deslumbrados dos homens do século XVIII.

Nasceu ali a capital de Goiás.

*

Bueno regressou a São Paulo com 8.000 oitavas de ouro. O governador nomeou-o capitão-mor regente das terras e minas descobertas. Multidões de aventureiros dirigiram-se, desde então, para as terras goianas, fundando-se as povoações, futuras cidades de Santa Cruz,

Barra, Meia Ponte, Natividade, Crixá, Rio Claro, Rio das Pedras, Santa Luzia, Traíras, todas ligadas aos nomes de sertanistas piratininganos.

Mas as grandes dificuldades para o trânsito dos transportadores de ouro estava nas correrias dos *caiapós,* que se celebrizaram durante toda a segunda metade do século XVII, pelos muitos desbaratos que infligiram aos Bandeirantes. A atitude belicosa dos *caiapós* — nação pacífica durante largo tempo e depois transformada em ativíssima gente de guerra — era uma conseqüência dos excessos repressivos dos mamelucos (mestiços de índio e branco) chamados em auxílio dos mineradores. No dia em que esses índios foram tratados humanamente, cessaram os distúrbios em Goiás. A iniciativa partiu do governador Cunha Meneses em 1780 [55], que se aproveitou de um homem de grande coração chamado Joaquim Pedro, hábil em atrair os selvagens ao convívio pacífico dos brancos. Conseguiu Joaquim Pedro trazer para a capital goiana centenas de *caiapós,* com grande admiração e regozijo dos povos da Capitania. Dentro em pouco, eram milhares, atraídos pela notícia de que os brancos não faziam mal aos índios. Os batismos multiplicavam-se e a alegria foi tão grande que se celebraram festivas ações de graças nos templos. No meio do geral contentamento, Joaquim Pedro podia dizer: "eles são gente como nós, e devem ser tratados como homens, porquanto pela paz tudo se consegue deles".

*

Passada a febre do ouro, Mato Grosso e Goiás tinham lançado os fundamentos da sua agricultura e principalmente da sua pecuária. Ao alvorecer do século XIX, as duas futuras províncias eram já grandes criadoras de gado.

Colheita de algodão

Cana-de-açúcar

Cacau

Ciclo do café e
viajantes do Brasil. Tela de Debret

Liverpool

PREÇO CORRENTE, DOS GENEROS DO BRAZIL.

PARA, 26 de Julho 1809

Generos	Preço	
Algodão, ..Pernambuco..	1/11 a 1/11½	Per Lb.
Bahia	1/9 a 1/10	..
Maranhão ...	1/3 a —	..
Minas	1/6 a 1/8	..
Pará	1/4 a 1/6	..
Capitania	— a —	..
Assucar, ...Branco	35/- a 46/-	C.
Amarello	a	..
Mascavado ..	25/- a 30/-	..
Arroz, ...Rio	a	..
Maranhão ...	17/- a 22/-	..
Pará	a	..
Anil, ...Rio	2/- a 4/6	Lb.
Baraçha, ..Pará	— a —	Duz.
Balsamo ...de Copaiba ..	3/6 a 3/9	Lb.
Cera em Paẽms branca ..	— a —	120lb.
Amarella	— a —	..
Cacão, ...Rio	a	C.
Maranhão ...	70/- a 75/-	..
Pará	a	..
Tapioca	— a —	Lb.

Generos	Preço	
Caffeé, ...Rio	a	Per C.
Bahia	80/- a 85/-	..
Pernambuco .	a	..
Maranhão ...	a	..
Coiros de Boy, Secos	4½ a 6	Lb.
Salgados .	— a —	..
Atanados .	— a —	Não Conv.
de Cavallo	6/6 a 7/6	CadaCouro
Ipecaconha	10/6 a 11/-	Lb.
Orrucu	— a —	..
Pão, ...Brazil	£75 a £80	T.
Pão Amarello ou Faustetta	— a —	..
Salsa......Parilha	2/9 a 3/-	Lb.
Sebo, ...em Marquetas	88/- a 90/-	120lb.
Tabacco, ..em Rolas	3d a 4d	Lb.
Urzella, ...de Cabo Verde	— a —	C.
Tartaruga	— a —	Lb.
Pontes de Boy	34/- a 36/-	Cada 100.
Prata, ...em Patacas ..	5/7 a —	Onca.
Ouro, ...Moeda	92/- a —	..
Barras	— a —	..

DIREITOS DE ALFANDEGA PELLA ULTIMA PAUTA.

Generos	£	s.	d.			
Algodão, em Navios Inglezes	£0	16	11	per 100lbs. ou	30rs	per lb.
em Navios Portuguezes	1	5	6	do.	45½	do.
Baracha,	0	0	4	per lb.	59	do.
Balsamo de Copaiba,	0	1	8	do.	297	do.
Cera em Paẽms brancas Clareficada	5	4	0	per 120lbs.	154	do.
em bruto	2	16	0	do.	83	do.
Couros de Boy cada hũa	0	0	8	cada hũa	119	
Ipecaconha	0	2	11½	per lb.	524	per lb.
Arroz presentemente	Gratis.					
Anil	0	0	4	do.	59	do.
Orruco	1	13	4	per C.	53	do.

Generos	£	s.	d.			
Pão de Brazil	£4	0	0	per 20 C.	ou 711rs	per C.
Pão Amarello ou Faustetta	1	0	8	do.	183	do.
Salsa Parilha	0	1	0	per lb.	177	per lb.
Sebo	0	2	8	per 100lbs.	4½	do.
Urzella	0	5	4	per C.	8½	do.
Tapioca	0	0	4	per lb.	59	do.
Pontes de Boy	0	4	8	per 100.	730	cada cem
Tartaruga	0	3	4	per lb.	592	per lb.

Madeira de Brazil para trastes ou ornato de Cazas não faz conta ninhuma em Inglaterra pello pouco valor que tem e direitos grandes que paga.

Tabacco em Volumes não menos de 450lbs. em cada hũa, e em Navios de 120 Toneladas para cima.

Caffe, Cacao, Assucar } não são admitidos para o consumo de Paiz } os Direitos são Pagos pellos Compradores.

EXPLICACÃO DOS PEZOS E DINHEIROS.

T. . . . . significa . . . . Tonelada de 2240lb.
C. . . . . do. . . . . Quintal de 112lb.
Q. . . . . do. . . . . Quarto de 28lb
lb. . . . . do. . . . . Arratel.
A Tonelada de pezo Inglez tem 20 Quintaes de 112lbs.
Hum Quintal, 4 Quartos ou 112lbs.
Hum Quarto, ou arroba 28lbs.

£. . . . . significa . . . . Livras Esterlinas.
s. . . . . do. . . . . Shillings, ou soldos.
d. . . . . do. . . . . Dinheiros ou Pennings.
20 Shillings fazem hua Livra ou 240 Dinheiros.
12 Dinheiros huin Shilling.

1 £ ão Cambio de 67½ per	fez. 3	555
1 s.	do.	do.	do.	177
1 d.	do.	do.	do.	14½

JORGE ROACH & Co.

No ano seguinte à abertura dos portos brasileiros ao comércio mundial, eram estes os principais produtos exportados pelo Brasil — Fac-símile de um boletim da praça de Liverpool em 1809, pertencente ao arquivo do Autor

Os rebanhos, aliás, cresciam em todo o território brasileiro, quer nos sertões da Bahia e do Nordeste, como no centro do país, já não se falando nos campos de Vacaria e dos Tapes.

Também a lavoura, libertando-se da monocultura da cana, que assinalou o século XVI, esboçava geral desenvolvimento, preparando-se para o surto do século XIX [56].

O Brasil, a partir de 1808, exportava algodão, açúcar, arroz, anil, borracha, bálsamo de copaíba, cacau, tapioca, café, couros, ipecacuanha, salsaparrilha, pau-brasil, tabaco e outros produtos [57].

O homem brasileiro tomava posse definitiva da sua terra, desbravando-a e fazendo-a produzir.

*

Tomava posse...

Na verdade, não havia extremos do território onde não estivesse assinalado o nosso domínio por um agrupamento humano.

Na mais longínqua região do Norte, estávamos presentes. As cabeceiras do Rio Negro tinham sido atingidas. Desde 1639, os portugueses confirmaram seu domínio nas nascentes do Rio Branco. Era a conquista da Alta Amazônia, até aos limites das Guianas, da Venezuela e da Colômbia.

No seu "Diário de Viagem" de 1774-1775, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio dá notícia de numerosíssimas povoações, entre elas Itacoatiara, Coari, Tefé, Fonte-Boa (Traquatuba), Içá, Olivença e a mais longínqua, na fronteira de Oeste: Tabatinga. São as mesmas que iremos encontrar, já desenvolvidas, nas descrições de Wallace [58] e de Agassiz [59] no século XIX.

Na carta geográfica levantada em 1781 por Antônio Pires da Silva Pontes e Ricardo Franco de Almeida

Serra, em cumprimento de ordem "do Capitão-General João Pereira Caldas, Governador das capitanias de Mato Grosso e Cuiabá e Comissário-Geral das Demarcações de limites da parte norte"[60], a qual abrange os rios Negro e Branco e seus afluentes, aparece, além do porto de São José (hoje Manaus, capital do Amazonas), o de São Joaquim, a 132 léguas acima do primeiro. Foi mandado construir pelo marquês de Pombal para atalhar as incursões dos holandeses, que da Guiana subiam pelo rio Essequibo para destruir propriedades portuguesas. No mapa a que nos referimos, figuram muitas povoações, entre elas São Filipe e Santo Antônio, e, noutra carta separada e em maior escala, a de Boa Vista, então, como hoje, a cidade mais setentrional do Brasil.

*

Antes de encerrar este capítulo, vejamos como se encontravam nos fins do século XVIII as hoje grandes metrópoles brasileiras: Rio de Janeiro, Bahia, Recife, Porto Alegre e São Paulo.

Pela descrição dos viajantes nos princípios do século XIX, pode-se ter idéia do que eram essas cidades, consideradas atualmente das maiores da América do Sul.

Melhor ainda do que as descrições, falam os desenhos e os coloridos de Debret, Rugendas, Lebreton, Chamberlain, Maria Graham. Os dois primeiros deixaram vasto material, que hoje apreciamos em gravuras e litografias magníficas.

Em Recife aprecia Maria Graham as suas "calçadas de seixos azulados da praia e granito vermelho ou cinzento, apresentando no seu asseio um aspecto agradável, com suas casas de pedra alvadia, todas caiadas de branco, com os caixilhos e batentes das portas e janelas de pedra escura, de três e quatro andares, na parte central

Mapa da Província de Pernambuco

Recife, hoje

da cidade"[61]. Ali perto, estava Olinda, da qual diz a viajante inglesa: "... no meio do denso da verdura, os conventos, a catedral, o palácio do bispo, igrejas de nobre arquitetura postas em sítios que um Claude ou um Poussin lhes teriam escolhido: algumas no alcantil das rochas, outras nas encostas que descem suavemente para a praia. Todas cinzentas ou amarelo-pálidas, de telhas avermelhadas, exceto um que outro campanário com telhas de porcelana azul".

A Bahia, entretanto, deslumbra-a: "... ao raiar da aurora, abriram-se meus olhos sobre uma das mais belas coisas que jamais tenham observado. Uma cidade, magnífica de aspecto, vista do mar, está situada no cimo e declive de altíssimo e alcantilado monte: a mais rica vegetação irrompe entre o casario branco..." Seguem as descrições dos conventos e das igrejas, dos palácios e da vida social. Fala a escritora das poéticas casas de campo, com risonhos jardins, e enumera sumariamente os tipos de rua, não se esquecendo entre os aspectos urbanos as "cadeirinhas" com "estribo e baldaquim coberto de couro, cortinas com barra dourada e forradas de linho". É o meio de transporte dos ricos; conduzem-na dois negros. De tudo se conclui que a Bahia apresentava aos olhos europeus a feição de uma grande cidade. O célebre naturalista Martius, escrevendo sobre a Bahia, diz: "Como num espelho mágico, vê o observador admirado passarem diante de seus olhos representantes de todos os tempos, toda a história da evolução do gênero humano, com os seus mais elevados ideais, suas lutas, seus graus de progresso e de decadência e este espetáculo único, que nem mesmo Londres e Paris podem oferecer, aumenta de interesse considerando-se o que poderá trazer o quarto século para um país que, em três séculos apenas, pôde assimilar todas as orientações e graus de

educação, pelos quais o gênio da humanidade conduziu o Velho Mundo através de milênios!".

A cidade que inspira uma página como essa da pena de um cientista do valor de Martius é, já, certamente, uma metrópole no alvorecer do século XIX.

Sobre o Rio de Janeiro escreveram numerosos viajantes, entre eles Freycinet, Jacques Arago, De la Touane, La Salle, Petit Thouars, Bougainville, Gaimard, Ida Pfeeiffer, Vaillant, Martius, Saint Hilaire e muitos outros. "O aspecto do Rio de Janeiro" – diz Freycinet – "é o de uma bela capital, a um tempo grandiosa e pitoresca". Descreve em seguida as casas com janelas de rótulas à moda portuguesa, os conventos e as igrejas, cujo número de campanários "contribui ainda para esse ar de grandeza e magnificência". Mas a melhor colorista é sempre Maria Graham: "... soberbas montanhas, rochedos de colunas superpostas, erva luxuriante, claras ilhas floridas, praias verdes, o todo misturado ao casario branco; cada outeiro coroado de sua igreja ou fortaleza, navios ancorados ou em movimento, e inúmeros botes velejando, num clima tão delicioso, combinam-se para tornar o Rio de Janeiro a cena mais encantadora que a imaginação possa conceber".

Du Petit Thouars fala da enseada de Botafogo, residência da gente elegante e, mais para o interior, das "bonitas casas brancas nas praias, conventos e capelas nos pontos elevados e fortes nos rochedos. À esquerda, além da capela da Glória, e acima das fortificações de Villegaignon, vêem-se conventos, campanários de igrejas, e uma multidão de casas. Todo esse conjunto de arrebatador aspecto é a cidade do Rio de Janeiro".

*

Essas as três cidades do Brasil na passagem do XVIII para o XIX séculos.

No extremo sul, Porto Alegre era ainda muito pequena e, no extremo norte, a cidade de Belém constituía o maior centro da região amazônica.

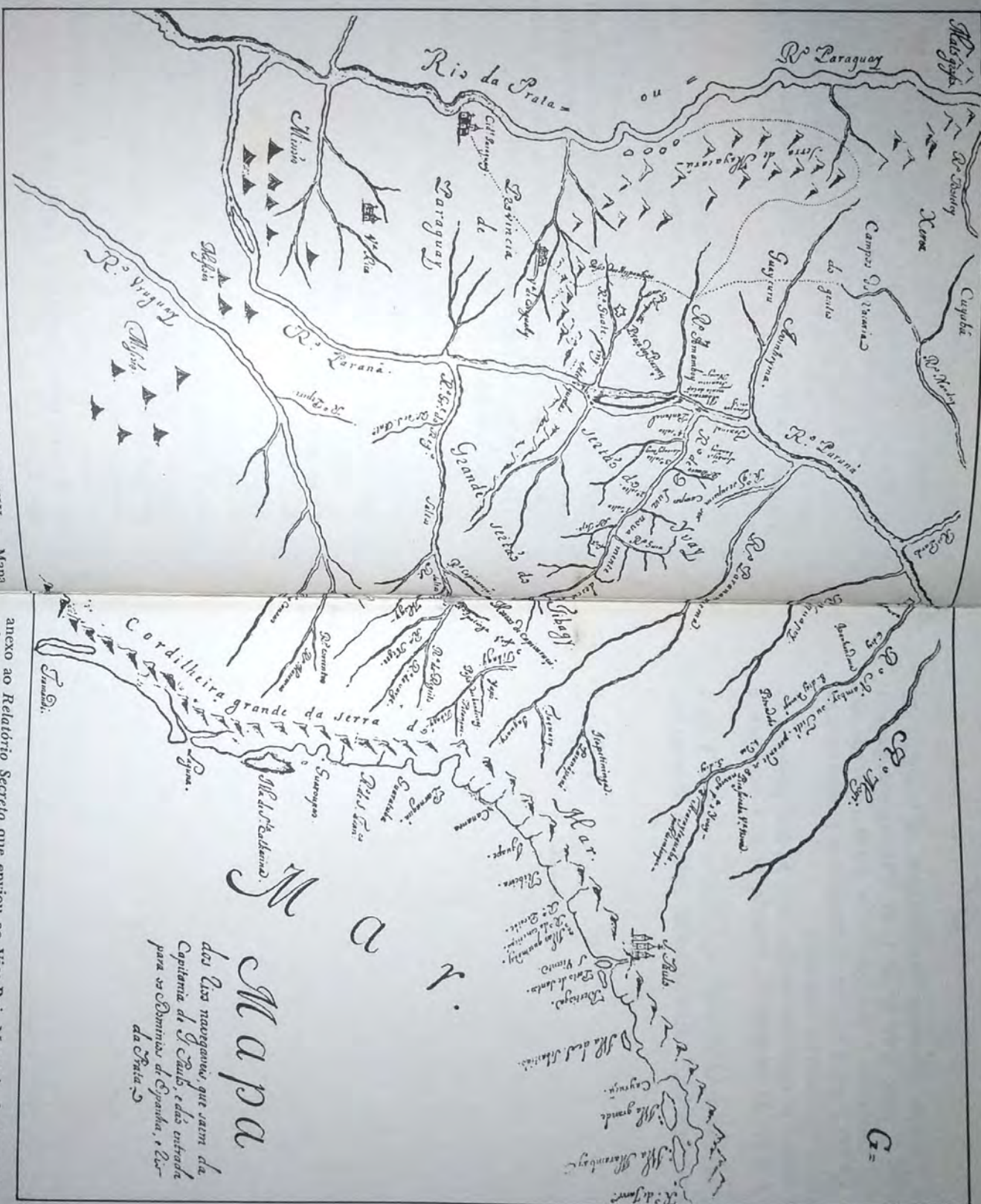
E São Paulo? A cidade dos Bandeirantes, que durante os séculos XVII e XVIII foi centro irradiador de fundadores de tantas outras cidades, conservara-se pequena, acanhada e pobre, até os últimos dias do ciclo do ouro.

Em 1766, segundo documento que acompanha a Informação Secreta do Governador e Capitão General Luís Antônio de Sousa ao Vice-Rei Marquês do Lavradio [62], a população de São Paulo era de 1748 homens e 2090 mulheres, compreendendo não só o perímetro urbano, mas todo o termo, onde existiam 899 fogos. A cidade propriamente dita não ia além da área compreendida hoje pelas igrejas de S. Bento, S. Francisco e Palácio do Governo.

Decorridos 44 anos, ao levantar-se estatística em 1810, a população total é de 22.032 almas [63].

Cessados os sonhos do ouro, São Paulo começava a viver a sua vida, lançando as bases da sua prosperidade em riqueza mais duradoura: a exploração agrícola do seu próprio solo privilegiadíssimo e amenizado por um clima benéfico. Mas ainda estava muito longe de poder comparar-se com o Rio, a Bahia e Recife.

A vida social começava a ser brilhante, porém com pouca influência européia. As mulheres paulistas, sóbrias no vestir, mas elegantes e distintas no salão, impressionavam os estrangeiros. Os aspectos urbanos, entretanto, não tinham grandeza. Igrejas, casas, edifícios públicos, conventos, tudo era de taipa. Alguns agricultores ricos principiavam a construir residências confortáveis.

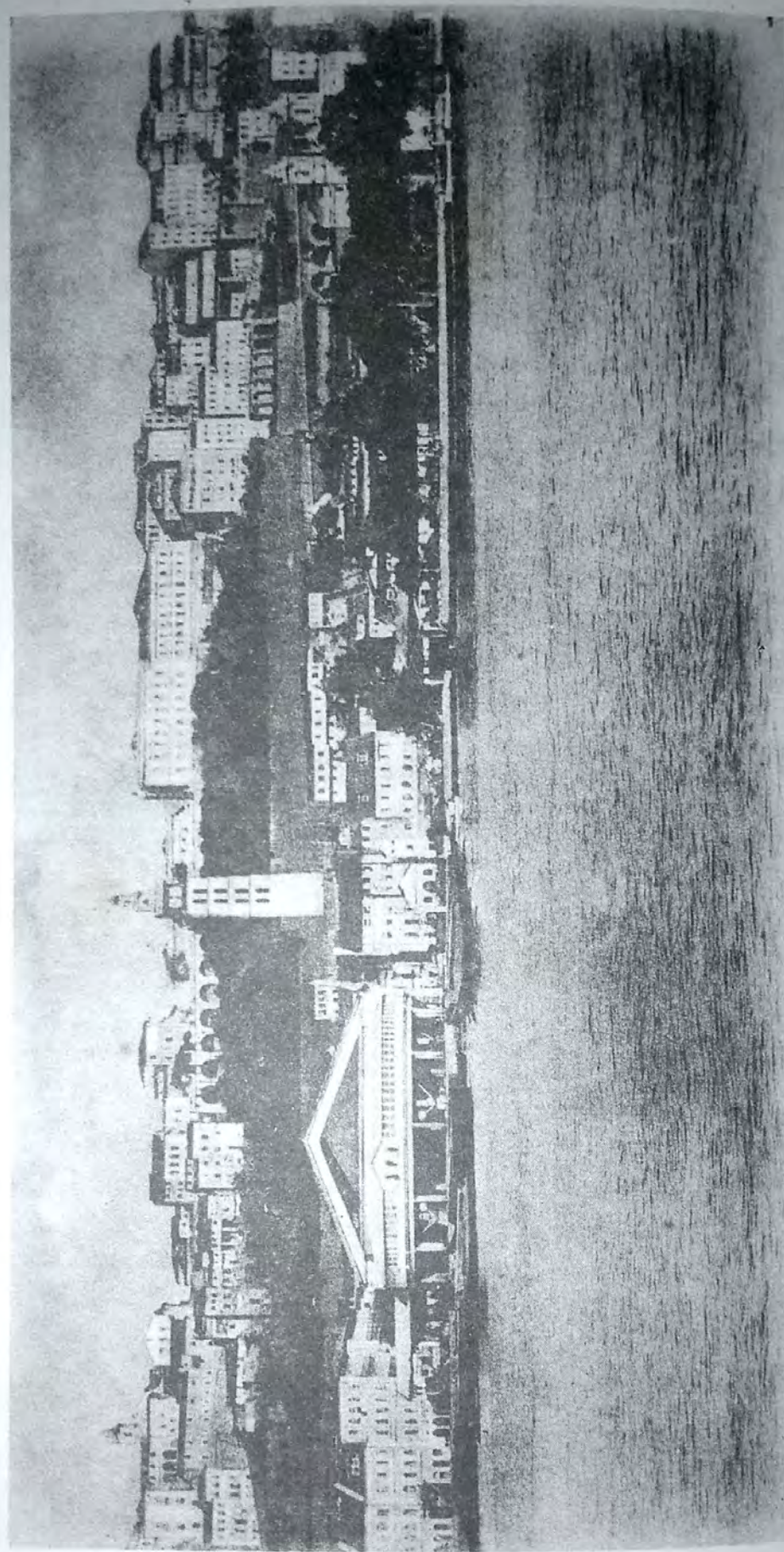
*

A expansão dos paulistas para o Sul e Oeste no século XVIII — Mapa levantado pelo Governador e Capitão General Luís Antônio de Sousa e anexo ao *Relatório Secreto* que enviou ao Vice-Rei, Marquês do Lavradio, sobre a conquista do sertão do Tibaji, hoje no Estado do Paraná.

Na Europa distante, estrondavam as batalhas de Napoleão. A transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, já estudada e delineada na última década do século XVIII e para a qual se chegara a preparar uma esquadra, é finalmente decidida.

O Brasil já era uma nação. Ali, El-Rei poderia assentar a base da resistência lusíada contra inimigos e amigos.

E, no inverno de 1807, uma frota saiu do Tejo e entrou no Atlântico em direção da América Portuguesa.

XII

AS CIDADES BRASILEIRAS NO SÉCULO XIX

Vista de Salvador — Bahia, em fins do século XIX

O século XVIII termina realmente com o Congresso de Viena. A batalha de Waterloo foi o seu último episódio. A economia adquire um novo sentido. O comércio, as finanças, as riquezas dos povos ressentem-se dos novos tempos. Como conseqüência, os ideais políticos e a própria vida social.

Entramos no século burguês, democrático, mercantil. O ciclo dos heróis da guerra sedentos de glória termina com o ciclo dos grandes aventureiros sedentos de riqueza improvisada e maravilhosa. Também as nações não podem mais aspirar às belas aventuras. Limitar-se-ão aos planos comerciais, procurando apresentar-se apenas laboriosas, hábeis, acomodatícias, a disfarçar a ambição com rótulos humanitários, máximas utilitaristas e razões científicas...

É o século XIX. O próprio ouro deixou de ser um conquistador, para ser um objeto de conquista. Quem o conquista? Quem tiver ferro. O ferro é a base da civilização no século XIX. É ele, o negro metal, quem constrói a riqueza dos povos, o seu poder industrial e comercial, a sua força militar. E como os fortes fazem a jurisprudência do mundo, o ferro é a base de todo o direito.

O ciclo aurífero teve o seu apogeu no reinado de D. João V. Três anos depois da morte do monarca magní-

fico, funcionava na Inglaterra o primeiro forno em que o ferro se fundiu por meio do carvão de pedra. Os reinados de D. José e D. Maria I assinalam o período de transição em que o poder e as riquezas dos povos meridionais da Europa, e em geral do planeta, transferem-se para os povos setentrionais possuidores da hulha.

Só é rico, de agora em diante, quem tem hulha para fazer ferro melhor e mais barato. El-Rei D. João VI compreendeu a necessidade da industrialização do Brasil e viu que essa industrialização não teria base de independência enquanto o país não produzisse o seu ferro.

Tentou a indústria básica em S. João do Ipanema, perto de Sorocaba. Era a grande esperança, alimentada principalmente pelo arguto e progressista D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Conde de Linhares. Foi com emoção profunda que o coronel Luís Frederico Varnhagem fundiu, com o primeiro ferro do Ipanema, uma cruz, levada processionalmente à igreja da vila.

Não levou muito tempo, a indústria paralisou. O nosso ferro — a maior reserva do mundo — está localizado à distância de centenas de léguas das nossas minas de carvão; mas isso é o menos: o pior é que a hulha do Brasil é de inferior qualidade, não se podendo comparar com o carvão inglês, americano ou alemão. É certo que o Japão se utilizou de uma hulha inferior à de Cardiff na produção do ferro de que necessitava. Não é argumento. Em primeiro lugar, não se comparam as distâncias do Brasil com as das ilhazinhas japonesas. O Japão tinha a hulha ali ao pé do seu ferro; a hulha não prestava, mas estava perto. No Brasil, as distâncias são de milhares de quilômetros. Em segundo lugar, basta olhar os resultados econômicos, militares e políticos da hulha de inferior qualidade do Japão quando quis competir com a de boa qualidade dos anglo-saxões...

Para atingir uma produção siderúrgica medíocre (dada a inferioridade da nossa hulha) precisávamos de

caminhos de ferro de grande capacidade. Mas caminhos de ferro só se constroem com ferro...

*

Essa foi a origem do maior dos dramas econômicos do século XIX: a desigualdade dos povos pela retenção, por apenas algumas nações, do elemento fundamental da "civilização telúrica". O Brasil fez desse drama um poema épico.

Poema dos mais grandiosos, porque revelou a capacidade extraordinária da nossa raça. Vínhamos de boa cepa: os navegadores do século XVI, os sertanistas dos três séculos que nos tinham precedido.

Contemplamos a terra que já se encontrava conquistada, demarcada, dominada pelo nosso braço. E acometêmo-la com o ímpeto dos triunfadores sobre as potências da natureza.

Antes de mais nada, tínhamos de desenvolver a nossa agricultura, produzindo não só o de que necessitávamos no consumo interno, como as matérias primas exportáveis e que de certa forma deveriam equilibrar as nossas importações.

Seria ainda a agricultura que daria ao Brasil a possibilidade de construir caminhos de ferro, porque não apenas os capitais particulares exigiam, como condição de um empreendimento dessa natureza, a garantia de lucros auferíveis pelo escoamento dos produtos agrícolas, como o próprio governo, se se fizesse construtor, teria de contar antecipadamente com os resultados práticos de uma receita segura, pelo menos para pagamento de juros de empréstimos levantados para esse fim.

Dessa forma, enquanto nos Estados Unidos as estradas de ferro, inicialmente deficitárias, iam provocar, em regiões desconhecidas, o aparecimento da agricul-

tura (conseqüência natural da riqueza carbonífera do país), os brasileiros tinham de marchar a pé, criar — primeiro — a agricultura, garantir lucros tarifários aos capitalistas, para conseguir — só depois! — caminhos de ferro...

Começa aí verdadeira epopéia: a reconquista da terra, o seu amanho, a instalação de fazendas, e, à proporção que se iam formando novas cidades, como centros de grandes áreas agrícolas, outros pioneiros iam para diante, derrubando as matas virgens a machado, incendiando-as, revolvendo a terra, formando novas roças, que, por sua vez, se transformavam em outras tantas fazendas, bases de futuras cidades.

De início, as duas grandes produções brasileiras eram o açúcar e o tabaco, vindo a seguir o arroz, o milho, o algodão, o feijão. Mas nos alvores do século XIX atingira tão grande incremento a lavoura do café, que essa planta figurou ao lado do tabaco, formando expressiva guirlanda a emoldurar a coroa da monarquia na bandeira nacional.

Dos três pés de café levados ao Brasil por Francisco Palheta, um só vingou, tornando-se o patriarca de milhões de árvores.

O grande impulso da lavoura cafeeira efetivou-se primeiro nas terras fluminenses, ganhando pouco a pouco todo o vale do Paraíba. O poder econômico, que era privilégio exclusivo dos senhores da cana-de-açúcar, os quais constituíram largo tempo a aristocracia do Império, transferiu-se gradativamente para os fazendeiros de café. Como conseqüência, adveio o poder político, tendo sido a preciosa rubiácea denominada pelos sociólogos "o grande eleitor" [64], pois decidia da sorte dos partidos e dos gabinetes ministeriais.

*

As cidades fluminenses e paulistas ressentiram-se, na sua fisionomia urbana, das novas condições econômicas advindas do surto cafeeiro.

Grandes palácios, imponentes casarões senhoriais ergueram-se desde o Rio de Janeiro a S. Paulo, a Campinas, a Itu, a Piracicaba.

Não mais a casa típica do século XVIII, como vimos em Ouro Preto, mas edifícios de pedra ou alvenaria de tijolos, de larga porta central, o portão com cimalha e estatuetas, para a passagem dos carros puxados por belas parelhas, as janelas amplas, de sacadas, as escadarias de mármore, os salões espaçosos. O mobiliário já não era o renascentista dos velhos solares mineiros e baianos, porém o D. Maria e, principalmente, o Império.

As cidades que outrora serviram de base às investidas bandeirantes no rumo do desconhecido sertão, como Jacareí, Taubaté, Pindamonhangaba, Lorena, Bananal, disputam a primazia da exibição arquitetural e dos luxos domésticos. No limiar do grande oceano de cafeeiros, que se desenrola cada vez mais na direção do Oeste, Campinas rivaliza com São Paulo, rasgando suas largas praças de fachadas imponentes de prédios e o debrum das majestosas palmeiras imperiais. É como que o centro da nobreza rural da província. Do mesmo modo, Itu, Piracicaba, Jundiaí, Rio Claro, Amparo e, como aspa de flecha a apontar o sertão, Ribeirão Preto, centro de riquezas dos novos tempos. Do lado do Sul, Itapetininga e Sorocaba avultam ostentando ares de opulência; é por ali que vêm do Rio Grande os rebanhos de muares e cavalos, para as feiras sorocabanas de fama nacional. A região conserva a tradição das cavalhadas coloridas e bizarras de outros tempos, das quais Hércules Florence nos oferece aspectos, nas suas telas, que se podem ver no Museu do Ipiranga. Dentro em breve, será Jau outra base de penetração dos novos sertanistas, e de São Carlos do Pinhal partirão pioneiros a abrir novas fazendas no ser-

tão do Avanhandava. Surgirá Araraquara, depois Taquaritinga, Catanduva, Rio Preto. As cidades multiplicar-se-ão.

A onda do café galga a sêrra da Mantiqueira, alcança a "zona da mata", partindo de Juiz de Fora, que se torna em breve uma das maiores cidades de Minas; atinge Ubá, Viçosa, Cataguazes, Leopoldina.

Desenvolve-se a agricultura por toda a parte. No sul de Minas crescem as cidades de Pouso Alegre, Ouro Fino, Itajubá. A onda de prosperidade encontra-se com a lavoura progressista de S. Paulo, onde Espírito Santo do Pinhal, Mogi-Mirim, Serra Negra, Bragança, Rio Pardo ostentam suas fazendas e suas graças urbanas. No Estado do Rio, a cidade de Campos, à margem do Paraíba, é a mais opulenta e fidalga, com senhores de engenho, como no norte do país, e seus vastos solares, e suas casas apalaçadas. Mas também cidades dignas de apreço são Vassouras, Resende, Barra Mansa e Barra do Piraí, Cantagalo e Paraíba do Sul.

*

A "fazenda" — como casa grande — generaliza-se no Brasil meridional. As populações aquietam-se na agricultura, a riqueza pede conforto, a política exige prestígio, e as antigas arranchações de telhas vãs e chão de terra pisado cedem lugar a vastas construções altas e dignas, com largos alpendres floridos e redes para as sestas nos grandes meio-dias ensolarados, varandas amplas, quartos para a família e para os hóspedes. espaçosos salões, onde se dança nas festas de Santo Antônio, S. João e S. Pedro. Próximo, o paiol de milho, o curral, a casa dos carros e das máquinas agrícolas, a casa do administrador, a do feitor, a senzala dos escravos, mais tarde transformada nas alinhadas casas dos colonos europeus. Se a fazenda é de criar, os pastos começam a estender-se

desde a porteira; se é de cana, o engenho com sua moenda e suas montanhas de bagaço ali está; se de café, abre-se o terreiro ladrilhado, para a secagem, como grandes quadriláteros de sol. A capelinha ergue-se alva como lírio, com a sua cruz e o sino conclamante.

O fazendeiro é um homem de botas altas, chapéu de aba larga e roupas claras, que cavalga um cavalo de arreios prateados e discute política com o deputado que veio do Rio. . .

*

As cidades continuam a nascer no território nacional.

Nascem do próprio intercâmbio dos centros agrícolas e os portos litorâneos. As exportações dos produtos da terra fazem-se por meio de tropas muares e de carros de bois, que trazem, no regresso, pólvora, sal, medicamentos, ferramentas e tecidos finos.

Essas tropas e esses carros constituíram em todo o século XIX os elementos mais notáveis da construção nacional e o agente eficaz da unidade brasileira. Os carros são lusitanos, com a mesa, os fueiros, as cangas, as rodas ferradas. Puxam-nos, porém, oito, dez juntas de bois, ao canto dos eixos, como violinos. . .

*

A tropa compunha-se de dezenas de animais de cangalhas, onde se penduravam, lado a lado, as arcas ou as sacas, cobertas por grandes couros. Cada animal trazia um peitoral com fitas multicores e chocalhos guizalhantes. Na frente, sem nenhuma carga nem arreios, apenas com um cincerro ao pescoço, marchava, conduzindo o lote, a "madrinha da tropa". Comandavam o comboio um tropeiro e três ajudantes.

Ao longo do caminho, encontravam os ranchos, onde pernoitavam, ao pé de um riacho e de um "pasto", nome que no Brasil se dá a certa área cercada de "capim", gramínea de que se alimenta o gado. Os tropeiros descarregam os animais, formam com as cangalhas e as mercadorias uma parede contra o vento dominante, distribuem as rações de milho aos muares e prendem-nos no cercado.

A tarde vai caindo melancólica. O sabiá canta nas restingas. Os homens da tropa comem o jantar que se improvisou em panela pendente da tripeça de ferro. Estendem os couros no chão, acendem os cigarros de palha de milho, pegam na viola e cantam, porque não é tropeiro o tropeiro que não sabe inventar e cantar versos de saudade ou de amor, ou narrando episódios e façanhas.

A lua sobe. O sertão parece maior e mais misterioso. Os tropeiros dormem ao luar.

Esses ranchos foram origens das cidades. Perto deles, alguém se lembrou de abrir uma venda. Quase sempre é o próprio dono do pasto e do rancho. Como as tropas são muitas, um concorrente constrói outro rancho, abre outra venda. Lavradores têm suas casas ali perto. Resolvem erigir uma capelinha. Um dos casais possui uma imagem. É, por exemplo, a de S. Bento. A capelinha chamar-se-á de S. Bento. Mas o povoado vai aumentando, ao longo da estrada. Um dia, o casal que doou a imagem assenta doar um patrimônio ao santo, alguns hectares de terra. Um sacerdote vem ali celebrar de vez em quando. O povoado aumenta; temos agora, um fogueteiro, um boticário, pedreiros, carpinteiros, ferreiros. Já se faz necessária a loja do fanqueiro, o armazém de secos e molhados. E, como há meninos, vem logo o mestre-escola. Correm dois, três anos; os habitantes se envergonham da capelinha humilde; deitam subs-

crição, fazem-se festas, lançam-se alicerces de um templo. E a cidade nasceu.

*

Como esta, centenas de outras se formaram.

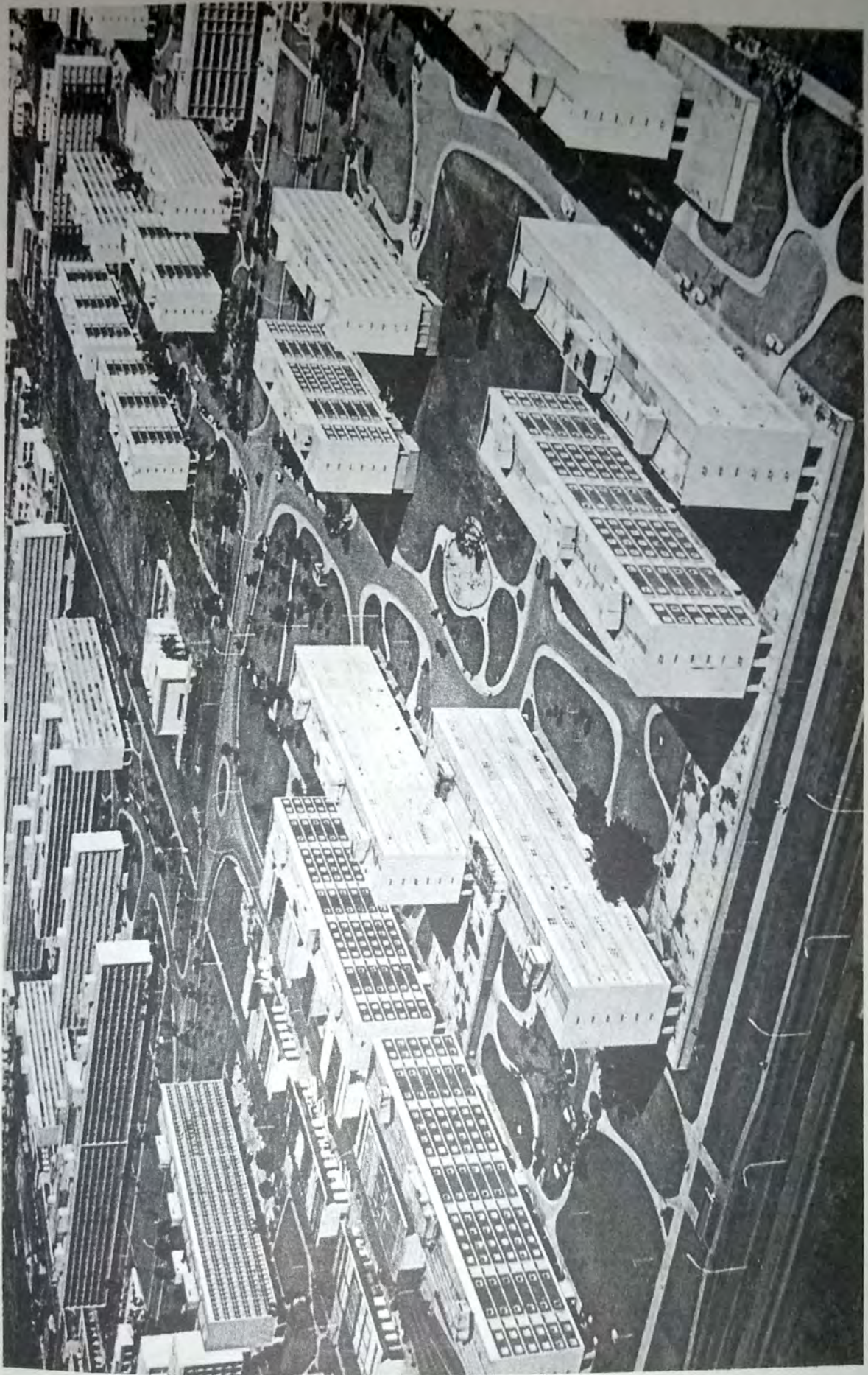
A onda avança: em fins do século XIX, Ribeirão Preto, Botucatu, Araraquara são poderosas cidades de onde os paulistas partem para fundar outras, como Catanduva, Pirajuí, Marília, Presidente Prudente, Penápolis, Barretos, Tanabi, Monte Aprazível, que, tendo apenas 50, 40, 20 anos de idade, são grandes núcleos populacionais. E a onda civilizadora continua; transpõe as divisas do Paraná, onde Curitiba já esplende como capital moderna e centro de indústrias, e crescem Cambará, Jacarezinho, Londrina, Platina, Jaguaraiava, Castro, Tibagí, Guarapuava, Tomazina, Castro, Teixeira Soares, Lapa, Rio Negro, Triunfo, Palmeira, Irati, Rebouças e Ponta Grossa — princesa dos altiplanos — engrinaldada de rosas e coroada de azul, a dominar os vastos panoramas de araucárias; atravessa as lindes de Mato Grosso: ali, Três Lagoas, Campo Grande e Corumbá são grandes empórios de gado e erva-mate; entra pelo Triângulo Mineiro — por Uberaba, Uberlândia, Conquista, Araguari, Ituiutaba, Tapaciguara — e vai a Goiás, província do gado e da agricultura, com cidades florescentes de nomes sonoros: Catalão, Ipameri, Corumbaíba e nomes risonhos: Bela-Vista, Formosa, Bonfim, Buriti Alegre, Rio Bonito...

*

É Goiás que nos dias de hoje oferece os contrastes dos três episódios mais expressivos da contemporaneidade dos séculos: a construção de Goiânia, o drama dos garimpos e o poema da penetração na região goiano-matogrossense da Ilha do Bananal. A construção da nova

capital é obra do governador Pedro Ludovico, homem notável pelo poder de realização, que fez uma cidade inteiramente nova, com todos os confortos das instalações modernas, mostrando como poderia ter sido possível tornar realidade a ficção da Carta Constitucional de 1891, que idealizou a capital brasileira no planalto central [65] (1). Ao lado desse acontecimento tipicamente do século XX, temos o século XVIII na zona dos "garimpos": a procura dos diamantes do Araguaia, com todo o cortejo das aflições, dos crimes, das lutas entre aventureiros semelhantes aos que assinalaram a sua passagem por aquelas mesmas terras no ciclo violento do ouro. Mas encontramos também em Goiás o século XVI: as Bandeiras de penetração. Apesar de vivermos no tempo do aeroplano e do automóvel, as marchas têm de ser praticadas a cavalo e em canoas, para que não fique sem reconhecimento um palmo de terra. Há cerca de 15 anos principiaram essas grandiosas aventuras, cujo ritmo acelera-se de dois anos para cá. Os novos sertanistas atravessam regiões habitadas por índios terrivelmente belicosos, que nunca tiveram contacto com a civilização; precisam andar vigilantes contra os tigres (o jaguar e a sussuarana), contra as cobras, contra as febres à beira dos rios e contra todos os perigos da floresta. Mas prosseguem. A região a conquistar estende-se de Goiás a Mato Grosso, abrangendo territórios de ambos os Estados: a Ilha do Bananal é goiana, as vertentes do Roncador são matogrossenses. No meio da selva, esses homens novos,

---

1 Quando no exílio, ao escrever este livro, Plínio Salgado deve ter percebido que o apelo da "Voz do Oeste", por longo tempo soando ao seus ouvidos de estadista e visionário (no verdadeiro sentido do termo), seria ouvido e tornado realidade em pouco tempo, com a construção da nova capital brasileira no planalto central. E, em Brasília, como representante do povo brasileiro, viveu os quinze anos finais de sua existência, de lá saindo, definitivamente, para entregar a alma ao Deus em Quem ele acreditava e por Quem lutou em toda a sua longa vida, como bem o testemunha através destas páginas. (N.E.).

As superquadras constituem, em grupo, os centros habitacionais de Brasília, que se multiplicam por toda a extensão da Avenida Monumental. Há sempre jardins.

Belo Horizonte

mas tipicamente do século XVI, dormem nas redes alçadas entre duas árvores. Sobre elas, palpita o céu coruscante. E, para marcar o contraste, se conseguem levar uma pilha elétrica e um aparelho de rádio, fazem ressoar no seio da floresta, perdida no centro do Continente, os concertos que, à mesma hora, homens de casaca e mulheres de decote ouvem confortavelmente nos salões do Rio ou de Londres...

*

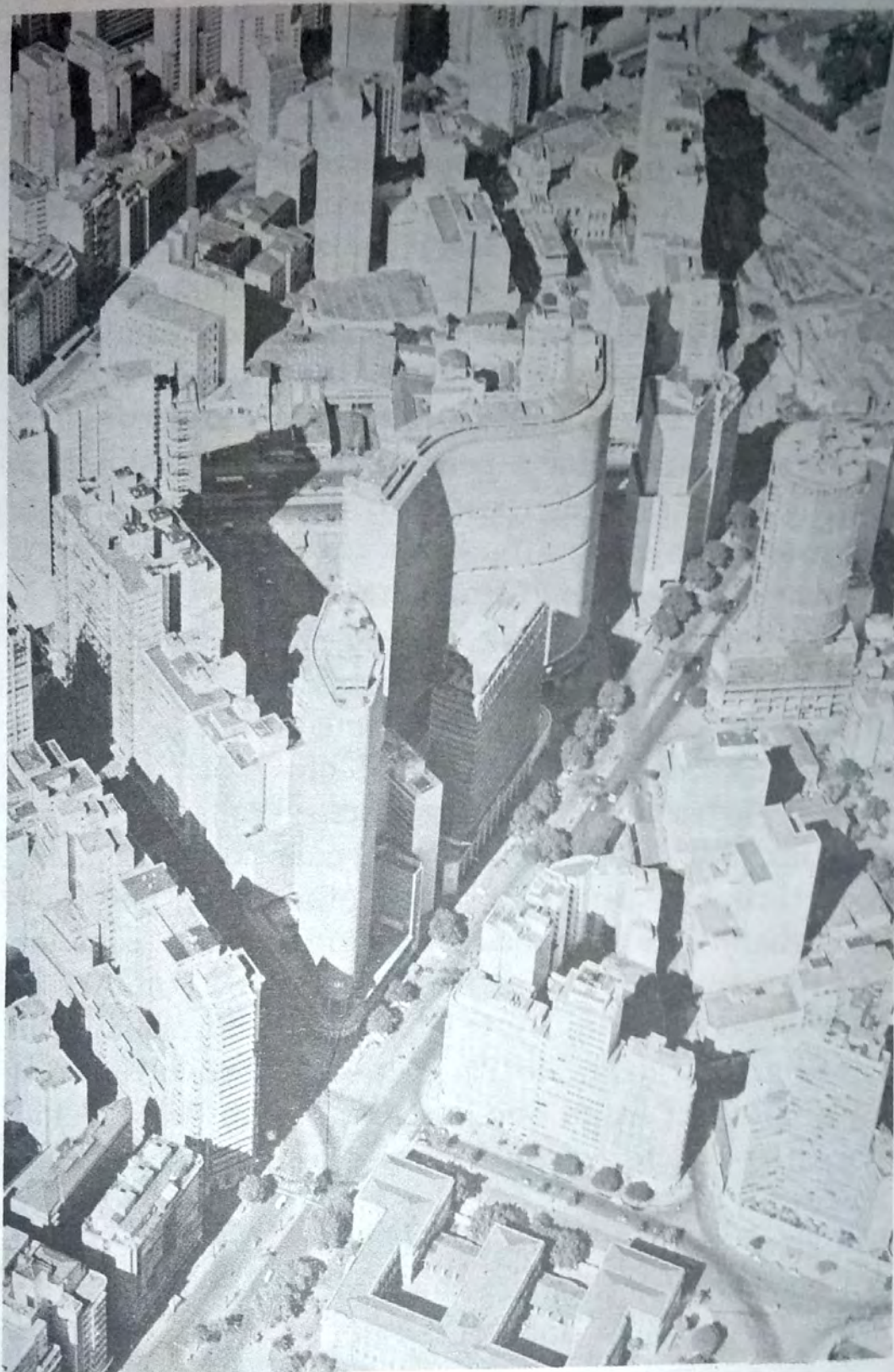
Minas Gerais multiplica-se elevando os índices econômicos e populacionais e, partindo de fulcros como Pirapora, Teófilo Otoni, Arassuaí, Montes Claros, Araxá, S. Francisco, Patos, Araguari, Paracatú, Prata, Ituiutaba e outros, vai desbravando todos os espaços da área estadual. Cidades — como Alfenas, Varginha, Três Corações, Barbacena, do mesmo modo que as já citadas noutro passo deste trabalho, florescem num ritmo acelerado. Nenhuma, entretanto, supera a própria capital, Belo Horizonte, cuja edificação principiou em 1894.

A capital mineira é um milagre do poder realizador dos montanheses. Em 1940, com apenas 46 anos de existência, atingira 212.000 habitantes. Na ordem da importância comercial, alcançou, em 1943, o quarto lugar no país, sendo São Paulo a primeira, Rio a segunda e Porto Alegre a terceira [66]. Numa altitude de 940 metros, desfruta um dos melhores climas do Brasil e apresenta, em todas as direções, os mais belos panoramas, que engrandecem as suas magníficas avenidas, praças e jardins.

As cidades baianas, espírito-santenses e nordestinas acompanharam o esforço progressista de suas irmãs das outras regiões. Além do Muriaé, a cuja margem ergue-se Itaperuna, florescente cidade fluminense, e transposto o rio Itabapoama, a terra capichaba [67] apresenta-nos Cachoeiro do Itapemirim, cuja expressão econômica é

das mais importantes, e mais ao norte, entre as cidades de Colatina, Alfredo Chaves, Linhares, S. Mateus, a encantadora capital de Espírito Santo surge, entre penedos e montanhas, com beleza urbanística e intensa vida comercial.

Na Bahia, a cultura do cacau abrange todo o sul, fazendo surgir, desde Ilhéus e Itabuna até aos sertões do Rio das Contas, cidades que se desdobram em novos distritos-de-paz, cujo crescimento os transformará em novas cidades; e, mais para o norte, nas zonas do tabaco, dos diamantes, do gado e do café, prosperam grandes centros, como Castro Alves, Cachoeira, Feira de Santana, Maragogipe, Santo Amaro, S. Félix, além das numerosíssimas espalhadas pelo sertão e principalmente às margens do S. Francisco.

O Nordeste tem na cana de açúcar e no algodão a base econômica do constante desbravamento da terra, cada dia mais dominada, com o exuberar de novos núcleos urbanos e o reflorir das cidades antigas. Em Pernambuco, Garanhuns, Caruaru, Vitória, Pesqueira, Bezerros, Aliança, Bom Jardim; na Paraíba, Campina Grande – centro das movimentadas feiras do sertão – Mamanguape, Itabaiana e, para lá da Serra de Borborema, Patos e Cajazeiras; em Alagoas, além de Maceió, a histórica Penedo ao sul e S. José da Laje ao norte; em Sergipe, Aracaju – a capital – e Maroim, Laranjeira, e a bela Propriá, a cavaleiro do rio de S. Francisco; no Rio Grande do Norte, onde Natal, entre outros progressos técnicos, apresenta uma das mais perfeitas escolas maternais do Brasil, pontilham o mapa do Estado as cidades de Mossoró, Caicó, Areia Branca, Macáo, Currais Novos e numerosas outras; no Ceará, encontramos uma capital moderna, com bonitos prédios e movimento comercial, mas além de Fortaleza, Sobral, Quixeramobim, Quixadá, Icó, Aracatí, Baturité, Barbalha, Crato e a famosa Juazeiro (do Padre Cícero).

São Paulo, hoje

Prosseguindo, entramos no Piauí — vastas regiões de gado e produtos tropicais — com cidades como Teresina (capital) e Parnaíba. Transposta a serra do Itapicuru, estamos no Maranhão, onde tradicionais cidades e povoados — Caxias, Codó, Coroatá, Rosário, Turiassu empenham-se na conquista da imensa terra, em cujos extremos limites de Goiás, Carolina e Imperatriz assentam à margem do Tocantins. A cidade de S. Luís conserva o seu ar dos séculos pretéritos, a cavaleiro do mar, porém penetrada do sentido do progresso e da consciência das responsabilidades pelas grandes riquezas que encerram as vastas áreas territoriais do Estado. E eis que penetramos no Pará; surge-nos a cidade de Belém, uma das mais belas e populosas do Brasil.

A Amazônia atingiu o apogeu na alta da borracha. O processo lento da formação das cidades à margem do grande rio, processo tão pitorescamente fixado desde os relatos dos capitães-generais no século XVII, até à crônica registrada por viajantes como Wallace, Agassiz, Martius, Darwin, na primeira metade do século XIX, repentinamente acelera o ritmo, produzindo esse milagre urbano que é Manaus, magnífica cidade com um cais flutuante, um dos melhores teatros da América do Sul, e soberbas avenidas. O comércio da borracha influi também nas cidades do Pará, que se desenvolvem e se multiplicam. É assim que florescem, como Porto Velho, Itacoatiara, Tefé, no Amazonas, — as cidades paraenses à margem dos grandes rios, tais as de Óbidos, Alenquer, Santarém, Jurupá, Macapá, à beira do Rio-Mar; Itaituba, no Tapajós; Altamira, no Xingu; Marabá, no Tocantins; Breves, na ilha de Marajó.

Lá ao fundo do mapa, o Acre levanta-se e declara-se brasileiro, rompendo com o tratado que o atribuíra à Bolívia, proclamando a independência, da qual só abriria mão se o aceitassem na comunhão do Brasil, o que

foi feito; e no seu território surgem cidades como Rio Branco, Madureira, Cruzeiro do Sul.

Volvendo de novo os olhos para as zonas meridionais do Brasil, vamos encontrar, passando o Paraná, as lindas terras de Santa Catarina: Florianópolis tradicional, de casas antigas misturadas com prédios modernos e a sua magnífica ponte metálica ligando-a ao Continente; veremos S. Francisco, Itajaí, Laguna à beira-mar; veremos as lindas Joinvile, Blumenau, e Brusque, e no sertão Campos Novos, Curitibanos, Lajes, Mafra, Porto União. São cidades florescentes emolduradas por paisagens de encantadora doçura.

No extremo meridional, a terra gaúcha, inicialmente constituída pelos núcleos das missões jesuíticas e depois povoada pelos colonos açorianos, desenvolveu-se pontilhando o seu mapa de cidades, algumas das quais de grande importância, como Pelotas, Bagé, Santa Maria. Ali avultam os maiores rebanhos do País, cultivam-se o trigo e o vinho, incrementando-se a colonização com a entrada de Europeus de todas as procedências.

*

Pois, desde os meados do século passado, o Brasil abriu suas portas a toda a Humanidade. A primeira tentativa de captação de raças ádvenas foi de D. João VI, que introduziu chineses no país; seguiu-se a iniciativa de D. Pedro I, permitindo a fixação de irlandeses, hanoverianos e saxônios, idos como soldados e transformados em agricultores.

No reinado de D. Pedro II entraram levas de pomerânios e suíços, com os quais se fundaram as cidades de Petrópolis, Teresópolis, Friburgo e os primeiros núcleos de colonização germânica em Santa Catarina. Depois de 1890 incrementou-se a imigração em larga escala, principalmente de italianos para S. Paulo, os quais,

Florianópolis

facilmente se cruzando com os elementos luso-brasileiros e encontrando na catolicidade do País um sólido fundamento de aliança espiritual e sentimental com os de origem portuguesa, tornaram-se em breve preciosos colaboradores na obra de construção econômica e social dos paulistas. Não tardou a imigração sírio-libanesa, que foi também absorvida pelos Brasileiros com aquele espírito assimilador que herdaram dos Portugueses, cujas ondas de novos povoadores constantemente se foram sucedendo no Brasil, com origem principal no Minho, que tem sido e por certo continuará a ser, pela contribuição étnica, o mais seguro sustentáculo do teor de lusitanidade da grande Nação Sul-Americana.

*

A partir de 1900 o Brasil cresceu vertiginosamente. Os municípios, inicialmente criados com um centro urbano a governar extensões territoriais por vezes maiores do que a Bélgica ou a Suíça, partem-se, repartem-se, tripartem-se, pela transformação rápida das aldeias em cidades; os pioneiros avançam, novos nomes surgem no mapa.

No primeiro período, a cidade começa com a fortaleza e a igreja; no segundo, o da mineração, com as barracas, a roça, a ermida; no terceiro, o do desenvolvimento agrícola e comercial, com o rancho de tropeiros, a venda e a capela; mas, ao desdobrar-se este último ciclo, ao ritmo acelerado do progresso, a cidade começa com a bomba de gasolina, a agência bancária, o campo de futebol, o cinema e a igreja. Logo depois, apita a locomotiva na estação, traça-se o jardim da praça municipal, alindam-se os bangalôs residenciais.

Reparai, porém, numa constante: sob a forma de ermida, capela, ou igreja, de taipa, de pedra, de cimen-

Vista aérea do Rio de Janeiro, com o Pão de Açúcar e o Corcovado, ao longe, com o seu Cristo Redentor.

to armado, barrocas, românticas, góticas, modernas, a presença em toda a carta geográfica da religião de Cristo.

Foi o maior patrimônio que o Brasil recebeu de Portugal.

*

No espaço de oito milhões e meio de quilômetros quadrados, as cidades brasileiras, por mais diversas que pareçam nos seus aspectos regionais, guardam no íntimo uma só fisionomia, falando, cantando e rezando na mesma língua, "última flor do Latio", primeira flor da lusitanidade, da latinidade, na América.

Mas nem a identidade dos costumes, nem a uniformidade do teor de vida, nem o condomínio da terra e do idioma nos dariam a nós, Brasileiros, uma consciência de origem e um sentido de destino histórico nacional e humano, como nos dá esta Fé em Cristo, que constitui o supremo instrumento de expressão da nossa alma de Povo.

Em cada cidade do Brasil canta o sino de uma igreja; em cada igreja está presente Aquele que penetrou a floresta na palavra dos missionários das brenhas selváticas; e, estando em cada igreja, está em cada um dos lares da Pátria, assim como no íntimo de todos os corações.

Sustentar o seu Nome, e o seu Ensino, e viver segundo o seu Espírito, é sustentar a tradição lusíada e nacional brasileira, a honra da Nação e as suas próprias prerrogativas de soberania.

NOTAS

CAPÍTULO I

1 No seu grande livro *O Selvagem*, Couto de Magalhães demonstra que o índio brasileiro atingira apenas o período da civilização denominada "idade da pedra polida". Dois fatos, entretanto, assinala o ilustre antropólogo: 1.º) não se terem jamais encontrado no Brasil instrumentos de pedra lascada, correspondentes ao período anterior ao da pedra polida, apesar das investigações de homens como Humboldt, Martius, Saint Hilaire, Castelnau, Hart, Liais e outros; 2.º) conhecerem e praticarem os índios certas formas de agricultura rudimentar, sem terem sido antes pastores, como se deu com todas as raças humanas no período anterior ao conhecimento dos metais. As tribos de Mato Grosso, Goiás e Amazônia, que ainda não tomaram contacto com os civilizados, continuam nesse mesmo estado. Causa admiração a rapidez com que o selvagem, catequizado e aldeado, transita para o convívio da civilização, de tal sorte que — não apenas os seus descendentes se confundem com a massa geral da população brasileira, no tocante aos costumes, ao trabalho e ao poder das faculdades intelectuais, mas o próprio índio, tomado na infância, integra-se na vida civilizada, onde chega a atingir posição apreciável em atividades técnicas e intelectuais.

2 V. *Cenas da vida amazônica*, de José Veríssimo, capítulo "O tapuio e a sucuriju".

3 Pierre Deffontaines, que é provavelmente o estrangeiro que melhor viu o Brasil em conjunto, expôs com admirável precisão, no seu trabalho *Geografia humana do Brasil*, a grande variedade de climas do País. "Esta variedade de climas" — escreve o notável geógrafo francês — "traduz-se sob o ponto de vista agrícola, em ciclos de trabalhos muito diferentes, como por exemplo a colheita do algodão que ocorre nos Estados do Sul (S. Paulo, Paraná), de Abril a Junho e, no Nordeste, de Julho a Novembro; a mesma sucessão quanto à colheita do café: de Abril a Agosto para os Estados do Sul, e de Julho a Novembro para os do Nordeste; quanto ao milho, os meses da colheita são de Abril a Maio para o Sul, e Julho

e Agosto para o Norte; o tabaco é colhido em Junho e Julho ao Sul, e em Outubro e Novembro ao Norte. Esta diversidade dos ciclos de trabalhos repercute na população e provoca importantes deslocamentos de trabalhadores agrícolas, durante as estações".

4 ..."ora são campos, a perder de vista, cobertos de macega alta e alourada, ou de viridente e mimosa grama, toda salpicada de silvestres flores; ora sucessões de luxuriantes capões, tão regulares e simétricos em sua disposição, que surpreendem e enfeitiçam os olhos; ou, enfim, charnecas meio apauladas, meio secas, onde nasce o altivo buriti e o gravatá entrança o seu tapume caprichoso". — Visconde de Taunay, *Inocência*.

5 Além dos produtos genuinamente brasileiros, em que o País desfruta lugar sem concorrência na produção mundial (erva-mate, carnaúba, oiticica, babaçu, caroá, madeiras, etc.), o Brasil ocupa as seguintes posições no que se refere a outros produtos:

Café, banana, feijão, abacaxi	1.º lugar
Borracha (depois das Índias)	2.º "
Cacau (depois da Costa do Ouro)	2.º "
Mamona (depois das Índias)	2.º "
Milho (depois dos E. Unidos, 1.º e Argentina, 2.º)	3.º "
Arroz (depois das Índias, 1.º e Japão, 2.º)	3.º "
Tabaco (depois dos E. Unidos, 1.º e Índias, 2.º)	3.º "
Laranjas (depois dos E. Unidos, 1.º e África, 2.º)	3.º "
Algodão (depois dos E. Unidos, 1.º; Rússia, 2.º; China, 3.º) ..	4.º "
Mandioca (depois das Índias, 1.º; Madagáscar, 2.º; Malaia, 3.º)	4.º "

Em todas as outras produções de cereais, leguminosas, oleaginosas e frutas, ocupa de 5.º a 10.º lugar.

No reino animal basta dizer que possui o 3.º rebanho de bovinos, apenas superado pelas Índias (1.º) e Rússia (2.º); o 3.º de suínos, depois dos Estados Unidos (1.º) e Rússia (2.º); o 4.º de equinos, precedido pela Rússia (1.º), E. Unidos (2.º) e Argentina (3.º); o 4.º de caprinos, avantajando-se-lhe a Turquia (1.º), a Rússia (2.º) e a União Sul Africana (3.º). — Waldemiro Potsch, *O Brasil e suas riquezas*, 1940. (1)

---

1 Atualmente, a situação do Brasil é a seguinte, no tocante à sua produção agrícola:

— *Café*	1.º lugar
— *Cacau* (depois de Gana)	2.º "
— *Cana de açúcar* (depois da Índia)	2.º "
— *Feijão* (depois da Índia e China)	3.º "
— *Milho* (depois dos EEUU e China)	3.º "
— *Soja* (depois dos EEUU e China)	3.º "
— *Fumo* (depois dos EEUU, China, Índia e URSS)	5.º "
— *Algodão* (depois da URSS, China, EEUU, Índia e Paquistão)	6.º "
— *Arroz* (depois da China, Índia, Indonésia, Bangladeshi, Japão, Tailândia e Birmânia)	8.º "

(Fonte: Anuário de Produção da FAO, 1975)

6 Quem viajar pelo Brasil, levando uma máquina fotográfica e um caderno de apontamentos, organizará o mais curioso dos álbuns, onde as cenas contrastantes e o vocabulário numeroso indicarão, na riqueza dos aspectos da terra e do homem, o prodígio de uma unidade que parece fugir da monotonia, evitando repetições.

Basta, por exemplo, apreciar os hábitos de alimentação. Na Amazônia, na margem dos rios que confluem formando a grande bacia, o sertanejo, além dos numerosos peixes de que dispõe para alimentar-se (Agassiz encontrou mais de duas mil espécies), adota como pratos de especial estima a carne e os ovos de tartaruga. A farinha de mandioca é obrigatória na composição da culinária ribeirinha, acompanhando-a a fruta-pão e as muitas espécies de bananas, entre as quais uma de cujo sumo se extrai um líquido semelhante ao vinagre, que entra nos condimentos dos pratos caboclos. Como bebida, o Amazonense, além do "assaí", tão celebrado especialmente no Pará ("quem vai ao Pará, parou; quem bebe "assaí", ficou..."), usa os refrescos de guaraná, poderoso tônico e estimulante. A cozinha do grande rio é variada, exprimindo-se em pitoresca nomenclatura, como, por exemplo, o famoso "tacacá com tucupi", apreciadíssimo não só pelos nativos como pelos forasteiros.

No Nordeste, predomina a "carne do sol", também chamada "jabá". É a carne seca, ou xarque. Com ela faz o sertanejo a "passoca", mistura de farinha de mandioca e carne, socadas no pilão. Enchendo o bornal com esse alimento, o jagunço das caatingas atravessa semanas inteiras, sendo tal sobriedade o segredo da sua formidável resistência nas fadigas da paz e nas agruras da guerra. A mesa nordestina é rica, entretanto, apresentando variadas comezainas, principalmente ao primeiro almoço. Ali aparecem os inhames e as batatas de diversas qualidades, a cangica de milho, o queijo do sertão, o leite de coco, o mel de engenho, a delicadíssima tapioca, feita de amido e coco. Mas onde a cozinha atinge a máxima opulência é na Bahia. A província baiana, de todas as terras lusíadas, é aquela que realiza nas expressões culinárias a opulência de enciclopédica ementa imperial. Tendo sido durante os séculos XVII e XVIII o centro das navegações portuguesas, a caminho não só das demais regiões brasílicas, mas também dos portos de África e Ásia, assimilou os costumes europeus, africanos e asiáticos, os quais combinados aos das tribos tupis, compuseram o seu receituário gastronômico de grandeza universal. Todo o gênio inventivo dos conventos de freiras dos tempos de D. João V enriqueceu-se com as especialidades da terra e os acepipes e ingredientes de Angola, Guiné, Moçambique, Índias e China. Apareceram o "vatapá" monumental, o "xinxim", os "cuscuses", os "acarajés", os pratos em que predominam o caril do Oriente e o dendê nacional, e as pimentas malagueta e comari. Descendo, entretanto, para o Sul, encontrará o viajante a cozinha carioca, onde predomina a célebre feijoada com base de xarque e o cortejo dos enchidos, paios, linguiças, chouriços e toucinhos. Galgando a serra da Mantiqueira, o estrangeiro será obsequiado com o "tutu" mineiro, mistura de feijão preto e farinha de mandioca, acompanhada de couve, lombo de porco assado ao espeto e ornamentação de torresmos; e, passando a S. Paulo, oferecer-lhe-ão

o "burê" tupi-guarani, espécie de sopa de milho verde, e o celebrado "virado" à paulista, modalidade do "tutu" mineiro, porém feito com o feijão mulatinho, e os famosos "cuscuses" de peixe e toda a variedade das cozinhas italiana e portuguesa, às quais se junta a contribuição sírio-libanesa, com os seus "quibes" tão apreciados. Dirigindo-se ao extremo Sul, o itinerante na campanha gaúcha será convidado a experimentar o churrasco riograndense, ou seja a carne de vaca assada ao ar livre e comida à mão, utilizando-se os convivas de facas de cabo e bainha de prata; entre os nacos de fevra sanguinolenta e punhados de farinha, o visitante sorverá o mate "chimarrão", por um canudo de prata, pelo qual extrairá da "bomba", também de prata, o chá sem açúcar. Tais são, apenas em linhas gerais, os aspectos da variadíssima alimentação brasileira.

7 Ninguém melhor do que Euclides da Cunha marcou o vivo contraste entre o sertanejo do Nordeste e o gaúcho do Sul. E nenhum escritor da nossa língua descreveu melhor o vaqueiro das "caatingas". Nos capítulos culminantes de sua obra monumental *Os sertões*, o mais rico dos prosadores brasileiros cinematografa o herói jagunço no meio da natureza agressiva, acompanhando-o passo a passo, na sua atitude tranqüila e repousada, e surpreende-o na transfiguração instantânea em que deflagram todas as suas poderosas energias. "Não há contê-lo, então, no ímpeto" — escreve Euclides. "Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moitas de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe impede encalçar o *garrote* desgarrado, porque *por onde passa o boi, passa o vaqueiro e o seu cavalo*..." E observa: "Como que é o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil sustentando-o nas rédeas improvisadas de caroá, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira — estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torço colado no arção, — *escanchado no rasto* do novilho esquivo..."

Mas é inútil transcrever trechos: os que amam a língua portuguesa não podem deixar de ler *Os sertões*.

CAPÍTULO II

8 Um dos melhores resumos e "explicação" vertendo ao sabor do nosso tema os deliciosos períodos de Caminha encontra-se no capítulo "O diploma natalício", do livro *Memórias de forasteiros*, recentemente publicado por Eduardo Dias.

9 "Leys, e provisões que el Rey dom Sebastiã nosso Senhor fez depois que começou a governar. Impressas em Lixboa per Francisco Correa cõ aprovaçã do Ordinario & Inquisidor, 1570". Págs. 154 a 157: — Ley sobre a liberdade dos gentios das terras do Brasil e em que casos se podem ou não cautivar, dada em Evora, a 20 de Março de 1570.

10 O "monjolo" é um tronco de árvore (ou toro de madeira) lavrado, tendo uma das extremidades cavada (recipiente para água) e na outra

um pilão. Assenta sobre um eixo cujas pontas cilíndricas pousam em esteio que termina em forma de *u*. A parte cavada recebe a água de uma bica, abaixando-se com o peso, enquanto a outra extremidade se levanta. Ao abaixar-se, de um lado, o monjolo esvazia a água e volta à posição anterior, o que faz o pilão do outro lado, descer batendo com força suficiente para ir descascando os cereais. É empregado também na pulverização do milho para o fabrico da farinha de beiju e do fubá.

11 "Provisão régia de 6 de Março de 1565 impediu que as naus destinadas à Índia, que lá não pudessem chegar, de modo algum arribassem ao Brasil, mas tornassem a Portugal, além de outros motivos porque, dessas freqüentes arribadas, resultava fugir gente de bordo para terra..." — Afrânio Peixoto, *História do Brasil*.

Essa provisão mostra (conforme observa Afrânio Peixoto) a preferência dos Portugueses pelo Brasil. O povo, com o seu instinto divinatório, pressentia que o destino da Raça estava no Ocidente e, assim, não só colaborava com o gênio político dos seus monarcas, mas até ultrapassava as suas determinações.

CAPÍTULO III

12 "Neste campo está um João Ramalho, o mais antigo homem que está nesta terra. Tem muitos filhos e mui aparentados em todo o sertão. Este homem para mais ajuda é parente do padre Paiva e cá se conheceram. Quando veio da terra, que haverá 40 anos e mais, deixou a sua mulher lá, viva, e nunca mais soube dela, mas que lhe parece que deve ser morta, pois já vão tantos anos. Deseja muito casar-se com a mãe destes seus filhos. Já para lá se escreveu e nunca veio resposta deste seu negócio. Portanto, é necessário que V. R. envie logo a Vouzela, terra do P. Mestre Simão, e da parte de N. Senhor lho requeiro: porque se este homem estiver em estado de graça fará Nosso Senhor por ele muito nesta terra..." *(Carta de Nóbrega, em 31 de Agosto de 1553, ao Padre Luís Gonçalves da Câmara, descoberta de Almeida Prado no seu interessantíssimo livro "Primeiros povoadores do Brasil", pág. 96).*

No testamento de João Ramalho, cuja cópia se encontrava no arquivo de José Bonifácio de Andrade e Silva (o Patriarca), lê-se: "João Ramalho, natural de Bouzela, comarca de Vizeu, f.º de João Velho Maldonado e de Catarina Afonso de Balbode e que ao tempo que a estas terras viera se casara com uma moça que se chamava Catarina Fernandes das Vacas, etc". (Cit, por J. F. de Almeida Prado, pág. 100, de *Primeiros Povoadores*).

Os poucos documentos da época são, porém, contraditórios quanto a João Ramalho (e também quanto a quase todos os colonos do tempo de Martim Afonso), a tal ponto que Paulo Prado chega a sugerir a hipótese da existência de vários Ramalhos. Não parece provável; o mais certo é a contradição do juízo dos contemporâneos sobre o famoso personagem, fato comum em todas as épocas e fácil de verificar-se nos dias de hoje pela opinião variada e contraditória dos nossos jornais sobre as mesmas pessoas...

13 Se, em relação a João Ramalho, vulto da máxima importância na história de Piratininga, são tantas as contradições e confusões, não é de admirar que em relação a Pero Dias, figura de menor importância, maiores sejam as incertezas e, portanto, as discussões. O erudito Padre Serafim Leite, na sua *História da Companhia de Jesus*, dá como lenda a versão de Silva Leme e as inspiradas páginas de Amando Caiubi em *Rincão de Heróis*, identificando Pero Dias com um noviço da Bahia (e não de São Paulo), que constava no Catálogo da Companhia em 1565, onde se diz "nascido cá" (no Brasil), e cujo nome já não constava no Catálogo de 1567. Seria o mesmo Pero Dias que se casou com a filha do cacique Tibiriçá? Para que isso se desse, precisamos admitir: 1.º) a viagem desse Pero Dias a S. Paulo, o que se teria dado entre 1565 a 1567, ou depois; 2.º) que o casamento se deu posteriormente à morte de Tibiriçá, ocorrida em 1562, sendo já muito velho, pois em 1530 (trinta e dois anos antes, recebera Martim Afonso de Sousa e era já sogro de João Ramalho e avô), parecendo pouco provável que tivesse deixado uma filha em idade de casar com um jovem como seria o noviço da Bahia; 3.º) que a lista dos primeiros povoadores vicentinos mencionados no documento descoberto pelo Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, examinado por Silva Leme, está errada. Se houve um, ou dois, ou mais Peros Dias, como sugere, no caso, a hipótese de Paulo Prado em relação a João Ramalho, é assunto para mais pormenorizadas averiguações. Por ora, com o maior respeito pelo eminente historiador P.e Serafim Leite, cingimo-nos ao episódio de que se serviu Amando Caiubi, pois ainda quando tenha alguma coisa de lendário, exprime uma realidade geral na história dos primeiros cruzamentos, realidade repetida de Norte a Sul do Brasil e que tem a força poderosa de um símbolo.

14 Taquara — nome indígena do bambu e do caniço.

15 Embira ou mbira — corda de casca de árvore (tupi).

16 Anchieta, *Cartas*.

17 Simão de Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus*, Livro II, n.º 138. Volume I, pág. 184, da 2.ª edição.

CAPÍTULO IV

18 Estão incluidas as duas naus de Fernando Álvares de Andrade.

19 'Não se pode folhear hoje sem comoção o livro em que se registaram as providências principais de D. João III sobre o Brasil — as doações, o regimento que levou Tomé de Sousa, o regimento do ouvidor... Ainda não existia o Brasil e é já o Brasil intacto — na antecipação visionária e genial de D. João III. A raiz da sua grandeza mergulha ali, adivinham-se as condições da sua unidade" — Manuel Múrias, *Portugal: Império*, pág. 132, ed. 1939.

20 Francisco Pereira Coutinho "esteve de paz alguns anos com o gentio e começou dois engenhos. Levantando-se eles depois, lhos queima-

ram, e lhe fizeram guerra por espaço de sete ou oito anos, de maneira que lhe foi forçado e aos que com ele estavam embarcarem-se em caravelas e acolherem-se à capitania de Ilhéus, aonde o mesmo gentio, obrigado da falta de resgate que com eles faziam, se foi ter com eles, assentando pazes e pedindo-lhes que tornassem, como logo fizeram com muita alegria" (Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*). De fato, Pereira Coutinho regressou, em companhia do Caramuru, mas teve a infelicidade de naufragar na altura de Itaparica, cujos Índios eram adversários dos da Vila fundada pelo donatário. E Francisco Pereira Coutinho foi trucidado e comido. Escapou Caramuru, talvez por aquele motivo tão encarecido pelo general Couto de Magalhães no seu livro *O Selvagem:* falava a língua geral.

21 Divergem as opiniões sobre as origens da alcunha de Diogo Álvares. Durante muito tempo ela foi traduzida por "homem do fogo", "filho do trovão". Apareceram, porém, pesquisadores que encontraram nos apelidos de descendentes de Diogo Álvares o nome de um peixe (moreia), que também se chama "caramurú" em tupi. Concluiu-se, portanto, que os Índios apelidaram Diogo Álvares o "moreia", por se parecer com aquele peixe quando o encontraram depois do naufrágio.

Na língua dos selvagens brasileiros é comuníssima a designação de várias coisas pelo mesmo nome. *Petuna* é véu ou pele preta e é, também, por analogia, noite; *ara* é sol, e como o sol anda no espaço e contém as cores do arco-íris, e a sua luz revela as cores na Terra, também *ara* é ave, pois as aves andam no espaço e são coloridas. Por conseguinte, *caramurú* pode ser o nome do peixe e ser também a expressão onomotopaica designativa do homem que produziu um estampido com arma de fogo. Aliás, a expressão *muru* e *marã* como *parã* e *porã* exprimem rumor, estrondo; daí o nome de *parã-parã* ou *marã-marã,* de onde proveio *paranã* e *maranã,* ou seja — o mar. A transmutação das consoantes *p* e *m* não é obra *dos* Tupis, mas dos brancos, que ouviram e entenderam diferentemente, conforme a ocasião ou as pessoas que trataram com os Índios.

O P.º Constantino Tastevin, grande sabedor da língua indígena, escreve no seu dicionário que o prefixo *cara* não tem significação determinada. Montoya assinala *caracatú, carambui, carapá, carapong,* vocábulos onde Testevin entende haver significação apenas em *catú, bui, apa, ponga.* Assim, *cara* será designação de homem, bicho ou coisa. E *caramurú,* homem do barulho, ou homem do mar, porque *muru* não é apenas barulho, mas o mar que faz barulho. Pode ainda o nome ter vindo do tiro que Diogo Álvares disparou. Portanto, não nos podemos fechar dentro da moreia, que, por qualquer motivo, pode ter o mesmo nome. Se *caraíba* é homem mau, ou estrangeiro, porque *caramurú* não há-de ser do estampido? A todas as opiniões, preferimos a de Simão de Vasconcelos, que narra na sua *Crônica da Companhia de Jesus* o episódio do tiro, acrescentando haver Diogo Álvares conseguido salvar do naufrágio alguns barris de pólvora e alguns arcabuzes. Parece-nos mais lógico haver Diogo Álvares escapado de ser comido pelos Índios, em razão da arma de fogo, que lhe deu o título de homem do raio, ou do trovão, ou que estoirava como o mar ou como o raio, do que pelo fato de se parecer com algum peixe, o que mais depressa o levaria a ser devorado... Aliás, Simão de Vasconcelos é claro quando

diz: "foi tido por homem portentoso contra quem não eram capazes seus arcos: e aqui lhe acrescentaram o nome, chamando-lhe o grande Caramurú". (*Crônica da Companhia de Jesus,* Livro I, n.º 36).

22 "Nestes termos estava quando chegou a esta Bahia huma nau francesa, determinou passar nela a Portugal por via França, e carregando-a de páo brasil, embarcou a mais querida de suas mulheres, dotada de fermosura, e Princeza daquela gente. Fez-se á vela, não sem grande inveja das que ficaram. Delas contam alguns que chegaram a lançar-se a nado seguindo a nau com perda de huma que ficou afogada nas ondas. Chegando á França, foi ouvida sua história do Rei e da Rainha com satisfação, como cousa não nova: folgavam de ver a esposa, individuo extranho de hum novo mundo. Trataram de bautizar a ela, e casar a ambos na face da Igreja. Celebrou este casamento um Bispo, dignando-se de serem os padrinhos os próprios reis. Houve ela por nome Catarina Alvares, sendo o do Brasil Paraguassú. Deram-lhe a Rainha e outros Senhores titulares ricos vestidos e muitas joias, mas não consentiram passarem a Portugal. O que visto, por meio de um portugues por nome Pedro Fernandes Sardinha, que acabara em Paris seus estudos, e voltava a Lisboa, fez aviso a El-Rei D. João o III da bondade da barra e terra da Bahia, afim de que a mandasse povoar. Este Pedro Fernandes Sardinha, depois de feita sua recomendação, foi despachado por El-Rei para a Índia, por Vigario Geral; e he o mesmo que depois veiu por primeiro Bispo do Brasil..." (Simão de Vasconcelos, *Crónica da Companhia de Jesus,* Livro I, n.º 37, págs. 26 e 27 do 1.º Volume, 2.ª ed.).

23 "A democracia realizava-se ampla e bárbara em todo o continente, onde as castas desapareciam no episódio comum da conquista da terra. Os desbravadores do sertão, os mineradores, os caçadores de índios, os fundadores da agricultura, os construtores dos primeiros caminhos, os tropeiros, os carreiros, os vendeiros, os sitiantes, o caboclo roceiro ou pastor, essa grande massa rarefeita, espalhada pelo imenso território, não conhecia nem prerrogativas, nem privilégios, nem separações profundas de classes, nem diversidade de situação econômica influindo nos costumes e nos processos de vida. Realizava-se na terra brasileira uma democracia de hábitos, que independiam de fórmulas e de teorias, de institutos políticos e de expressões formais cristalizadas nas letras da lei. É curiosa a observação do espírito então dominante, pelo contraste entre a realidade *formal* e a realidade *prática* da nossa existência e das nossas relações sociais. Ao desembarcar no Brasil, o colono da melhor estirpe, habituado às distinções das castas fidalgas, os moços da corte, os nobres de todo o jaez, viam-se forçados, pelas contingências do meio físico e pelo sentido da vida americana, a irmanarem com burgueses audaciosos e plebeus sem origem. Essa confraternização se operava, a despeito de quaisquer prevenções, que separavam, nos primeiros tempos, os espadachins ou doutores, com fumaças aristocráticas, dos elementos já radicados na terra. E, após, os descendentes dos entrantes não tinham memória de fundas diferenças. A ação da terra era decisiva. A vida igualitária, essa larga democracia em que se realizava o povo nas suas relações sociais, não era uma cousa conquistada pelas classes inferiores às superiores, como se deu mais tarde na Europa depois da Re-

volução Francesa; ao contrário, era uma adaptação dos tipos mais elevados às condições de vida das populações inferiores". (Trechos da *Psicologia da Revolução*, de Plínio Salgado, Cap. IV da II Parte. Ed. de São Paulo, 1934).

24 "Os ecos destes "saltos" tinham chegado a Lisboa e já no Regimento de Tomé de Sousa se consigna que quem ousar saltear Índios "morra de morte natural" (P.ᵉ Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus*. Tomo II, Cap. IV, § 1.º, em referência a *Rev. do Inst. Bras.*, 61, P., 58, § 28).

Na mesma página, o erudito historiador jesuíta escreve: "É conhecida a Letra Apostólica do Papa Paulo III, *Veritas ipsa*, do dia quarto Kal. Iunii (29 de maio) de 1537, declarando que os Índios são seres racionais, como todos os homens; que não são inábeis para a fé católica; e que se tem dito o contrário para mais facilmente os escravizarem; mas que eles não estão nem devem ser privados de liberdade".

Quanto a D. Sebastião, já nos referimos no capítulo II deste livro e na 8.ª nota, à sua "Lei sobre a liberdade dos gentios das terras do Brasil".

25 José de Alencar, *Iracema*. O mais belo romance-poema do período romântico do Brasil.

CAPÍTULO V

26 O primeiro a estudar, conhecer, codificar, ensinar e escrever corretamente a língua tupi foi o P.ᵉ José de Anchieta. A sua gramática constitui verdadeiro monumento, na opinião de outro grande conhecedor do idioma selvagem, o general Couto de Magalhães. O mesmo general Couto de Magalhães cita, em seguida, como as mais preciosas obras no gênero, as do P.ᵉ Montoya (Antonio Rodriguez), espanhol. Vêm depois a gramática do P.ᵉ Luís Figueira e o catecismo em língua brasílica do P.ᵉ Luís Vicente Mamiani e os sermões na mesma língua do P.ᵉ Nicolau Japuguay. Do século XIX, o autor de *O selvagem* aponta *A Diccionary of the Tupy language as spoken by the aboriginis, collected by John Luccock*, cujo manuscrito o grande poeta e mestre da língua indígena António Gonçalves Dias obteve em Viena e remeteu ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. O próprio Gonçalves Dias publicou um *Dicionário da língua tupi*. Ainda do século XIX são a *Crestomatia da língua brasílica* de Ernesto Ferreira França; *Glossaria Linguarum Brasiliensium* de Martius; o *Vocabulário* do P.ᵉ M. J. S., para uso do Seminário do Pará; e a *Gramática* do coronel Faria, professor dessa cadeira no mesmo Seminário. A essas obras indicadas pelo general Couto de Magalhães, podemos hoje acrescentar os seus próprios trabalhos, que abrangeram não só os assuntos gramaticais e os vocabulários, mas a compilação de lendas e fábulas tupis e o mais completo estudo, até então, da etnografia brasiliense. Lugar de destaque merecem as obras de Baptista Caetano, profundo sabedor da língua dos Índios; Barbosa Rodrigues, o autor do notabilíssimo *Poranduba;* Teodoro Sampaio, mestre acatado e do maior prestígio entre os estudiosos do seu e do nosso tempo; Mendes de Almeida, Alarico Silveira, o P.ᵉ Tschauer, o P.ᵉ Taste-

vin, Stradelli, e outros, sendo dignos de apreço os recentes trabalhos de Eugênio de Castro (sobre geografia brasílica), Bernardino José de Sousa e do incansável e brilhante Plínio Airosa, professor de tupi na Universidade de São Paulo.

27 "O bilinguismo mamaluco é geral a esse tempo. Marcaria indelevelmente o português do Brasil. O tupi está para ele como o árabe para o galaico-português. O africano chega quando os nomes de utensílios, de árvores, de bichos, de lugares, já tinham sido dados pelo índio ou pelo neto mamaluco. Vem daí a profusão de denominações tupis que nos enriquecem a linguagem, depósito lingüístico que ficou quando refluiu, vencido pelo idioma da Europa, o das selvas. Sucedera isto na península. Também lá o lusíada cristão repeliu, extinguiu o islamismo, absorvendo nas alianças consanguíneas o resto dos mouros que as guerras de reconquista deixaram nos reinos refeitos: mas os objetos domésticos e agrícolas, indicativos de indústria, de comércio, de vida vulgar, continuaram arábicos". (Pedro Calmon, *História do Brasil*. Tomo I, III Parte, Cap. XVI).

CAPÍTULO VI

28 A pacificação dos tupinambás de Iperoig constitui uma das mais gloriosas páginas da ação dos jesuítas em terras do Brasil. O heroismo de Anchieta atinge aí a máxima grandeza. Devendo uma embaixada de tupinambás ir a São Vicente negociar a paz com os portugueses, ficaram como reféns em Iperoig o P.e Nóbrega e o jovem apóstolo das selvas. Tardando o regresso dos enviados, obteve o P.e Nóbrega consentimento dos indígenas para ir ver o que se passava, deixando Anchieta sozinho no meio dos terríveis canibais. Durante o cativeiro, que foi cheio de sobressaltos e ameaças, assim como de tentações, Anchieta escreveu o seu poema à Virgem, utilizando-se de uma vara como pena e da areia da praia como papel. À proporção que decorava as estrofes que compunha, o poeta ia escrevendo outras. Quando terminou a dura prova, o poema estava concluído e os tupinambás pacificados. Pode-se dizer que desse episódio dependeu o êxito da fundação do Rio de Janeiro e da própria segurança de São Vicente e São Paulo de Piratininga, porque a aliança dos Índios de Iperoig aos Portugueses impedia a confederação das tribos desde S. Vicente ao Rio de Janeiro, o que animaria os goitacazes e os hórridos aimorés a tomarem parte na sublevação geral engendrada pelos Franceses.

29 "Fundada a cidade, deram-lhe o nome do santo do dia e (curiosa coincidência) esse santo é aquele cuja figura estamos acostumados a ver com o corpo crivado de flechas, escorrendo sangue pelas feridas. Não era apenas o padroeiro da cidade fundada no dia de São Sebastião. Nele havia o símbolo da própria terra, a representação daqueles heróis obscuros que morreram sob as flechas dos tamoios". (Cassiano Ricardo, em nota ao Cap. III do 1.º Volume de *Marcha para Oeste*).

CAPÍTULO VII

30 O Brasil é hoje o 4.º produtor de açúcar do mundo, não sendo o primeiro porque o governo proibiu o aumento dos canaviais, para evitar a baixa do produto... (Decreto n.º 22.981, de 1933).

31 "A cana era riqueza nativa na Ásia Menor, nas regiões por que passaram os cruzados. Conhecendo o açúcar que as populações extraíram da planta, levaram-na para a Europa. A cana-de-açúcar, porém, não se aclimou no solo europeu e exíguos foram os resultados da sua cultura tentada na Itália, Sicília e Espanha. Transplantada mais tarde para a América, logo após a sua descoberta, de tal modo o solo e o clima se lhe mostraram favoráveis, que ela se desenvolveu com muito maior exuberância do que na terra natal.

Nos primeiros tempos de cultura da cana, antes de se tornar de uso corrente e diário, o açúcar da América era vendido nas farmácias, sob prescrição médica, para combater determinadas moléstias". (Valdemiro Potsch, *O Brasil e suas riquezas*, pág. 113).

32 "Estas operações eram feitas muitas vezes diretamente com os *régulos* africanos, ou *sobas*, induzidos ao infame negócio. Por uma mercadoria destas, os homens vendiam suas mulheres e seus filhos. Um missionário, o padre Cavazzi, conta-nos que vira um negro do Congo em desespero porque já não tinha ninguém para vender, já tinham ido irmãos, irmãs, filhos, mãe e pai" (Artur Ramos, *A aculturação negra no Brasil*).

33 Caio Prado, no seu interessantíssimo livro *Formação do Brasil Contemporâneo*, Vol. I — Colónia — escreve (pág. 109): "Antes do surto econômico que caracteriza a história de S. Paulo no correr do século XIX, e que lhe trouxe sucessivamente, depois de grandes levas de escravos, a considerável imigração europeia, pode-se dizer que era de mestiços de branco e índio, em doses que iam do quase índio nas classes inferiores ao quase branco nas superiores, a composição étnica da capitania".

34 "Não havia baile ou cerimônia familiar a que o dono da casa, querendo garantir riso na festa, não convidasse o Teotônio. E entre as habilidades deste, conta Manuel António de Almeida, estava a de cantar admiravelmente "em língua de negro". Por aí se percebe que era ainda considerada coisa espetacular e rara, verdadeiro exotismo nas funçanatas de brancos, a música e a linguagem dos pretos... "é de notar que devendo o romancista descrever uma cerimônia de feitiçaria, não prefira candomblés, se esqueça dos negros e vá buscar um "caboclo" nos mangues da Cidade Nova. Isso nos prova, imagino, que ainda não eram muito conhecidos dos brancos nem tinham sobre estes qualquer influência os ritos feiticistas africanos. Aliás, a mesma ignorância persiste nos outros cronistas do tempo. Prova que, com as práticas religiosas dos negros, coexistem, talvez mais nacionalmente importantes então, princípios urbanizados de religiosidade supersticiosa de base ameríndia" (Mário de Andrade, Introdução às *Memórias de um Sargento de Milícias*, na edição da Liv. Martins, S. Paulo, 1941).

CAPÍTULO VIII

35 Couto de Magalhães, *O selvagem.*

36 Gustavo Barroso, em sua erudita (e até hoje única no gênero) *História Militar do Brasil*, mostra-nos como se formavam essas tropas irregulares, que nomeavam elas próprias os seus chefes, organizando-se em terços de índios, de brancos, mais tarde de pretos. Quanto à denominação da tropa sertanista, divergem os autores. Entre estes, temos à mão Augusto de Lima Júnior *(A capitania de Minas Gerais)*, o qual, em nota ao Cap. I daquele livro, retifica o texto onde diz ser o nome "bandeira" de origem espanhola, pois encontrou na *Ordenança de D. Sebastião*, em 1563, esse nome designando milícia rural; e Cassiano Ricardo *(Marcha para Oeste)*, que se baseia em documento de 1674, para concluir que a denominação da milícia desbravadora cingia-se à linguagem puramente local, uma vez que o tal documento diz: "bandeira como eles lhe chamam". Parece-nos o mais certo conciliar as duas opiniões. A denominação era local, paulista, mas muito provavelmente inspirada no nome da milícia aludida na Ordenança.

Cassiano Ricardo distingue "bandeira" de "entrada". — A "bandeira", tomada não já no sentido de milícia, mas de empresa sertanista, é a penetração além do meridiano das Tordesilhas, com o fim de descer índios, ou descobrir e explorar minas de ouro, prata e pedras preciosas; a "entrada" tem menor área e menor duração e objetiva o desenvolvimento da agricultura e da pecuária.

37 Olavo Bilac, *O Caçador de esmeraldas*, em *Poesias.*

38 e 39 As Atas da Câmara Municipal de São Paulo assim como os Inventários e Testamentos foram publicados por iniciativa de Washington Luís, ilustre estadista brasileiro, historiador, antigo Presidente da República, no tempo em que exerceu o cargo de prefeito da Capital paulista.

40 Cassiano Ricardo, *ob. cit.*

41 Mesmo depois das minerações, os paulistas não realizaram no planalto uma vida confortável e faustosa. O sonho de novas conquistas, novas terras, e a preocupação constante de viajar levaram os piratininganos a considerar a sua cidade apenas como um ponto de partida, uma base das grandes aventuras. A vida social em S. Paulo era medíocre e, excetuando o bom gosto no vestir (característica observada por todos os visitantes da cidade), não havia nem casas de aspecto nobre, nem opulência nos lares.

42 Alcântara Machado, *Vida e morte do Bandeirante.*

CAPÍTULO IX

43 Carta de queixas a D. Manuel Lobo, em 1679. (Doc. interessantes, Arquivo do Estado de S. Paulo, XLVII, 25 — cit. por Pedro Calmon, *História do Brasil*).

44 "Raça de gigantes" chamou-os Alfredo Elis Júnior no seu livro sobre o recuo do meridiano das Tordesilhas.

45 "Abrindo aos exploradores duas estradas únicas, à nascente e à foz; levando os homens do sul ao encontro dos homens do norte, o grande rio erigia-se desde o princípio com a feição de um unificador étnico". (Euclides da Cunha, *Os sertões*).

CAPÍTULO X

46 V. Augusto de Lima Filho, no seu excelente livro *A capitania de Minas Gerais*.

47 As notas predominantes deste capítulo são extraídas de *Geografia Sentimental*, livro do autor.

CAPÍTULO XI

48 "Memória política sobre a Capitania de Santa Catarina, escrita no Rio de Janeiro em o ano de 1816 por Paulo José Miguel de Brito". (Tip. da Academia Real de Ciências, 1829).

49 "Os sobreditos editais diziam: "El Rei, etc... fazer mercê aos Cazaes das ditas Ilhas que quizerem hir estabelecer no Brasil de lhes facilitar o transporte, e estabelecimento mandando-os transportar á custa da sua Real Fazenda não só por mar, mas também por terra...: e logo que chegarem a desembarcar no Brasil, a cada mulher que para elle for das Ilhas de mais de doze annos, e de menos de vinte e cinco, cazada ou solteira, se darão 2:400 reis de ajuda de custa, e aos Cazais que levarem filhos se lhes darão para ajuda de os vestir mil reis por cada filho, e logo que chegarem aos sitios que hão de habitar, se dará a cada cazal huma espingarda, duas enxadas, hum machado, huma enxó, hum martello, hum facão, duas facas, duas tesouras, duas verrumas, huma serra com a sua lima e trovadora, dois alqueires de sementes, duas vaccas e huma egoa, e no primeiro anno se lhes dará a farinha que se entender bastar para o seu sustento..." (Transcrito em *Memória política de Santa Catarina*, de Paulo José Miguel de Brito).

50 ..."Miguel Sutil, natural de Sorocaba, subiu o rio Cuiabá levando alguns camaradas para tratar das roças, que previdentemente tinha mandado plantar. Não podendo esperar recursos dos povoados, pela demora e dificuldades de transportes, essas roças eram a condição de vida para os mineiros que se abalançavam a tão afastadas paragens. Era preciso, pois, plantar e esperar que a terra produzisse, e, enquanto esperavam, a alimentação consistia na pesca e no mel". ... Sutil mandou dois índios com machados e cabaças procurarem mel; mas à noite eles voltaram com as cabaças

vazias. Sutil enfureceu-se. Um dos índios, porém, "com a calma que lhe dava a segurança de aplacar cóleras mais terríveis, respondeu-lhe: — Vieste procurar mel ou buscar ouro? E, assim falando, tirou do seio 23 granetes de ouro que pesavam 120 oitavas, explicando que os achara à flor da terra". O sertanista não dormiu essa noite. Na manhã seguinte o índio levou-o ao sítio desejado. Em poucas horas Sutil colheu meia arroba de ouro à flor da terra. Multidões de aventureiros correram para ali. Ergueu-se uma capela sob a invocação do Bom Jesus. E a cidade de Cuiabá nasceu das *lavras do Sutil*... (V. o excelente livro de Washington Luís, *Capitania de S. Paulo*, Cap. III).

51 Os romances de Paulo Setúbal *O ouro de Cuiabá* e *Os irmãos Leme* oferecem quadros e cenas expressivos dos dramas do ouro em Mato Grosso e Goiás, ouro ensangüentado por crimes horripilantes como os praticados pelos Lemes.

52 J. C. R. Milliet de Saint-Adolphe, *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil* (trad. de Caetano Lopes de Moura).

53 Em tupi: diabo velho. Nome dado pelos índios a Bartolomeu Bueno da Silva, por haver feito arder aguardente, ameaçando incendiar os rios, se os selvagens não lhe mostrassem onde havia ouro.

54 Saint-Hilaire escreveu um interessante resumo das aventuras do segundo Bueno em sua *Viagem às nascentes do rio S. Francisco e pela província de Goiás.*

55 No tomo XXIV da *Revista trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, ano de 1861, há uma desenvolvida notícia sobre a origem dos caiapós, seu descobrimento pelos sertanistas, suas guerras e pacificação, escrita por Machado de Oliveira.

56 Sobre o desenvolvimento econômico do país, produziram trabalhos dignos de consulta Calógeras, Simonsen, F. Normano, M. Lubambo e Caio Prado.

57 V. o boletim da firma Jorge Roach & Cº, de Liverpool, que reproduzimos em fototipia, fora do texto. (Arquivo particular do Autor).

58 *A voyage up the Amazon.*

59 Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz, *Voyage au Brésil.*

60 Arquivo particular do Autor.

61 C. de Melo Leitão, *Visitantes do Primeiro Império*. Desse interessante livro extraímos várias citações neste capítulo.

62 "Informação secreta que ao Ilmo. e Exmo. Snr. Marquez de Lavradio, Vice-Rey e Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brazil, invia o Governador e Capitão General Dom Luis Antonio de Souza do estado em que se acha a capitania de S. Paulo e suas Expedições". (Arquivo particular do Autor).

63 J. C. R. Milliet de Saint Adolphe, *Ob. cit.* — A população atual da capital paulista é de perto de um milhão e quinhentos mil habitantes[1].

---

1 Hoje, data desta 5.ª edição, é calculada em seis milhões, excluindo os municípios que integram a Grande São Paulo.

CAPÍTULO XII

64 Oliveira Viana, *Evolução do Povo Brasileiro.*

65 A Constituição da República, que vigorou até 1930, consignava nas suas "disposições transitórias" a construção da capital do Brasil no planalto central, em Goiás.

66 Dados fornecidos à imprensa pelo Instituto de Geografia e Estatística, em 1944.

67 Nome pelo qual se designam os naturais do Estado do Espírito Santo.

DOIS ESTUDOS CRÍTICOS

PLÍNIO SALGADO
ou A NOVA LUTA POR CRISTO

(A propósito dos seus livros "COMO NASCERAM AS CIDADES DO BRASIL". Edições Ática-Lisboa, 1946 e "A IMAGEM DAQUELA NOITE". Edições Gama-Lisboa, 1947).

UM dos mais recentes historiadores da filosofia — o espanhol Julian Marías — serve-se desta expressiva fórmula para caracterizar a tendência dominante do pensamento europeu, a partir dos meados (ou melhor: a partir do terceiro quartel) do século XIX: *retorno à tradição metafísica.* Tal é, na verdade, o sentido da corrente que se impôs nos últimos sessenta anos — dentro da qual avultam os nomes de Dilthey, de Brentano, de Bergson, de Husserl, de Scheler, de Nicolau Hartmann, de Martim Heidegger, de Ortega y Gasset, para citar apenas alguns dos mais conhecidos e representativos. Todos — e outros mais — exprimem clara, vigorosa, por vezes luminosa reação contra os velhos e rígidos postulados das filosofias positivistas, deterministas, cientificistas, materialistas, que haviam conduzido as inteligências a tristes malogros, a míseros desesperos — e a lamentáveis becos sem saída. . .

As filosofias contemporâneas, em vez de se centrarem na matéria — centraram-se na afirmação do primado do Espírito. No entanto, parece que justificam o severo diagnóstico de Sertillanges, no diálogo famoso com Bergson — quando mostrava temer que ao *frenesi materialista,* sucedesse um *frenesi de espiritualidade;* isto é, um *frenesi* de sinal contrário, mas ainda bem longe de trazer a ordem, o equilíbrio — a decisiva paz.

E porquê? Porque a busca da nova *espiritualidade* degenera, com efeito, em *frenesi;* assenta, em geral, sobre as areias movediças do meramente sensível ou desce às funduras turvas do subconsciente. Não possui ainda (ou antes: ainda não recuperou) uma forte armadura intelectual, que a salve de deter-

minados paradoxos e de determinadas quedas. Está ainda eivada das taras fundamentais de uma longa era de desvios, de insurreições e de inversões. Numa palavra: ainda é excessivamente *subjetiva*. Enquanto não reconquiste a *objetividade* perdida — terá de se consumir numa inglória e trágica impotência...

* * *

Vêm estas considerações (que hei-de, querendo Deus, desenvolver pormenorizadamente na mais próxima oportunidade) a propósito da obra e das diretrizes do escritor brasileiro Plínio Salgado —, de um modo especial, a propósito de dois dos seus últimos livros: "Como nasceram as Cidades do Brasil" e "A Imagem daquela Noite".

De fato, ninguem mais sincera e intensamente *espiritualista* do que o Autor da "Vida de Jesus" e da "Aliança do Sim e do Não". No entanto, o espiritualismo de Plínio Salgado é dos que procuram reagir contra o *frenesi* denunciado por Sertillanges. E como? Pela constante invocação da Pessoa do Homem-Deus, cuja Presença, cujo Exemplo e cuja Doutrina são, ao mesmo tempo, Amor e Ordem, Amor e Disciplina, Amor e Jerarquia.

Cristo sempre presente, sempre acatado e obedecido, significa, para o pensador brasileiro — e para quantos se integram há muito no mesmo quadro de valores e na observância das mesmas crenças; e para quantos só agora, ao escutá-lo, se orientam nos autênticos rumos — a certeza do caminho, o amparo na luta, a promessa infalível de Vitória e de Resgate. Trata-se de um princípio *universal* e *salvador;* universal, porque diz respeito a todos os homens; e salvador, porque os defende das próprias fraquezas, lhe dissipa as dúvidas de cada hora, lhe abre as largas perspectivas de uma vida em que podem superar-se e completar-se.

Plínio Salgado escreve, fala, combate, apostoliza sob a luz perene da obediência a Cristo; os argumentos que emprega, são colhidos nas divinas palavras; as imagens que levanta, são sugeridas pelas divinas lições, os apelos que lança, são o eco dos divinos apelos e todo o seu programa é reimplantar na consciência dos contemporâneos a figura excelsa do Filho de Deus e incitá-los a que O tomem por modelo e saibam voltar ao integral cumprimento da Sua Lei.

Porque assim é; e porque, ao serviço de Cristo, Plínio Salgado usa as armas mais eficientes e mais *atuais,* desenvolve a

mais persuasiva (direi até: *a mais imperiosa*) dialética; e porque, no seu verbo de fogo, existe uma espécie de contagioso ardor que provoca, em redor, benéfica e revolucionária efervescência — deixou entre nós tão funda esteira e continuamos a senti-lo ao nosso lado quando, já de longe, nos manda novas páginas cheias de iguais exortações. A sua batalha é a nossa: batalha sem fim pela salvação dos homens, chamei-lhe um dia. Batalha sem fim — e que, todavia, tende a colocar-nos, permanentemente, diante da segura primazia do Fim Último.

* * *

Esta a atmosfera que se respira ao ler "Como nasceram as Cidades do Brasil" — e, ainda com maior insistência, ao ler "A Imagem daquela Noite".

João Ameal
(extraído da *Rumo*, revista de cultura portuguesa, ano I, n.º 6, 1946, págs. 278 e segs.)

UM LIVRO DE PLÍNIO SALGADO

TASSO DA SILVEIRA

A crítica musical brasileira vem dando, pela pena ilustre de Andrade Muricy, lição magnífica, infelizmente inaproveitada até agora, à nossa crítica literária.

Cada rodapé de Andrade Muricy no "Jornal do Comércio" é um desafogo para o espírito. Não apenas porque o vase o escritor insigne em beleza pura, — muitos poucos, no Brasil, atingiram a sua surpreendente plasticidade expressional, — mas, sobretudo, porque ali há intrínseca honestidade de julgamento, há uma compreensividade maravilhosa, há fervor verdadeiro pela criação alheia, há esforço de penetração até a essência do complexíssimo fenomeno criador, há isenção perfeita de qualquer interesse que não seja o da arte sagrada, — que existe para que o homem manifeste sua similitude com Deus.

Tenho à vista o último dos folhetins do grande crítico, — do grande crítico de música que é também um grande crítico literário, — e ainda por ele respiro como por uma janela aberta. Nesse folhetim, Muricy trata principalmente da arte interpretativa de William Kappel e da força criadora de Villa-Lobos: duas esferas diversas da música, exigindo cada uma delas uma crítica específica. Muricy, no entanto, em ambas as esféras se move com a mesma livre agilidade, dionisíaca e apolínea a um só tempo, que deu às paginas do seu "Caminho de Musica" a esplêndida pulsação de inteligência e poesia que a todo mundo deslumbrou.

Nossa crítica literária não nos apresenta, no momento, feições assim tão arejadas e puras. Inteligências solertes, servidas de cultura sólida, estão a exercê-la, sem dúvida. Mas ambiente saudável, ar nutriente de montanha, com claridade e sol, é que nela de forma alguma encontramos. Os nossos críticos de letras estão excessivamente ocupados em definir-se a si mesmos, menos como homens do puro sonho literário do que em sua ma-

neira de considerar os problemas políticos e sociais do instante. Tão absurdamente esta preocupação dominou nossa crítica literária, que de súbito o julgamento dos livros passou a ser feito em função de atitude ideológica dos autores. Não foi difícil, por este rumo, descambarem muitos dos nossos críticos para a antipatia instintiva, que cega o crítico para a mais fulgurante beleza, se ela aparece em autor que não comungue com ele no mesmo anseio ideológico da política. Por isto, nossa crítica literária se vem tecendo de prevenção e suspicácia, de restrições ou silêncios covardes, de animosidade, insinceridade, insídias absolutamente perniciosas neste domínio, pois toda malevolência nega e exclue a capacidade de julgar.

Do panorama literário que a crítica indigena vem desdobrando de alguns anos para cá se acham ausentes a figura e a obra de Plinio Salgado, por exemplo. No entanto, Plinio Salgado deu ao mundo uma "Vida de Jesus". Digo propositadamente: deu ao mundo. Porque se trata de obra de significação universal, dado o esplendor com que o tema supremo foi nela realizado. Porque se trata de obra que vem fazendo carreira brilhante no estrangeiro: afora as quatro edições brasileiras, já esgotadas, quatro outras edições apareceram em Portugal e duas na Argentina, em castelhano, estando em preparação a primeira em língua inglesa. Porque se trata de obra da qual autoridades insuspeitas e prestigiosas, como o sr. Cardeal Cerejeira e o padre Leonel Franca, disseram coisas definitivas e consagradoras. Da "Vida de Jesus", de Plinio Salgado, todavia ainda nada se disse, com a dignidade devida, no Brasil. A crítica de penas católicas ignorou o livro magistral, que deveria ser a primeira a defender e a exaltar. A crítica exercida por admiradores leais de Plinio não encontrou espaço aberto na imprensa. Só tiveram licença de aparecer as notas depreciativas, escritas com o intuito de esmagamento político, o que significa uma grande miséria.

Não foi, contudo, apenas a "Vida de Jesus" que Plinio Salgado ultimamente nos deu, — para não falar de sua enorme obra renovadora anterior a 1937. Deu-nos ainda: "Conceito cristão da democracia", e este é um livro de pensamento político, mas em que a democracia aparece definida com lucidez extraordinária, como não são capazes de definí-la, nem de sentí-la, nem de ideá-la, os irrequietos democratas brasileiros deste momento lamentável; "A aliança do sim e do não", e esta é uma página de crítica histórica-filosófica cujo conteúdo de verdade não soube bem ao paladar dos nossos mastigadores de

caça "faisandée"; "A mulher do século XX", e êste é um opúsculo cheio de tão alta claridade de alma que fez piscar os olhos nossos aos perpétuos pescadores de águas turvas; "O Rei dos Reis", e este é um punhado de meditações tão profundas sobre o milagre cristão que muita gente preferiu não chamar a atenção para ele: e, por fim, "Como nasceram as cidades do Brasil", e esta é uma obra tão cheia de ardente amor ao Brasil, que os nossos anti-patriotas e os nossos patriotas de meia tigela acharam bem fazê-la esquecer o mais depressa possível.

Não vou, ainda desta vez, tentar o ensaio de definição completa de Plinio Salgado, de seu pensamento e de sua arte. A ebulição do instante não me propicia a serenidade necessária a trabalho de tal envergadura. Fa-lo-ei, e outros o farão, dentro em pouco. A reação virá com força bastante para neutralizar e superar a negação. Quero, porém, dizer alguma coisa de "Como nasceram as cidades do Brasil". A leitura deste livro é urgentíssima entre nós. Vem sendo excelente sua vendagem. Mas a guerra de silêncio poderá restringir-lhe a eficácia da missão. É preciso dizer aos brasileiros que eles todos devem ler este livro sem mais demora.

Estamos atravessando uma crise de enorme inconfiança nos destinos do Brasil. O secreto desalento que lavra em milhares de almas, fruto das imensas loucuras que o Brasil e o mundo cometeram nestas últimas décadas, está nos roubando a energia indispensável à luta viva desta hora. Os brasileiros precisam reviver os motivos que têm para despertar o Brasil de seu sono. E esses motivos são eficacissimamente evocados no volume de história autêntica e de autêntica poesia a que me refiro.

Em "Como nasceram as cidades do Brasil" oferece-nos Plínio Salgado o exato antídoto ao fundo envenenamento de que somos vítimas. Desta vez, não é o exemplo divino que nos aponta, para guiar-nos em nosso destino de eternidade. Também não é uma doutrina que nos apresenta, para atender às interrogações de nossa inteligência metafísica ou política. É apenas a história de como o Brasil se formou, a rememoração do que fomos capazes no passado, dos óbices tremendos que vencemos, da resistência que soubemos opor às energias adversas, — e que demonstram, em nós, virtualidades de grande povo.

Quem sabe como o Brasil se formou não desanima do Brasil. Digam-no os nossos genuinos historiadores. Digam-nos os evocadores da epopéia bandeirante, da luta com os holandeses, da conquista do Brasil às terríveis endemias. Estes, os que sa-

bem como o Brasil se formou, não se mostram pessimistas. São, pelo contrário, os eternos animadores. Entre eles, Plinio Salgado, cuja obra é, toda ela, um só arroubo de fé e confiança no Brasil.

É em linguagem muito simples que neste livro nos fala Plinio. Porém sempre incisiva e decisiva. "É preciso olhar a carta geográfica, escreve ele, para se compreender a grandeza dos homens que erigiram aquele forte (o de Principe da Beira). Quando se fala das marchas de Aníbal, ou mesmo das proezas dos heróis da mitologia grega, essas narrativas como que se apagam diante do esforço gigantesco daqueles homens no Brasil do século XVII. Os quilômetros não se contam por centenas, mas por milhares; como únicos meios de condução havia a canoa e o carro de bois. E para aquelas barrancas do Guaporé levaram-se materiais e construiu-se um monumento de pedra que perdura como afirmação gloriosa da nossa procedência nacional...".

Para história tão larga, como a do nascimento das cidades brasileiras, sem duvida é curto o espaço do volume que Plinio Salgado lhe dedica. Mas o escritor quis, justamente, fazer obra esquemática, para que facilmente a absorvessem todas as inteligências. Difícil, era, nesse esquematismo, conservar a substância da vida, de esplendor, e heroismo, que a história da fundação de nossas cidades comporta. Plínio Salgado conseguiu-o. Teve, em seu auxílio, a enorme força da poesia. Este livro, de fato, não obstante se baseie em documentação histórica, e venha recheado de dados positivos e concretos, é de natureza poemática. É, antes, um canto à energia avoenga, que dorme em nós, à espera do instante preciso para deflagrar.

Por vezes o poeta se olvida de sua finalidade prática. E deixa-se ficar sozinho no seio de seu sonho luminoso. Leia-se a página inspirada pelo canto do "sem-fim"...

Mas, é quando funde a poesia à realidade histórica que Plínio Salgado mais empolga neste livro. Como no início do capítulo VIII, intitulado: "As águias partem do Planalto":"Estamos no limiar do segundo ciclo da formação das cidades brasileiras."

É a marcha para a conquista do imenso território. Durante todo o século XVI, no Planalto de Piratininga, nasceram novas gerações adaptadas ao meio físico. Os berços de taquara, suspensos pelos cordas de cipós às cumieiras das casas, embalaram brasileirinhos morenos, filhos de índios e portugueses: são os futuros desbravadores da selva, os quais comandados por aque-

les esplêndidos tipos de capitães como Portugal os produziu desde a fundação da nacionalidade, iriam devorar léguas nas amplidões sertanejas.

Crescem, ouvindo de suas mães evocações de paisagens remotas, lendas maravilhosas de serras de ouro e prata, montanhas e esmeraldas, gênios miríficos da floresta. As narrativas despertam no sangue do caldeamento as vozes longínquas dos que desceram dos altiplanos andinos para a conquista da verde Pátria, cantando: "Iassô Pindorama koti, itamarana pô anhaatim Yara rama recê!" Ou seja: "marchemos para a região das palmeiras, com as armas erguidas nas mãos, seremos senhores daquela terra!".

As vozes pretéritas convidam a regressar pelas veredas percorridas. É a reconquista dos sertões abandonados, a saudade dos rios interiores e dos recessos da grande Terra.

Os rapazes escutam, subconscientemente, na fusão dos sangues, outras vozes. Vozes dos guerreiros brancos do outro lado do Oceano. Vozes que cresceram, num tumulto, ao tropel dos cavalos, ao retinir das espadas, estrondear de bombardas, zunir de pelouros, empurrando a mourama, levando a Cruz, atravessando o mar, e queimando-se na chama crepitante de um sonho que transfigurou a realidade histórica na magia de um símbolo.

Começa a epopéia das Bandeiras que romperam as florestas, vadearam rios, galgaram serras, cruzando e recruzando, em todas as direções, o mapa do Brasil...".

Este é o livro que precisa ser urgentemente lido por todos os brasileiros. Sobretudo pelos jovens. A crítica silencia. Pior para ela. Já tinha profanatoriamente silenciado com relação à "Vida de Jesus". O futuro reserva a essa crítica um julgamento severo.

Tasso da Silveira
(in *Idade Nova*, Rio de Janeiro, 27-10-1946)